

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

A EMERGÊNCIA DE ENUNCIADOS TEMPORAIS  
EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

SUZANA APARECIDA DIAS DE OLIVEIRA DA ROCHA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestre em Letras (área; de Concentração: Lingüística Teórica)


Florianópolis/SC

**1998**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do grau de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

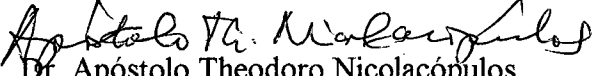
  
Prof. Dr. Loni Grimm Cabral

Coordenadora

  
Prof. Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulos

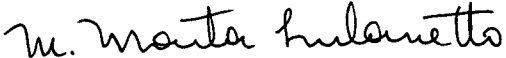
Orientador

Apresentada à Banca Examinadora:

  
Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulos



Dr.<sup>a</sup> Maria da Graça A. de Oliveira



Dr.<sup>a</sup> Maria Marta Furlanetto

Dr. Nilson Lemos Lage

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulos, pela dedicação e amizade com que me orientou durante o percurso deste trabalho.

A Prof. Avani de Oliveira, co-orientadora, amiga e grande incentivadora.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>iv</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>v</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>2</b>
<b>O TEMPO.....</b>	<b>2</b>
1.1-0 <i>Termo Gramática na Filosofia Grega.....</i>	<i>2</i>
1.2-0 <i>Tratamento filosófico dos termos - sujeito e predicado.....</i>	<i>3</i>
1.3- <i>O tratamento filosófico da categoria tempo.....</i>	<i>4</i>
1.4- <i>As Várias Gramáticas.....</i>	<i>5</i>
<b>CAPÍTULO n.....</b>	<b>27</b>
<b>A TEORIA DE CASOS.....</b>	<b>27</b>
2.1- <i>The Case for Case - um modelo não-localista.....</i>	<i>27</i>
2.1- <i>Fillmore II - um modelo localista.....</i>	<i>32</i>
2.3- <i>Chafe - um modelo semântico.....</i>	<i>36</i>
2.4- <i>Anderson - uma teoria localista.....</i>	<i>43</i>
2.5- <i>Cook - uma gramática síntese.....</i>	<i>45</i>
2.6- <i>Nicolacópulos - um modelo semântico-pragmático.....</i>	<i>56</i>
<b>CAPÍTULO m.....</b>	<b>60</b>
<b>A EMERGÊNCIA DE ENUNCIADOS TEMPORAIS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS</b>	<b>60</b>
3.1. <i>Metodologia.....</i>	<i>60</i>
3.2. <i>Predicadores Temporais Básicos.....</i>	<i>62</i>
3.3. <i>Predicadores Temporais Metaforizados.....</i>	<i>80</i>
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>117</b>

## RESUMO

O presente trabalho trata da emergência de enunciados temporais a partir de predicadores temporais na língua(gem) jornalística. Investiga o tratamento da noção de *tempo* nas diferentes gramáticas/teorias, concentrando-se na teoria de casos, formulada por Charles J. Fillmore (1968, 1971, 1975), e também desenvolvida por Wallace L. Chafe (1970), John M. Anderson (1971), Walter A. Cook (1979, 1989), entre outros, e opta pelo modelo semântico-pragmático da UFSC (Nicolacópulos 1992, Nicolacópulos et al. 1997). Os resultados da pesquisa incluem uma lista de quarenta e cinco (45) predicadores temporais, tanto básicos quanto metafóricos.

## **ABSTRACT**

The present paper deals with the emergence of temporal utterances from time predicators in journalistic text. It investigates the treatment of time in different grammars/theories, concentrating upon case grammar theory as formulated by Charles J. Fillmore (1968, 1971, 1975), and also developed by Wallace L. Chafe (1970), John M. Anderson (1971), Walter A. Cook (1979, 1989), among others, and opts for UFSC's semantic-pragmatic case grammar model (Nicolacópulos 1992, Nicolacópulos et al. 1997). The results include a list of forty five time predicators (45), both basic and metaphorical.

A presente pesquisa articula-se em torno de três eixos; um que traça o percurso pelas diferentes gramáticas/teorias em busca do tratamento do tempo, desde a gramática tradicional até a gramática transformacional; outro que delinea um quadro teórico, no qual se insere o tratamento de predicadores temporais, assentado na teoria de casos (incluída a noção de cenas), formulada por Charles J. Fillmore (1968, 1971, 1975), trafegando pelas vertentes localista e não-localista da teoria explicitadas nos modelos de Charles J. Fillmore (ibidem), Wallace L. Chafe (1970), John M. Anderson (1971), Walter A. Cook (1979, 1989) e Apóstolo T. Nicolacópulos (1992, 1997); e, em tomo do eixo central da pesquisa que trata da constituição de enunciados temporais a partir de predicadores temporais propriamente ditos (abrangendo verbos e adjetivos, usados predicativamente) assim como da emergência de enunciados temporais a partir de predicadores metaforizados em temporais no âmbito contextual do(s) enunciado(s).

Assentado no modelo semântico-pragmático da UFSC (Nicolacópulos, ibidem), o trabalho visa derivar do ‘cenário’ jornalístico de dois grandes jornais de São Paulo (de ideologias opostas) um número considerável de predicadores ditos temporais que constituem enunciados temporais na língua(gem).

## O TEMPO

### 1.1-0 Termo Gramática na Filosofia Grega

“A Gramática tradicional, como tantas outras das nossas tradições acadêmicas, remonta à Grécia do séc. V a.C. Para os gregos a “Gramática foi desde o início uma parte da Filosofia, isto é, era uma parte da sua indagação geral sobre a natureza do mundo que os cercava e das suas instituições sociais” (Lyons, 1979:4).

Como o presente trabalho está voltado para a questão do termo gramatical tempo, julgamos pertinente remontar à Grécia do séc. V a.C., para termos uma visão de como era tratado o termo *gramática* na filosofia grega.

Desde a antigüidade grega, o termo *gramática* tinha como princípio básico a arte de ler e de escrever, também de proteger e preservar da corrupção a língua pura e correta por parte dos ignorantes, dos iletrados e da fala coloquial corrente. Tinha também, como princípio, divulgar a cultura em geral, fazendo parte da educação básica, desenvolvendo assim doutrinas examinando os princípios da linguagem. A *grammatiké* dos filósofos não é, pois, a gramática no sentido comum tradicional. A *grammatiké* que corresponde ao que comumente se chama ‘gramática’ é instrumento de cultivo e preservação de valores: é obra típica da cultura helenística.” (Neves, 1987:107)

Assim, a língua falada era considerada dependente da língua escrita. E a língua dos escritores (séc. V a.C.) era considerada mais correta do que a fala coloquial do seu tempo, considerando que a “pureza” de uma língua é mantida pelo uso das pessoas cultas e “corrompida” pelos iletrados. Podemos dizer, então, segundo este raciocínio, que a língua de Platão é uma forma “mais pura” do grego do que a de algum artesão iletrado de Alexandria e que a língua falada é inferior ao padrão da língua escrita e, em certo sentido, dele dependente.

Para melhor entendermos essa evolução (gramática), e suas partes, veremos a seguir o surgimento do termo *sujeito Q predicado* segundo os mestres Platão e Aristóteles.



## 1.2-0 Tratamento filosófico dos termos - sujeito e predicado

Foi Platão (429-374 a. C.) quem diferenciou **ónoma** (nome/substantivo) e **rhema** (verbo). Segundo ele, os **onómata** (nomes/substantivos) eram termos que representavam nas frases o *sujeito* de um *predicado*, e os **rtiemata** (verbos) eram termos que expressavam ação ou atribuíam qualidade. Pode-se dizer que o *sujeito* de um *predicado* designa aquilo de que se fala, e o *predicado* é a parte da frase que diz algo daquilo que se chama *sujeito*.

Até a Idade Média não se tinha afirmado a divisão em substantivos, verbos e adjetivos. Os adjetivos e os verbos pertenciam a uma mesma classe. Aristóteles (384-322 a.C.) preservou a distinção de Platão em substantivos (substância) e verbos (acidentes) e acrescentou uma terceira classe: as *conjunções* (**syndesmoi**), que designavam palavras que não pertenciam nem a **ónoma** (nome) nem ao **rhema** (verbo).

A *czüegouà substância* passou na gramática tradicional a ser considerada como *substantivo, nome*, e sendo ela o suporte da predicação e tendo posição de precedência, é associada a *sujeito*, que Aristóteles define como “aquilo de que se pode predicar qualquer coisa, mas que por sua vez não pode predicar sobre as outras coisas.” (Apud Abbagnano, 1982:896). O que significa que os acidentes, na sua totalidade, são a revelação ou a própria manifestação da substância. Para o Mestre, o mundo é constituído de pessoas e seres (substâncias) que possuem certas propriedades (acidentes). Esta oposição entre *substância* e *acidente* é de fundamental importância para podermos entender o mundo.

Na definição de **sujeito** e **predicado**, a lógica tradicional e a gramática tradicional se apoiam firmemente uma na outra. Ambas apelam para a doutrina aristotélica das categorias de predicação, que deram uma base filosófica à concepção de que o mundo é povoado por pessoas, animais e coisas (substâncias) e de que essas *substâncias* são ou os autores ou as vítimas (agentes ou pacientes) de atividades e processos, são dotadas de certas *qualidades*, estão situadas em *lugares* particulares num determinado *tempo*, são sujeitas a mudanças.

Aristóteles empregou o termo *substância* para denominar pessoas ou coisas; e essa *substância* a que ele se refere é a primeira das dez categorias ou tipos de predicados listados em *Categorias*. Segundo ele, “as palavras sem combinação umas com as outras significam por si mesmas uma das seguintes coisas: o que (substância), o quanto (quantidade), o como (qualidade), com que se relaciona (relação), onde está (lugar), quando

(tempo), como está (estado), em que circunstâncias (hábito), atividade (ação) e passividade (afecção). (Aristóteles, 1985:47-112). Assim, os nomes próprios, como os pronomes e sintagmas que identificam uma pessoa definida ou coisa, como *João, ele e meu amigo*, são expressões nominais de uma língua, donde a designação tradicional de *substantivo* para o nome. São termos particulares, ou singulares, que denotam alguma substância definida, individual. Outras palavras e outros sintagmas, inclusive os substantivos comuns indefinidos (homem, livros, etc.) e os substantivos abstratos (bondade, beleza, etc.), assim como os verbos, os adjetivos e os advérbios, são termos universais (ou gerais), não denotam por si substâncias individuais, mas denotam ou uma classe de indivíduos ou qualidades, estados, ações, etc., que podem ser associados a indivíduos.

Segundo Lyons (1979:357), os lógicos (da filosofia aristotélica) distinguem duas espécies de termos universais: a) universais genéricos (que servem para agrupar indivíduos em classes); b) universais caracterizadores (que referem a qualidades, estados e ações). Os universais genéricos são os *substantivos comuns* e os universais caracterizadores são os *substantivos abstratos, verbos, adjetivos e os advérbios*. Podemos concluir que o princípio da lógica tradicional considera que os termos universais são encontrados tanto na posição de *sujeito* como na de *predicado* em proposições bem formadas, enquanto que os termos particulares restringem-se à posição de *sujeito*.

Feitos esses comentários, vimos como os termos *gramática, sujeito e predicado* eram tratados na filosofia grega. Como nossa pesquisa versará sobre o tratamento do **tempo**, não poderíamos deixar de lado o tratamento filosófico da categoria **tempo**.

### 1.3- O tratamento filosófico da categoria tempo

Foi Aristóteles (Neves, 1987:187) quem reconheceu a categoria **tempo** no verbo grego. Ele notou que as desinências das formas verbais relacionavam-se com noções de **tempo** como *presente* ou *passado*. Sua referência a **tempo** é como acidente verbal.

Para os estóicos, o **tempo** é algo incorporai (*asómaton*). É uma divisão do movimento do mundo (Ibidem:187) e nele perceberam a distinção entre *passado* (*paroichekós*) e *futuro*(*méllon*), reconhecendo também o valor aspectual das formas verbais gregas. Os estóicos estabeleceram quatro tempos verbais, com dois valores temporais e dois

valores aspectuais. A combinação dos dois critérios (tempo e aspecto) produziu a seguinte distribuição;

1. presente durativo (ou imperfeito) - é o presente
- 2^ presente completado - é o perfeito
- ^ passado durativo - é o imperfeito
- 4^ passado completado - é o mais-que-perfeito.

Este tratamento do **tempo** vai passar para as primeiras gramáticas.

Dionísio, o Trácio, classifica os *tempos verbais* em três categorias. Atribui quatro variedades aspectuais à categoria *passado*, ficando o *presente* e o *futuro* sem especificações quanto ao aspecto:

1. passado :
  - a) durativo (imperfeito); b) completado (perfeito); c) completado no passado (mais-que-perfeito) e d) indeterminado (aoristo)
2. presente
3. futuro.

A gramática de Dionísio, o Trácio (fim do séc. II a.C.), foi a primeira descrição gramatical publicada no mundo ocidental, acrescentando o advérbio, o particípio, o pronome e a preposição. Todas as palavras gregas eram classificadas segundo as categorias de *caso*, *gênero*, *número*, *tempo*, *voz*, *modo*, etc. Dionísio não se ocupou explicitamente da sintaxe, dos princípios segundo os quais as palavras se combinavam em fi-ases. Somente uns três séculos mais tarde Apolônio Discolo (séc. II d.C.) fez uma análise gramatical do grego.

Em relação ao **tempo**, Apolônio Discolo diz que o presente é o primeiro deles e serve de tempo de comparação para todos os outros. Ele toma o presente como ponto de referência; a partir daí pode-se considerar uma ação completa ou não.

#### 1.4- As Várias Gramáticas

Como o presente trabalho alude à questão **temporal**, julgamos pertinente uma “olhada atenta” nas gramáticas consideradas tradicionais que servem de apoio ao ensino.

Em seguida à gramática tradicional revemos o **tempo** no estruturalismo e no transformacionalismo.

Procederemos, neste item, a uma pesquisa **nas gramáticas tradicionais ou normativas**, para rastrear em que categorias gramaticais encontra-se espalhada a noção de **tempo**. Para tanto mostraremos como os gramáticos lidam com a categoria tempo. Escolhemos Celso Cunha (1980), Evanildo Bechara (1972), Rocha Lima (1976), Napoleão Mendes de Almeida (1965), Celso Pedro Luft (1976; 1989), Domingos Paschoal Cegalla (1981), Hildebrando A. de André (1982), Roberto Melo Mesquita (1996) e Luiz Antônio Sacconi (1982). Em suas gramáticas, fomos procurar os itens em que poderiam figurar **elementos temporais**, que são conceituados, por eles, como termos acessórios da oração.

Selecionamos alguns exemplos e iniciamos com um pequeno comentário de Ulisses Infante (1995:384) sobre termos acessórios da oração.

“Falar em termos acessórios da oração pode sugerir a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das frases e textos. Essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, que se organiza em torno do verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. Isso não significa, no entanto, que sejam supérfluos, as informações que transmitem são fundamentais a uma comunicação satisfatória”.

Temos a impressão de que a função do adjunto adverbial é frequentemente confundida com a do complemento adverbial, mas difere fundamentalmente dele, pelo fato de ser o adjunto um termo acessório da frase e o complemento adverbial um termo integrante, necessário à complementação da idéia expressa pelo verbo. Embora os adjuntos adverbiais tragam um dado novo à oração, não são indispensáveis à interpretação do conteúdo básico da oração.

Dentro desta linha, Celso Cunha (1982: 159) define adjunto adverbial como sendo “o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio”.

O referido autor apresenta como adjunto adverbial de **tempo**, na “Gramática da Língua Portuguesa”, apenas dois exemplos:

- (1) “Havia *nessa noite* teatro lírico”
- (2) “*Hoje* despertei cheio de lembranças”.

Para Evanildo Bechara (1972:211), adjunto adverbial é como um termo oracional de natureza acessória que exprime uma circunstância adverbial em referência ao verbo, adjetivo ou outro advérbio. Exemplos de advérbios em Bechara:

- (3) Os abusos, como os dentes, *mnca* se arrancam *sem dores*.
- (4) O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de famintõ*.
- (5) As pessoas *mais* devotas são *de ordinário* as *menos* religiosas.
- (6) É necessário subir *muito alto* para *hem* descortinar as ilusões e angústias da ambição, poder e soberania.

*Nunca*: adjunto adverbial de tempo, em referência ao verbo arrancar

*Sem dores*: adjunto adverbial de modo, em referência ao verbo arrancar

*De faminto*: adjunto adverbial de causa, em referência ao verbo parecer

*Mais*: adjunto adverbial de intensidade, em referência ao adjetivo devotas

*Menos*: adjunto adverbial de intensidade, em referência ao adjetivo religioso

*De ordinário*: adjunto adverbial de tempo, em referência ao verbo ser

*Alto*: adjunto adverbial de modo, em referência ao verbo subir

*Muito*: adjunto adverbial de intensidade, em referência ao advérbio alto

*Bem*: adjunto adverbial de modo, em referência ao verbo descortinar.

Segundo Bechara, o adjunto adverbial é expresso por:

a) advérbio: *Nunca* se arrancam

As pessoas *mais* devotas

b) locução adverbial: Arrancam-se *sem dores*

*São de ordinário*

Advérbios de base nominal ou pronominal podem desempenhar na oração papéis sintáticos próprios de nomes e pronomes. Assim, *hoje* (que se prende ao substantivo *dia*) aparece nitidamente como sujeito em:

(7) Hoje é segunda-feira.

*Aqui*, de base pronominal, com o valor de este lugar, funciona como sujeito em:

(8) *Aqui* é ótimo para a saúde

Como nosso objetivo é examinar o tratamento do **tempo** nas gramáticas, limitarmos-nos-emos, daqui por diante, aos adjuntos adverbiais de tempo (que são expressos pelos advérbios e pelas locuções ou expressões adverbiais) na Gramática Normativa.

Rocha Lima (1976:153) não difere muito destes autores analisados, em sua definição de advérbios. Para ele advérbios “são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias *circunstâncias* que cercam a significação verbal.” Alguns advérbios, chamados de *intensidade*, podem também prender-se a adjetivos, ou a outros advérbios, para indicar-lhes o grau: (exemplo do próprio autor) vender  *muito barato* (= baratíssimo),  *muito* belo (=belíssimo).

O autor acima citado faz uma classificação entre o que ele chama de advérbios: de dúvida; de intensidade; de lugar; de modo e de tempo.

Nos advérbios de **tempo**, ele relaciona os seguintes conectores; ainda, agora, amanhã, ontem, logo, já, tarde, cedo, outrora, então, antes, depois, imediatamente, anteriormente, diariamente, etc.

Em sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa, aparecem somente dois exemplos de adjuntos adverbiais de tempo.

(9) *Quando* se realizou o concurso?

(10) Viajaremos *cedinho*.

Em Napoleão Mendes de Almeida (1965:391), o adjunto adverbial de **tempo** recebe a seguinte definição: adjunto adverbial “não é exigido pelo verbo; é um complemento accidental, e não essencial; é, enfim, um termo acessório da oração, que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio.”

Se a oração “Pedro morreu” (de sentido perfeitamente completo, pois o verbo é intransitivo e, como tal, nenhum complemento pede), acrescentarmos uma idéia acessória, dizendo, por exemplo, “Pedro morreu no ano passado”, *no ano passado* constituirá um *adjunto adverbial de tempo*.

E, ainda, chama atenção para não confundirmos o adjunto adverbial com o objeto indireto: o objeto indireto vem acompanhado de preposição e é exigido pelo verbo, ao passo que o adjunto adverbial não é exigido. Por exemplo: “Fui a Belo Horizonte”, o complemento “a Belo Horizonte” não é objeto indireto, mas adjunto adverbial. O verbo ir é um predicador de dois argumentos, se eu vou, vou a algum lugar, portanto o complemento “a Belo Horizonte” será analisado como adjunto adverbial de lugar. Outro exemplo: “Viver de esmolas” ; nesta oração, “de esmolas” não é o objeto indireto, porque “viver” não é verbo transitivo indireto, mas verbo intransitivo.

o autor citado classifica os adjuntos adverbiais e, entre eles, está o adjunto adverbial de tempo. Como tantos autores, ele também não conceitua e nem comenta sobre o adjunto adverbial de tempo, apresentando alguns conectores como exemplo: quando; em quanto tempo; há quanto tempo; por quanto tempo; de quanto em quanto tempo; para quando e quantas vezes.

Celso Luft (1989:121) conceitua o termo acessório da oração como sendo um termo não rigorosamente necessário à compreensão do enunciado. Conceitua o adjunto adverbial como o termo que modifica verbos, adjetivos, ou advérbios, e às vezes todo um enunciado.

Luft (1976:106-107), em sua Gramática Resumida, classifica o advérbio em: *a) não interrogativos*, de lugar, de tempo, de modo, de dúvida, de intensidade, de afirmação e de negação; *b) interrogativos(pronomes indefinidos interrogativos adverbiais)*: de lugar, de tempo, de modo e de causa. O autor lista as seguintes palavras para o advérbios de tempo (não interrogativos): hoje/ontem/amanhã; sempre/nunca; agora, já, logo; cedo/tarde; antes/depois; etc. E para os advérbios de tempo interrogativos o pronome: *Quando*.

Segundo o autor, adjunto adverbial é o termo que modifica verbos, adjetivos, ou advérbios, e às vezes todo um enunciado. Pode ser expresso por: um advérbio, uma locução adverbial, um sintagma preposicional ou uma oração adverbial. (Ibidem: 142)

Segundo Cegalla (1981:170), advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio. A maioria dos advérbios modificam o verbo, ao qual acrescentam uma circunstância. Só os de intensidade é que podem também modificar adjetivos e advérbios. De acordo com as circunstâncias ou a idéia acessória que exprimem, os advérbios se dizem de: afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação e tempo.

Para Cegalla, os advérbios de tempo são: agora, hoje, amanhã, depois, ontem, anteontem, já, sempre, amiúde, nunca, jamais, ainda, logo, antes, cedo, tarde, ora, afinal, outrora, então, breve, aqui, nisto, aí, entrentes, brevemente, imediatamente, raramente, finalmente, comumente, presentemente, etc.

Cegalla não difere de outros autores tradicionalistas, quando conceitua adjunto adverbial. Para ele, adjunto adverbial é o termo que exprime uma circunstância(de tempo, lugar, modo, etc.) ou, em outras palavras, que modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio. O exemplo, abaixo discriminado, foi citado pelo próprio autor.

(1 \) *Meninas numa tarde brincavam de roda na praça.* (Geraldo França de Lima)

Hildebrando André (1982:181) também se refere ao advérbio como modificador do verbo, do adjetivo ou o próprio advérbio, exprimindo uma circunstância. Os advérbios dividem-se em: lugar, tempo, modo, intensidade, afirmação, negação, dúvida.

Para ele, como tantos outros citados anteriormente, adjunto adverbial é o termo da oração que modifica o verbo. Os adjuntos adverbiais se classificam segundo a circunstância que exprime: tempo, lugar, modo, causa, fim, dúvida, intensidade, etc. É o adjunto adverbial representado por um advérbio, por uma locução ou expressão adverbial.

Exemplos de adjunto adverbial de **tempo**:

1. Tenho *agora* o livro
2. Cheguei *agora*
3. *Iréi amanhã*
4. Venha *ceifo*
5. Chegarei *icye*
6. Parti *owtem*
7. Não venhas *tarde*
8. *Anteriormente* havia dito o contrário
9. *Quando* chegaste?
10. Ficarei *sempre* aqui
11. *Nunca* chegaremos lá.

Para Mesquita (1996:421) *adjunto adverbial* é o termo que serve para modificar ou intensificar o sentido do verbo, do adjetivo ou do próprio advérbio, atribuindo-lhes uma circunstância. Observe neste exemplo que o autor Mesquita tirou do verso de Vinícius de Moraes:

- (12) ““*Ninguém podia dormir na rede  
Porque na casa não tinha parede.*”

Para o autor, é preciso ter em mente que o adjunto adverbial representa uma idéia acessória à mensagem. Ele não deve ser confundido com o objeto indireto nem com o complemento nominal que são termos integrantes da oração.

Portanto, em fi-ases como:

- (13) Ele chegou *de trem*.  
(14) Ele precisa *de amor*.



Os termos em destaque - *de trem* e *de amor* - não se confundem em construções sintáticas, pois, na primeira, o verbo *chegar* é intransitivo e *de trem* é adjunto adverbial. Na segunda frase, *precisa* é verbo transitivo indireto, e *de amor* é seu complemento, um objeto indireto.

O referido gramático arrola os seguintes adjuntos adverbiais: de tempo, de lugar, de modo, de negação, de afirmação, de dúvida, de intensidade, de meio, de causa, de companhia, de instrumento e de finalidade.

No adjunto adverbial de tempo, ele enumera três exemplos:

(15) *“Agora o asfalto anda em Tabatingüera”* (Mário de Andrade)

(16) *“Outro dia eu estava distraído...”* (Rubem Braga)

(17) *“Nesses dias amou a mãe com mais força”* (Ivan Ângelo).

Para ele, os *advérbios de tempo* estão representados pelos elementos: ontem, hoje, amanhã, agora, depois, logo, cedo, tarde, breve, nunca, sempre, jamais, já, outrora, presentemente, raramente, antes, ainda, anteriormente, diariamente.

Para Mesquita, os *advérbios interrogativos*, em geral, indicam circunstância de; causa, lugar, modo e tempo. Por exemplo: Circunstância de tempo: *quando*

(18) *Quando* farás a prova?

(19) *“Não sei até quando a gente vai ter que carregar esse povo nas costas”* (Lygia F. Telles).

Segundo Sacconi (1982:272), “Adjunto Adverbial é o termo de valor adverbial que gravita quase sempre em torno de um verbo”. Por exemplo:

(20) Meus cabelos caíram *rapidamente*.

O termo *rapidamente* é adjunto adverbial porque gravita em torno do verbo (caíram rapidamente).

Os adjuntos adverbiais de intensidade gravitam apenas em torno de um adjetivo (muito bom, pouco recomendável, etc.) ou de um advérbio (muito mal, pouco tarde, etc.)

Sacconi faz uma observação na seguinte oração:

1. “Minha ida a Lajes é necessária”, a expressão *a Lajes*, apesar de dar idéia de lugar, não gravita em torno de verbo, nem de adjetivo, nem de outro advérbio. Portanto, não é adjunto adverbial; trata-se de um complemento nominal (*ida* é substantivo). A NGB, contudo, considera tais complementos como adjuntos adverbiais.

2. Para o autor quase tudo vira advérbio, podemos destacar os adjuntos adverbiais; *de acréscimo, de afirmação, de assunto, de causa, de companhia, de concessão, de conformidade, de dúvida, de favor, de finalidade, de limitação, de lugar, de matéria, de medida, de meio, de modo, de negação, de oposição, de preço, de proporção, de quantidade, de reciprocidade, de simultaneidade, de substituição, de tempo.* ”

Sacconi, em sua Gramática, enumera alguns exemplos de adjunto adverbial de **tempo**: *De pequenino é* que se torce o pepino. As crianças comeram *às pressas*. Seu avô viverá *muitos anos* (= por muitos anos). *Nos momentos difíceis é* que se conhece o verdadeiro amigo.

Na verdade, as definições propostas pelos vários autores para tais complementos são circulares e pouco esclarecedoras. Conseguimos encontrar nas gramáticas desses autores pouquíssimos exemplos de adjuntos adverbiais de tempo. Esses autores não nos levam muito longe no sentido de chegar a uma conceituação satisfatória.

Os autores são unânimes em definir os *adjuntos adverbiais* como termos acessórios da oração. Por esta definição, subentende-se que os termos acessórios, mesmo sendo dispensáveis na oração, como bem determinam os autores, são termos fundamentais a uma comunicação satisfatória.

Analisamos nas gramáticas consideradas tradicionais, que servem de apoio ao ensino, os *termos acessórios da oração*, especificamente o **adjunto adverbial de tempo**.

Já **dentro do estruturalismo**, vamos analisar Joaquim Mattoso Câmara Jr.(1974) e José Rebouças Macambira (1987), que se distinguem dos gramáticos anteriormente analisados, enquadrados dentro do que se chama gramática tradicional. Veremos como se posiciona cada autor a respeito da categoria **tempo**. Para tanto, analisaremos questões como definição e função dos adjuntos adverbiais, em especial o **adjunto adverbial de tempo**.

Para Mattoso Câmara Jr. advérbio é um nome ou um pronome que pode aparecer fixado numa função especial *modificadora* de um verbo ou de um nome. Para ele “é, em essência, o que fazem *advérbios* nossos como ali, de súbito, antes, hoje.” (1974:159)

Por um lado, os advérbios possuem uma característica funcional para melhor particularizar o sentido da frase e, por outro lado, a circunstância de serem partículas pronominais, clíticas, ou nomes fixados num dado caso e especializados para esse funcionamento.

Câmara Jr. adota a hierarquia funcional dos vocábulos na frase (de Jespersen (1929:96,ss.)), dividindo-os em primários, secundários e terciários, ou seja, *principais, adjuntos e subjuntos*.

De acordo com o quadro da hierarquia funcional dos vocábulos na frase, Câmara Jr. classifica os advérbios como subjuntos ou terciários. Para ele, advérbio é o determinante de outro determinante, modificando o adjetivo, o verbo ou o verbo conjugado com seus complementos essenciais, porque este é determinante de um nome ou pronome sujeito.

Câmara Jr. chega ao seguinte quadro, jogando com os critérios morfo-semântico e funcional:

Nome - substantivo (termo determinado)  
adjetivo (termo determinante de outro nome)  
advérbio (termo determinante de um verbo)  
Verbo  
Pronome - substantivo (termo determinado)  
adjetivo (termo determinante de um nome)  
advérbio (termo determinante de um verbo).

Em face dessa divisão morfo-semântica, a classificação funcional subdivide nomes e pronomes pela função na comunicação lingüística. Há a função de substantivo, que é a do nome ou pronome tratado como centro de uma expressão, ou *termo determinado*. E há a função de adjetivo, em que o nome ou pronome é o *termo determinante* e modifica, um nome substantivo ou tratado como determinado. Em português, o adjetivo se caracteriza por uma concordância em gênero e número com o seu determinado: *flor branca, homem bondoso, cadeiras pretas*. Um terceiro conceito tradicional, de natureza funcional também, é o *advérbio*. Trata-se de um nome, ou pronome, que serve de determinante a um verbo: *fala eloqüentemente, fala aqui*.

Câmara Jr. faz uma observação: alguns advérbios têm a função complementar, na língua, de acrescentar uma qualificação a mais a um adjetivo: *muito feliz, efusivamente feliz*.

Em relação a adjuntos, adjunto adverbial, especificamente adjunto adverbial de tempo, nada conseguimos encontrar nos livros deste autor (citados na bibliografia).

Macambira define adjunto adverbial sob três aspectos: 1° sob o aspecto semântico, 2° sob o aspecto sintático e 3° sob o aspecto mórfico. No seu Uvro *A Estrutura Morfo-Sintática do Português* (1987:313), critica a definição de advérbio como “a palavra que

exprime *circunstância*, o que resulta em círculo vicioso porque, para saber o que é advérbio, é preciso saber o que é circunstância, e para saber o que é circunstância é preciso saber o que é advérbio”.

Para ele, *circunstância* é um termo extralingüístico, não pertencendo à família dos termos lingüísticos. Apesar disto, ele próprio classifica os adjuntos adverbiais em circunstâncias adverbizadas.

No sentido etimológico da palavra: do latim *circunstans* - *antis*; *circunstância* indica uma “situação, estado ou condição em determinado momento”.

O adjunto adverbial só tem vinculação ao verbo: o advérbio é que tem vinculação ao verbo, ao adjetivo e ao advérbio.

Assim sendo, uma oração como:

{2\} *Eu viajei de avião.*

para Macambira, há circunstância por tratar-se de adjunto adverbial, mas em

(22) *Viagem de avião.*

não há circunstância por trata-se de adjunto adnominal. Para ele *circunstância* e *adjunto adverbial* só aparecem ligados ao verbo; enquanto, que, o advérbio pode aparecer tanto ligado ao verbo, como também ao adjetivo ou a outro advérbio.

Semanticamente o predicado, os termos integrantes e os termos acessórios são termos restritos da oração. O único termo que nunca restringe nada é o sujeito, sendo ele considerado o ponto de partida do enunciado. É aquele a que se pode predicar qualquer coisa (o subordinante), mas que por sua vez não pode precisar sobre as outras coisas (subordinadas). O único subordinante que nunca é subordinado, é o princípio e o fim, porque tudo parte dele e volta para ele. O sujeito será considerado como o termo essencial da oração. É identificado também o sujeito como substância, como o suporte, aquele que subjaz, ou o tema de que se trata. O sujeito é definido semanticamente como o termo sobre o qual se afirma alguma coisa. Nunca subordinado a outro termo e com que o verbo concorda.

Tomamos o exemplo de Macambira para podermos ilustrar como um termo depende de outro, para formar uma oração:

(23) *A vida passa rapidamente sobre a terra.*

*passa* restringe *a vida*, encarada como passageira; como *passa* se acha restringido por *rapidamente* e por *sobre a terra*, infere-se que *a passagem é rápida e terrena*, e

conseqüentemente a própria vida. É como se disséssemos *a vida é passageira, rápida e terrena*.

Em:

(24) *O lobo matou o tigre.*

o *lobo* é um matador, não porém um matador qualquer, mas um matador de tigre.

Assim podemos inferir que a oração é uma sucessão de termos restritos, que se restringem mutuamente, sendo o sujeito o único que nunca restringe nada, e é ele o ponto de partida do enunciado.

Para Macambira, o advérbio, além de modificar o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio, modifica também o pronome e o numeral, que pertencem à classe dos adjetivos.

Ainda sob o aspecto semântico, o advérbio pode modificar, excepcionalmente, o próprio substantivo. Nesfield (Apud Macambira, 1987) vai além desta classificação, incluindo a preposição e a conjunção, como modificadores de um advérbio.

Sob o aspecto sintático, Macambira distribui o adjunto adverbial em três classes. Primeiro, ele diz que o adjunto adverbial é constituído de advérbio; segundo que o adjunto adverbial pode ser encabeçado pelas preposições, no plano do conteúdo semântico, como por exemplo, a palavra *durante*, com forte conteúdo temporal; o terceiro poderá ser encabeçado pelas conjunções subordinadas.

O adjunto adverbial é distribuído por Macambira, sob o aspecto sintático, em três classes: adverbiadas, preposicionadas e conjuncionadas, quando expressas por: advérbio, preposição e conjunção. Apresenta exemplos como:

- a) Advérbio: *Assim* passa a glória do mundo.
- b) Preposição: Eu trabalho *até* meia-noite.
- c) Conjunção: *Se* me quiseres governar, obedece-me.

No item (c), o adjunto adverbial é oracional, isto é, constituído por oração.

Só se refere ao adjunto adverbial com base nas três classes, afirmando que as classes adverbiadas, preposicionadas e conjuncionais vão determinar quantas e quais as circunstâncias que oferece a língua portuguesa, fazendo uma espécie de crítica a alguns autores que criam várias classes de circunstâncias sem vinculação lingüística, dependendo dos caprichos e da imaginação de cada gramático.

Macambira considera a expressão circunstâncias adverbiadas em sentido estrito, para denotar a vinculação daquelas circunstâncias com determinados advérbios.

Vamos, abaixo, mostrar como aparece cada classe de advérbio na língua portuguesa.

As *circunstâncias adverbiadas* estão divididas em: adjunto adverbial de lugar, de tempo, de modo, de quantidade, de interrogação, de afirmação, de negação, de dúvida, de aprovação e de oposição.

Percebemos que, no decorrer das análises feita na Gramática Tradicional, os autores são unânimes em conceituar adjunto adverbial. Primeiramente, criam várias classes de circunstâncias ou conectores que indicam vestígio de adjunto adverbial, para depois moldarem orações que diz respeito às circunstâncias adverbiadas, como se fosse uma “camisa de força”. Macambira, ao contrário, propõe um teste mediante perguntas ou respostas expressas por advérbios simples. Esse critério é que vai identificar circunstâncias adverbiais de lugar, tempo, modo, quantidade, interrogação, afirmação, negação, dúvida, aprovação, oposição, e não um vago apelo à significação.

Assim sendo, e aplicando exemplos, vamos nos ater aos adjuntos adverbiais de **tempo**, que é o foco do nosso trabalho.

No plano da pergunta, identifica-se adjunto **adverbial de tempo** pela forma interrogativa *quando* e suas combinações (desde quando, até quando, para quando, de quando):

1. *Quando* você voltou?
2. *Desde quando* você voltou?
2. *Até quando* viverei contigo?
4. *Para quando* se prevê a inauguração?
5. *De quando* é que data a descoberta?

Passaremos a apresentar as expressões ou palavras que podem ocupar a posição da forma *quando* na oração; *Quando* você voltou?

1. *Em que tempo* você voltou?
2. *Em que ano* você voltou?
3. *Em que mês* você voltou?
4. *Em que dia* você voltou?

No plano da resposta, identifica-se **adjunto adverbial de tempo** à palavra ou expressão que responde á pergunta *quando* como em: *Quando* você viajará? Admitindo as seguintes respostas:

1. Viajarei *hoje*; viajarei *amanhã*

2. Viajarei *cedo*; viajarei *tarde*

3. Viajarei *sempre*; *nunca* viajarei.

Macambira inicia a exemplificação com advérbios simples, seguidos de locuções ou expressões adverbiais. Para ele, os advérbios simples são os que mais marcam lingüisticamente uma circunstância adverbial. A locução seria um termo fraco quanto ao valor adverbial, enquanto que o advérbio não nos transmite dúvidas quanto ao seu valor de verdade. Por isso é que o autor, ao analisar uma circunstância, considera como pré-requisito um advérbio simples para identificar a expressão em análise. Em: Eu voltarei *no fim do mês*, o que identifica como adjunto adverbial de tempo - *no fim do mês* - é o fato de ser substituível por advérbio simples - *então* - ocupando estruturalmente a mesma posição sintática; eu voltarei *então*. Podemos substituir, também, pela palavra *quando*, eu voltarei *quando*?

Sobre as construções estudadas, circunstâncias adverbiais, especificamente os adjuntos adverbiais de tempo, que se manifestam pela pergunta *quando* e suas eventuais combinações: *desde quando*, *até quando para quando*, *de quando* e as respostas correspondentes: *hoje*, *cedo*, *sempre*, passaremos aos itens subseqüentes: as circunstâncias preposicionadas e as circunstâncias conjuncionadas. Devemos lembrar que o termo *circunstâncias* é aqui empregado em sentido estrito, para demonstrar que elas estão vinculadas ao advérbio.

Vimos até agora as circunstâncias adverbizadas, assim chamadas por serem expressas por advérbios. Da mesma forma *as circunstâncias preposicionadas* carregam a preposição que representam significação. Bem como apresenta Macambira, a expressão *durante*, que denota a idéia básica de **tempo**, independente de qualquer contexto. Geralmente as preposições estão carregadas de significado, com exceção destas: *a*, *de*, *em*, *para*, *com*, *por*, que são vazias de significado, por constituir apenas um elo sintático entre um e outro, tomando-se difícil sua classificação na frase. Com este raciocínio, podemos concordar com os gramáticos tradicionais que alertam para não se confundir o adjunto adverbial com o objeto indireto.

Em princípio, é pelo fato de a preposição ser “vazia” de sentido que o objeto indireto vai ser diferenciado do adjunto adverbial. Mas a palavra geralmente deixa lacunas que serão muitas vezes o motivo de dúvidas e imprecisões em tal distinção. O limite entre certos objetos indiretos e adjuntos adverbiais não é claro e cria problemas aos gramáticos. Acreditamos que, neste caso, além do critério formal, critérios semânticos deverão ser

empregados. Então, pode-se supor que a função da preposição é justamente distinguir os diferentes sentidos dos verbos. É como se o verbo e a preposição formassem um todo semântico.

Os adjuntos adverbiais de tempo, lugar e modo podem ser identificados pelo critério preposicional. Em português identificamos esse critério através de preposições que denotam circunstâncias ou categorias de lugar, tempo e modo. Essas preposições estão assim distribuídas;

- a) lugar; perante, junto de, debaixo de, detrás de, além de, dentro de, fora de;
- b) tempo; durante, desde, após, quando, de;
- c) modo; conforme, consoante, segundo.

Conforme Macambira existem muitas preposições, mas estas foram selecionadas para demonstrar que o português oferece preposições que denotam com nitidez as circunstâncias de lugar, tempo e modo. Ele acha que não há preposições que indiquem circunstâncias de; quantidade, interrogação, afirmação, negação, dúvida ou aprovação, marcadas por advérbios simples.

Sobre adjunto adverbial considera vaga a definição semântica de “*palavra que exprime circunstância*”, por ser “circunstância” um termo extralingüístico e nem sempre fácil de identificar. Apesar disto, como já comentado, ele próprio classifica os adjuntos adverbiais em circunstâncias adverbias. Para tanto, faz uma lista de vinte e duas circunstâncias ou categorias adverbiais. Estas circunstâncias estão assim distribuídas; dez adverbias: lugar, tempo, modo, quantidade, interrogação, afirmação, negação, dúvida, aprovação e oposição; doze preposicionadas: causa, oposição, aprovação, companhia, exclusão, condição, concessão, meio, referência, comparação, aditamento e substituição, que totalizam vinte e duas circunstâncias ou categorias adverbiais.

Macambira também considera que apenas as preposições nocionais podem introduzir uma circunstância. Entre as preposições vazias de significado inclui a preposição com. Porém deduzimos que não se trata de expressão de companhia. Aqui a preposição com contém conteúdo semântico, não é vazia de significado, apesar de pertencer ao grupo de *a, de, em, para, com, por*.

Nesta frase “Não irei com chuva” subentende-se que “sem chuva se vai”, daí a preposição *com* possuir conteúdo semântico. A respeito das preposições vazias de significação, diz que são as que apresentam problemas, visto que podem introduzir tanto



adjunto adverbial quanto objeto indireto. E conclui: “A verdade é que a distinção entre objeto indireto e adjunto adverbial não está satisfatoriamente estabelecida e, quanto nos seja possível, quiséramos concorrer para estabelecê-la com segurança.” (Ibidem;330)

Denominam-se conjuncionadas as expressões circunstâncias que possuem conjunção subordinativa. Somente as conjunções subordinativas é que fazem parte das circunstâncias conjuncionadas.

Para Macambira, as circunstâncias podem ser trimarcadas, bimarcadas e unimarcadas. As circunstâncias trimarcadas são aquelas que possuem ou que podem ocorrer na oração advérbios, preposições e conjunções, que são as de *lugar* (aqui, junto de, onde); *de tempo* (então, durante, quando) e de *modo* (*z,úm*, conforme-preposição, conforme-conjunção). A circunstância bimarcada em português é a de causa (por que): ocorre com preposição e pronome interrogativo.

As conjunções de subordinação (ou subordinante) ligam a oração subordinada à subordinante e exprimem relações diversas: lugar, tempo, modo, quantidade, causa, condição, concessão, comparação, fim, proporção e conseqüência.

São alguns exemplos citados por Macambira, mas estes bastam para ilustrar a identificação e classificação dos adjuntos adverbiais, proposicionais e conjuncionais.

Segundo a concepção estruturalista, também chamada taxionômica, o lingüista deve observar o maior número possível de fatos da língua (enunciados orais e escritos) que formam o corpus sobre o qual ele vai trabalhar; segmentar tais enunciados em diversos tipos de elementos (palavras, morfemas, fonemas, etc), fazer um inventário dos diversos elementos obtidos e classificá-los. Segundo esta corrente, o lingüista deve se ater aos dados e evitar qualquer intervenção de aspectos semânticos.

Do ponto de vista **de uma gramática de orientação eclética**, consideramos o posicionamento de John Lyons e Maria Helena Mira Mateus, no que concerne à noção de **tempo**.

Para Lyons (1979:369), os **adjuntos temporais** respeitam uma condição de compatibilidade entre o adjunto e o tempo da frase. Se essa condição de compatibilidade se quebrar, a fi"ase à qual o adjunto está associado toma-se agramatical. Por exemplo:

(25) *João matou Guilherme na próxima semana x João matou Guilherme na semana passada.* Assim fica confirmado que o ponto importante é que o **adjunto temporal** está ligado por condições de compatibilidade à categoria (nuclear) obrigatória de tempo.

Nota-se que tal conceito de adjunto lança dúvidas sobre a noção tradicional, de que o adjunto é sintaticamente independente do resto da frase. Na verdade o adjunto é independente do resto da frase, mas estão ligados ao adjunto o tempo e o aspecto do verbo. Conseqüentemente a seleção de um tempo verbal restringe subseqüentemente a escolha de um **adjunto temporal**, sendo ele dependente e independente ao mesmo tempo, podendo ser desligado sem causar com isso nenhuma alteração na frase. O ponto importante é que o **adjunto temporal** está ligado por condições de compatibilidade à categoria (nuclear) obrigatória de tempo. A característica essencial da categoria de *tempo* é que ela relaciona o tempo da ação, do acontecimento ou do estado referidos na frase ao momento do enunciado.

Ao tratar de **tempo** Maria Helena Mira Mateus (1989:309) considera as construções de ordenação temporal (as orações temporais) sob o aspecto: *semântico da ordenação temporal* e *aspecto sintático da construção temporal*.

Para a autora, **oração temporal** é aquela em que aparecem os conectores temporais do tipo: quando, enquanto, na altura em que, ao mesmo tempo que. Sob o *aspecto semântico da ordenação temporal* as orações podem ser por coordenação (sucessão das orações que exprimem sucessão temporal de estados de coisas) e por subordinação (contendo uma oração com um sentido explicitamente temporal). Para especificarmos as orações por coordenação e subordinação, ilustraremos com os exemplos retirados da “Gramática da Língua Portuguesa” da própria autora:

- 1.(a) O Antônio estacionou em frente à minha casa, saiu do carro e tocou à campainha.
- 2.(a) *Quando* o Antônio tocou à campainha, eu estava a cozinhar.
- (b) Eu estava a cozinhar *quando* o Antônio tocou à campainha.

Estes estados de coisas aparecem no exemplo (a) como um caso simultâneo e no exemplo (b) como um caso de sucessão. O conector temporal utilizado nesta oração é a palavra *quando*.

Estes estados de coisas sucessivos exprimem anterioridade ou posterioridade de um estado ao outro. Os conectores *antes que / de q depois que / de*, segundo a autora, indicam que o estado de coisas descrito na oração temporal se situa num intervalo de tempo respectivamente anterior e posterior ao intervalo de tempo do estado de coisa da **oração temporal**. Por exemplo:

- (26) *Depois de* ter estacionado o carro, Antônio tocou à campainha.

(27) *Antes que* eu me apercebesse, o meu carro tinha batido contra uma árvore.

Observemos como os estados de coisas descritos nas orações acima estão localizados num mesmo período (passado, presente, futuro). Há muitas línguas em que a referência temporal é expressa por meio de *elementos lexicais*, como *ontem, amanhã, hoje, agora, então, depois, antes, etc.*

Sob o *aspecto sintático das construções temporais* a autora classifica os conectores temporais em:

- (a) conectores como *quando* ou *enquanto*;
- (b) conectores de base adverbial: *agora que, logo que, sempre que, assim que, antes que/de, depois que/de*;
- (c) conectores de base prepositiva: *desde que, até que*;
- (d) conectores implícita ou explicitamente correlativos: *mal, apenas, ... (logo)*;

Por exemplo:

(28) *Mal* ele entrou, desatamo-nos a rir.

(29) *Apenas* apareceu, logo desapareceu.

- (e) conectores de base nominal, as “locuções temporais”: *no momento em que, na altura em que, todas as vezes que, cada vez que.*

O conector *quando*, além de ocorrer nas construções de ordenação temporal pode surgir:

- (i) em certas orações temporais independentes:

(30) *"Quando* ao gavião cai a pena”

(31) *"Quando* passam as cegonhas”

- (ii) em exclamativas de sentido temporal:

(32) *Quando* me lembro disso!...

- (iii) com morfema inicial, em complementos fíísicos verbais de sentido temporal:

(33) Eu detesto *quando* me interpretam mal.

Procuramos, aqui, lançar alguma luz sobre o assunto. Após a descrição sintática do tratamento dado ao tema nas gramáticas, mostraremos, a seguir, o modelo da gramática gerativo-transformacional e os cinco modelos de descrição linguística (Fillmore, Chafe, Anderson, Cook e Nicolacópulos), dos quais procuramos pinçar elementos para análise das predicções temporais em português.

Os anos cinquenta marcam uma reviravolta considerável nos rumos da Lingüística com o surgimento de uma nova teoria, a Gramática Gerativo-Transformacional, cuja figura principal é Noam Chomsky.

Em 1957, com a publicação de *Syntactic Structures*, de Noam Chomsky, a Lingüística passa a tomar novos rumos. Até, então, os *estruturalistas americanos* se limitavam à análise dos dados de um “corpus”, e, por indução, passavam ao estágio classificatório. Durante longo período, a Lingüística segue essa concepção taxionômica, partindo sempre da Fonética, e só admitindo o nível de superfície para a descrição. Chomsky propõe novos caminhos, através da formulação de hipóteses, isto é, propõe o método dedutivo.

*IBM Aspects of the Theory of Syntax* (1965), uma gramática gerativa deve consistir num sistema de regras que podem gerar um número indefinidamente grande de estruturas. Este sistema de regras tem caráter sintático, fonológico e semântico.

As regras sintáticas são as que geram as fi-ases da língua, sendo o componente sintático o único elemento criador. Elas especificam a estrutura profunda (EP) e transformam as fi-ases em estrutura superficial (ES). O caráter gerador de tais regras constitui a base de uma teoria sintática.

O caráter fonológico e o caráter semântico são puramente interpretativos, “não desempenhando qualquer papel na geração recursiva das estruturas das fi-ases.” (Chomsky: 1975:231)

Os conceitos básicos desta teoria Gerativo-Transformacional estão em: estrutura profunda, estrutura superficial, competência, desempenho, gramaticalidade, aceitabilidade, como é concebida a gramática, seus componentes, etc.

Como nosso interesse, aqui, não é de mostrar toda a teoria, mas sim de dar uma “pincelada” do que seja a Gramática Gerativa Transformacional padrão, limitamo-nos a alguns itens que achamos fundamentais em nosso trabalho.

Esta série de regras, encontradas nos trabalhos iniciais de Chomsky (1956, 4.1; 1966, 38 ss., 1964, 217), considera em primeiro lugar o Sintagma Verbal (SV), dividindo-o em duas partes: o verbo principal (V) e tudo O que pode acompanhá-lo (Aux ). *Auxiliar* engloba os morfemas flexionais (T) e os verbos que até recentemente têm sido chamados de auxiliares, com os morfemas com que se combinam.

O *Auxiliar* era um constituinte do SV que passa a ser dominado por SPred. (Sintagma Predicativo). Assim, em *Aspects of the Theory of Syntax* (1965, 107), temos:

$O \wedge SN + SPred.$

SPred.  $\rightarrow$  Aux. + SV (Lugar) (Tempo)

A regra que reescreve *Auxiliar* deve conter um elemento *Tempo* (o qual é Passado ou Presente), seguido ou não de um elemento Modal e ou o aspecto Perfeito ou o Progressivo (ou ambos); estes elementos devem aparecer na ordem conforme abaixo se expõe; Aux.  $\rightarrow$  Tempo (M) (Aspecto), onde o constituinte *Aspecto* poderá ser reescrito (segundo Ruwet, 1968:393, Apud Eunice Pontes) como *perfeito*, *progressivo*.

Aux.  $\rightarrow$  Tempo (Modal) (Perfeito) (Progressivo)

Assim, poderemos ter as seguintes combinações que se encontram nas línguas naturais, e são do tipo que uma criança que aprende a língua espera encontrar (Chomsky, 1975:127). Logo, o sujeito que aprende a língua construirá a regra a qual gera a totalidade do conjunto com as suas interpretações semânticas:

Tempo

Tempo Modal

Tempo Perfeito

Tempo Progressivo

Tempo Modal Perfeito

Tempo Modal Progressivo

Tempo Perfeito Progressivo

Tempo Modal Perfeito Progressivo

Feita esta reformulação nas regras da base, o *Auxiliar* passa a não pertencer ao constituinte SV, que engloba verbo principal e seus complementos. O *Auxiliar* é portanto um dos constituintes da oração; ele próprio é formado de diversos elementos, conforme cadeia terminal descrita abaixo:

Aux.  $\rightarrow$  T (M + -r) + (ter + -do) + (estar + -ndo)

Por exemplo, regras morfofonêmicas converteriam *dever* + *Pres.* em *deve*, *ter* + *-r* em *ter*, *estar* + *-do* em *estado* e *compra* + *-ndo* em *comprando*, para termos a seqüência *deve ter estado comprando*. Estas regras gerariam corretamente as seguintes seqüências:

deve ter comprado

deve estar comprando

deve ter estado comprando

tem comprado

está comprando

tem estado comprando

teve comprado (habitualmente não é usada em português)

Se examinarmos uma oração simples como a seguinte: *João comprou um carro*, podemos verificar pela técnica da substituição na teoria de Chomsky, que na mesma posição em que ocorre a forma *comprou* podem ocorrer as formas *compra*, *comprava*, *comprará*, e algumas seqüências verbais, como: *está comprando*, *vai comprar*, *tinha comprado*. Primeiro, podemos perceber que os morfemas de pessoa fazem o verbo concordar com o sujeito da oração. Esta flexão no português é obrigatória e tem que estar combinando com um morfema de tempo e um de pessoa. Se for uma forma simples, esta estará flexionada. Se for uma seqüência, o primeiro elemento terá que vir flexionado. Há tendência do primeiro elemento obrigatório da seqüência ser o marcador de tempo, que também marca o aspecto. Por exemplo:

(34) *João deve estudar.*

O segundo elemento da seqüência, se houver, receberá a terminação de gerúndio (-ndo) ou de particípio (-do) ou de infinitivo (-r). O segundo elemento será uma destas formas (gerúndio, particípio ou infinitivo) - ndo; -do ou -r. Esta seleção (gerúndio, particípio ou infinitivo) vai depender do verbo antecedente. Por exemplo, o verbo *dever* só se acompanha de infinitivo, o verbo *ter* só de particípio, o verbo *estar* de gerúndio ou particípio (Pontes, 1973:44). Observe nos exemplos:

(35) João deve estudar

(36) João tem estudado

(37) João está estudando,

serão considerados agramaticais na língua portuguesa as seguintes orações:

(38) \*João deve estudado

(39) \*João tem estudar

(40) \* João está estudar.

Teremos, então, a seguinte fórmula:

*dever + infinitivo (dever se constrói com infinitivo)*

*ter + participio (ter se constrói com participio)*

*estar + gerúndio (estar se constrói com gerúndio), então;*

dever + -r

ter + -do

estar + -ndo.

Uma oração ativa em passiva, *ter + -do* continua na mesma posição, entre o modal e o progressivo, por exemplo:

(41) João tem comprado flores

(42) Flores têm sido compradas por João.

(43) João pode ter estado comprando flores

(44) Flores podem ter estado sendo compradas por João.

*Ter + -do* funciona como uma unidade, em relação a Tempo, tendo seus adjuntos temporais de acordo. Por exemplo, com o presente, o adjunto típico é *ultimamente*:

(45) João tem estudado ultimamente

é pouco comum encontramos esses mesmo adjunto com um presente simples, na frase do tipo:

(46) João estuda ultimamente.

Não se pode combinar qualquer adjunto temporal com *ter + -do*, veja abaixo:

(47) João tem estudado \**ontem*

(48) João tem estudado \**amanhã*

(49) João tem estudado \**agora* (neste momento)

(50) João tem estudado ^*antigamente*

(51) João tem estudado \**proximamente*.

Alguns destes adjuntos combinam-se com presente, outros com passado:

(52) João estuda *amanhã*

(53) João estuda *agora*

(54) João estudou *ontem*

(55) João estudava *antigamente*

Pontes (1973:51) afirma que o adjunto temporal se refere à seqüência como um todo e que pode mudar de lugar na oração sem que o significado se altere:

(56) Ultimamente, João tem estudado.

(57) João, ultimamente, tem estudado.

(58) João tem, ultimamente, estudado.

Em suma, o que verificamos nas gramáticas/teorias percorridas até aqui é o seguinte; dão um tratamento periférico à noção de tempo, ora como adjunto adverbial de tempo (ou seja, como termo acessório da oração), extra-nuclear, externo em relação à oração, ora como parte da regra do auxiliar, como vimos há pouco. Na *teoria de casos*, que esboçaremos a seguir, o tempo, quando estiver em uma relação particular com o predador, pelo menos no modelo que adotaremos, será tratado como parte da proposição com o ‘status’ de caso (argumento ou papel semântico), capaz de deflagrar a constituição de enunciados temporais a partir de sua associação particular com predadores ditos temporais.

É desta teoria que passaremos a tratar no capítulo que segue, visando, paralelamente à busca do tratamento da noção de tempo, estabelecer os fundamentos teóricos que darão sustentação à análise do corpus.



## CAPÍTULO n

### A TEORIA DE CASOS

#### 2.1- The Case for Case - um modelo não-localista

*The Case for Case* é o texto clássico da chamada gramática de casos, elaborado por Charles Fillmore, em 1968. Neste texto o autor elabora a noção de caso semântico e apresenta o primeiro modelo de sua teoria.

As idéias que prevaleciam na época eram os postulados teóricos de Noam Chomsky, nos quais Fillmore mostrava-se enraizado. Fillmore propôs a teoria dos casos profundos porque não estava satisfeito com o estatuto da estrutura profunda postulada pela teoria transformacional padrão. Fillmore vai, então, propor a sua Gramática de Casos, contra-argumentando que o nível de análise em que relações sintáticas de sujeito e objeto eram definidas não era profundo o suficiente para alcançar o poder explicativo exigido desse nível. Na Gramática Transformacional, o sujeito era definido como o SN (Sintagma Nominal) diretamente dominado pela S (Sentença), e o objeto como o SN diretamente dominado pelo SV (Sintagma Verbal). Para Fillmore, essas noções (sujeito e objeto) expressavam apenas relações de superfície por exemplo, o sujeito de superfície nem sempre é o mesmo sujeito lógico da sentença.

Fillmore propõe, então, a existência de uma estrutura semântica mais profunda (EP) que a estrutura subjacente postulada pela gramática transformacional e uma teoria dos casos de estrutura profunda, isto é, um nível de representação semântica onde os nomes estão associados ao verbo segundo uma relação casual específica.

A estrutura semântica profunda de uma sentença (S) contém uma modalidade (M) e uma proposição (P). [S->M+P]. A proposição é composta por um verbo central (V) e uma série de papéis semânticos chamados casos (C) unidos ao verbo. [P-^V+Cl+C2...+Cn]. Cada caso é composto de um marcador casual (K-preposições) e de um sintagma nominal (SN) [C-^K+SN]. Uma sentença (S), então, consiste de uma proposição (P) e uma

modalidade (M). A proposição é um conjunto de relações que envolvem verbos e nomes; a modalidade inclui nas sentenças como um todo, modalidades como a negação, o tempo, o modo e o aspecto.

Ao constituinte modalidade pertencem aqueles aspectos que afetam a oração como um todo, tais como tempo e aspectos verbais, determinados advérbios, etc. Além disto, Fillmore nada mais nos esclarece acerca deste constituinte, ao qual justamente pertencem os casos extraproposicionais e situações adverbiais, tais como: Maneira, Causa, Instrumento e outros.

Fillmore propõe a seguinte regra de base;

Sentença -> Modalidade + Proposição, assim abreviada:

S->M + P

O constituinte P é composto por um verbo (V) e uma ou mais categorias de casos (C) associados ao verbo.

Para Fillmore uma proposição deverá ter pelo menos uma categoria de caso e nenhuma categoria de caso deverá aparecer mais de uma vez, conforme mostra o esquema;

$P \wedge V + C_1 + C_2 + \dots + C_n$

A noção de caso compreende um conjunto de conceitos universais que reconhecem certos tipos de julgamentos que os seres humanos são capazes de fazer acerca dos conhecimentos que ocorrem ao seu redor, por exemplo; quem fez o quê, com quem aconteceu, etc. Estas noções são relacionamentos sintático-semânticos que os casos expressam.

Demonstraremos, a partir de exemplos, a representação proposta por Fillmore;

(1) João abriu a porta com a chave.

(2) A chave abre a porta.

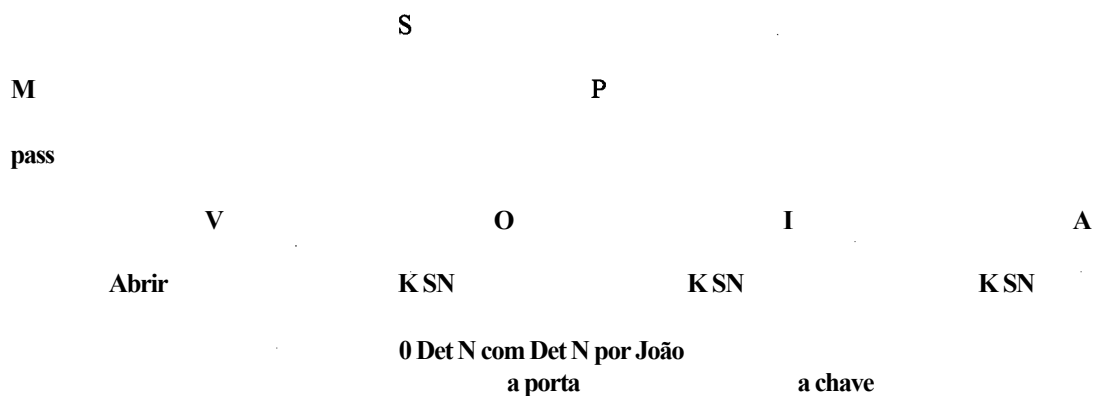


Figura 1

Podemos notar que conforme os exemplos (1) e (2) a expressão “a chave” é um instrumento na Estrutura Profunda (EP), embora tenha funções diferentes na Estrutura de Superfície (ES). Através de transformações sintáticas que serão aplicadas a nível da estrutura profunda, criarão um sujeito de superfície: em (1) o sujeito será o Agente (João) e em (2) o Instrumento (a chave) será o sujeito. Tendo em vista que neste modelo os casos estão ordenados da direita para a esquerda, pela escolha hierárquica do sujeito, há uma regra que faz com que, havendo um Agente ele será o sujeito na estrutura superficial (ES), sendo portanto o Agente “ João” da estrutura profunda (EP) o sujeito na ES; “a chave”, o Instrumento na EP, em (1) e (2) e sujeito na ES em (2). Assim, teremos uma árvore como:

(VOS = Verbo, Objeto, Sujeito)

P

V O I A

Figura 2

Esta ordem, não sendo econômica, foi modificada em 71, isto é, os casos, a partir desta data, foram ordenados da esquerda para a direita: (VSO)

P

V A O I

Figura 3

Nesse seu primeiro modelo Fillmore identificou os seguintes casos:

1. Agentivo (A) - caso do instigador da ação identificada pelo verbo, instigador esse percebido como ser tipicamente animado.

João *abriu* a porta

A O

2. Instrumental (I) - caso da força ou objeto inanimado, casualmente implicado na ação ou estado identificados pelo verbo.

A chave *abriu* a porta

1 O

3. Dativo (D) - caso do ser animado que é o paciente da ação ou estado expresso pelo verbo<sup>1</sup>.

João *conhecia* aquele livro.

D                      O

4. Factitivo (F) - caso do objeto ou ser resultante da ação ou estado expresso pelo verbo, ou entendido como parte do sentido do verbo.

João *construiu* uma mesa.

A                      F

5. Locativo (L) - caso que identifica a localização ou orientação espacial do estado ou ação identificados pelo verbo.

As maçãs *estão* na caixa.

O                      L

6. Objetivo (O) - caso semanticamente mais neutro, corresponde a tudo aquilo que é representável por um substantivo, cujo papel na ação ou estado expresso pelo verbo é identificado pela interpretação semântica do próprio verbo.

A história *é* verdadeira.

O

7. Comitativo (C) - este caso não é definido, apenas mencionado (1968:81).

As crianças *estão* com Maria.

O                      C

Maria *tem* as crianças com ela.

C                      O

Fillmore diz ainda que o termo objeto (O) não pode ser confundido com a noção de objeto direto, e que o O pode ser oracional, isto é, pode ser representado por uma sentença, conforme exemplo exposto anteriormente.

Baseando-se em Lakoff (1966) Fillmore classifica os verbos dividindo-os em estado e não-estado (ações). Para detectar os verbos de estado e ação o autor usa os seguintes testes;

Estados: - imperativo

---

<sup>1</sup> O D, em Fillmore, compreende as relações de sensação, emoção, conhecimento, que Chafe e Cook expressam com o caso E (Experienciador), e as relações de posse, ganho, perda ou transferência de propriedade que os mesmos expressam com o caso B (Beneficiário, Benefactivo). João tem um carro.O(D,O).

- progressivo

João é alto.

?Seja alto!^

?João está sendo alto.

Não pode ser imperativizado, como: “seja alto!”, e também não pode ser usado na forma progressiva: “João está sendo alto.”

Ações (não estado): + imperativo

+ progressivo

Paulo bebeu o leite.

Beba o leite!

Paulo está bebendo o leite.

Imperativizando, temos: “Beba o leite!” E, na forma progressiva: “Paulo está bebendo o leite.”

Com a adoção da classificação dos verbos baseados em Lakoff, Fillmore detecta apenas os verbos de “estado” e “ação”, não concebendo os verbos processuais.

Walter Cook coloca os verbos dentro de uma matriz, esquematizando os tipos de verbos possíveis com o modelo de Fillmore 1968.

Tipos de verbos	Verbos			
	Básicos	Instrumentais	Dativos	Locativos
Estados	0 quebrar, v.i.	1,0 quebrar, v.t.	D,0 gostar	0,L estar em
Ações	A,0 quebrar, v.t.	A,I,0 quebrar, v.t.	A,D,0 mostrar	A,0,L colocar

Quadro 1

Como podemos perceber, os verbos A e O são básicos e os outros não básicos. Estes (I,D,L) são mutuamente excludentes. Pelo esquema casual apresentado, há verbos de 1, 2 e 3 argumentos. Muitos verbos podem ocorrer em mais de um ambiente de caso distinto e, conforme o ambiente, ter esquemas casuais diferentes.

^ Nas gramáticas em geral os asteriscos representam agramaticalidade. Adotamos o ponto de interrogação (?), nestes testes, para indicar que, em certos contextos, as frases acima são gramaticais.

Vejamos, por exemplo, as possibilidades que podem ocorrer com o verbo abrir;

A porta abriu. +[\_\_\_ O]

João abriu a porta. +[\_\_\_ O, A]

O vento abriu a porta. +[\_\_\_ 0,1]

João abriu a porta com a chave. +[\_\_\_ 0,1, A]

Neste modelo de 68, Fillmore ordenava os casos da direita para a esquerda. Esta ordem é alterada posteriormente, em 1971.

Assim, Fillmore (1968) apresenta a noção de caso profundo, propondo os “casos” como relações sintáticas mais profundas que as relações indicadas por Chomsky (1965). Apresenta os casos como um conjunto de relações associadas ao verbo e capazes de explicar a relação tanto entre pares de verbos morfologicamente semelhantes como abrir, v.i. e abrir, v.t., quebrar, v.i. e quebrar, v.t., como entre pares de verbos morfologicamente diferentes, como gostar/agradar, ver/olhar, morrer/matar, etc.

## 2.1- Fillmore e um modelo locãlista

Em 1971, Fillmore faz uma revisão dos seus trabalhos, em seu artigo *Some Problems for Case Grammar* (apresentado primeiramente no “Linguistic Institute” em 1970 e no ano seguinte na “Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics” em 1971), propondo uma revisão na representação semântica e na lista de casos.

Quais as diferenças na representação semântica, em relação ao modelo anterior (1968)? Fillmore (1971), na estrutura profunda, elimina o constituinte modalidade, permanecendo somente o constituinte proposição; ordena os casos da esquerda para a direita (VSO) e elimina as preposições da estrutura profunda (os marcadores casuais - K); os casos são dominados diretamente pelo SN.

Assim temos representado o diagrama em árvore:



Figura 4

Os casos são ordenados conforme o processo de seleção do sujeito; assim, o Agente (A) é colocado próximo ao verbo, seguido dos outros casos.

Quanto à lista de casos, Fillmore (1971) apresenta os seguintes, em ordem hierárquica; Agentivo (A), Experienciador (E), Instrumental (I), Objetivo (Ob), Origem (Or), Meta (M), Locativo (L), Temporal (T) e Benefactivo (B), o que caracteriza um sistema casual localista (o uso dos casos Locativo (L), Origem (Or) e Meta(M)).

O Locativo (L) é o lugar ou localização de um dado objeto ou evento; Origem (Or) é o ponto inicial de uma atividade, origem do movimento. Meta (M) é o ponto final da atividade. Grosso modo, na linha localista, os três casos acima estendem-se aos casos experimentativo, benefactivo, **temporal**, etc., considerados locativos abstratos. Mas, Fillmore diferencia-se ligeiramente desta linha (localista) por não considerar o E(Experienciador) como locativo abstrato.

Além disso, Fillmore, em 1971, introduz a teoria do apagamento. Segundo esta teoria, há casos manifestos e casos não-manifestos. Os casos não-manifestos são subdivididos em parcialmente não-manifestos e totalmente não-manifestos.

Estes casos considerados não-manifestos não estão presentes na estrutura de superfície, mas são exigidos pelo significado do verbo, e possuem a mesma referência semântica.

(1) João *comprou* um carro de Pedro.

A=M                      O Or

(2) Pedro *vendeu* um carro a João.

A=Or                      O M

Em (1) João é tanto o Agente (A), que toma a iniciativa da transação, quanto Meta (M), indicando que o carro passou de Pedro para João; é Meta (M) também em (1) e (2); em (2) Pedro é ao mesmo tempo o Agente (A), como iniciador da ação, e Origem (Or), porque o carro passa de posse de Pedro para João; é Origem (Or) também em (1) e (2). Há, portanto, uma correferência<sup>^</sup> entre os casos.

Ressaltamos que não se pode confundir os casos correferenciais com reflexivização, como em:

---

<sup>^</sup> Quando temos um caso com duas funções profundas, temos o fenômeno da correferência. Portanto, os casos correferenciais são dois casos que se referem à mesma pessoa ou coisa na EP, mas apresentam uma só realização na ES. Os casos correferenciais e lexicalizados pertencem aos casos totalmente não-manifestos.

Maria *matou-sQ*

A O

que é aliás, a primeira evidência da não correferencialidade semântica.

Os casos manifestos estão sempre presentes na Estrutura Superficial:

Maria *cozinhou* batatas.

A O

onde todos os casos exigidos pelo verbo *cozinhar* +[\_\_\_ A,0] estão presentes.

Os casos parcialmente não-manifestos, como em:

Maria *cozinhou*.

A (O)

é um caso apagável, podendo estar presente às vezes na ES. Sendo o verbo *cozinhar* +[\_\_\_ A, O] este O está apagado, portanto será assim representado: +[\_\_\_ A,\*0'\*/0-apag.

Os casos totalmente não-manifestos estão sempre ausentes na ES; são os casos de lexicalização e de correferência.

A lexicalização é um fenômeno de incorporação. Em:

O patrão *gratificou* seus funcionários.

A 0-lex. B

onde *gratificar*, significa dar gratificação, tem o seguinte esquema casual:

gratificar +[\_\_\_ A,B,\*0]/0-lex.

Podem ocorrer com os verbos *engarrafar* e *enjaular*.

João *engarrafem* o vinho.

A L-lex. O

onde *engarrafar* significa pôr em garrafas, v.t. e traz dentro de sua forma o caso L

(Locativo) garrafas, seu esquema casual será: +[\_\_\_ A,0,\*L]/L-lex.

Em:

O domador *enjaulou* o leão.

A L-léx. O

onde *enjaular* significa colocar na jaula, e traz dentro de sua forma o caso L (Locativo)

jaula, seu esquema casual será: +[\_\_\_ ^A,0,\*L]/L-lex.

---

\* O asterisco refere-se aos casos que estão apagados ou lexicalizados.



Fillmore, em 1968, apresenta um modelo bem simplificado e também não-localista, enquanto que no modelo de 1971, localista, o seu grande mérito está na teoria dos casos não-manifestos.

Em 1977, com a publicação de seu artigo *The Case for Case Reopened*, Fillmore desenvolve seu conceito de CENAS. Neste modelo, o autor sugere que, para evitar o problema do número e variedade dos casos, devemos separar duas coisas: uma, a análise dos papéis dos participantes em uma situação; outra, as condições sob as quais um falante pode escolher, trazer determinados participantes em perspectiva. Na análise dos papéis é necessário levar em consideração o que o falante traz em perspectiva (ou *foreground*). A seleção que este faz dentro da cena é que determinará as funções sintáticas da fi-ase (o que será sujeito, o que será objeto). Assim, uma hierarquia de saliência é que vai determinar o que é "*foreground*" (o que está perspectivizado na cena), e o que não está perspectivizado ficará no "*background*" (outros sintagmas ficam disponíveis, do falante, para serem trazidos a qualquer instante para serem perspectivizados). Essa hierarquia fica respaldada pela dimensão contextual.

Fillmore propõe, então, que os significados advêm de cenas, isto é, a escolha e compreensão das expressões estão ligadas a cenas ou situações; cada palavra ou sintagma que usamos traz consigo um contexto em que pode ser interpretado (uma cena de fiando e uma perspectiva). Cada proposição é resultado da escolha de uma perspectiva que o falante impõe ao evento. Isso faz com que certos sintagmas sejam perspectivizados, ou seja postos em primeiro plano, dependendo da intenção do falante. Em:

Carreguei feno para o caminhão.

Carreguei o caminhão com feno.

Na primeira frase, em que “o caminhão” é complemento de direção, temos uma interpretação parcial, isto é, não está implícito que o caminhão todo foi carregado. Já na segunda, em que “caminhão” é objeto direto, a interpretação é orientada para a totalidade, ou seja, subentende-se que o caminhão ficou totalmente carregado. Em:

Quebrei o vaso com o martelo.

Quebrei o martelo no vaso.

Na primeira frase, temos “vaso” como objeto direto, e “martelo” como um instrumento que foi usado para quebrar o vaso. Na segunda frase, temos “martelo” como objeto, e o sintagma “no vaso” um locativo, lugar onde o martelo foi quebrado. O que está em

perspectiva na frase é o que foi quebrado, ficando em segundo plano os demais complementos (como e onde foi quebrado). Assim, a hierarquia de saliência é que vai determinar o que está perspectivizado numa determinada proposição. Sempre que um falante seleciona uma palavra, para construir um enunciado, automaticamente ele a insere dentro de uma cena na qual adquire uma interpretação. De acordo com a intenção do falante de colocar um aspecto da situação em perspectiva, será feita uma seleção da função sintática que aquele elemento exercerá no enunciado.

Do ponto de vista do uso da linguagem, verificamos que todos os enunciados acontecem num discurso dado. A análise deve sempre levar em conta o contexto; devemos estudar os enunciados como discurso, levando em conta os fatores pragmáticos que possibilitam a sua produção e a interpretação. Nessa perspectiva é que se constituem os efeitos de sentido que fazem com que cada discurso seja um fato novo, e fazem da língua um universo capaz de conter a capacidade de produção; ainda que com expressões velhas, temos um número infinito de novos sentidos, criados e recriados a cada ato de enunciação. (Oliveira, 1995:52)

Após Fillmore, outros lingüistas apresentaram novas propostas baseadas nos modelos do próprio Fillmore (1968 e 1971), entre os quais Chafe (1970), Anderson (1971) e Cook (1970-1978).

### 2.3<sup>1</sup> Chafe - um modelo semântico

Em 1970, Wallace Chafe publica *On Meaning and the Structure of Language*, seu modelo de Gramática de Casos, baseado em Fillmore (1968).

Chafe adota um posicionamento eminentemente semântico; para ele as melhores teorias são aquelas que são bonitas: “as melhores teorias sobre qualquer assunto são teorias belas, e o cientista, não menos que o artista, é uma pessoa cuja carreira se dedica à procura da beleza. Gostaria de observar que o semanticismo tem mais mérito estético do que o sintaticismo. [...] é obviamente muito mais fácil explicar o uso da língua com base no modelo semanticista. Quando usamos a língua, começamos com alguma coisa que temos que dizer - com significados. Se vamos comunicar esses significados, eles devem ser

estruturados de uma forma que se conforme com a estrutura semântica de nossa língua. A língua, então, vem dar-nos um meio de converter essa estrutura semântica em som. É evidente que o modelo sintaticista não tem nenhuma relação direta com o uso da língua.” (grifo nosso) (1979:66-67, Trad.).

Para Chafe, o falante cria uma estrutura semântica e depois a converte em som; o lado ‘belo’ a que se refere compreende a harmonia do enunciado no seu contexto. Desse modo, ele difere de Fillmore, afirmando a centralidade da semântica, apresenta os casos como *relações semânticas profundas*, enquanto Fillmore os apresenta como *relações sintáticas profundas*.

Diferentemente de Fillmore, Chafe defende a centralidade do verbo, é o verbo que determina como deverá ser o restante da oração, principalmente determina que nomes o acompanharão, qual será a relação desse nomes com o verbo, e como esses nomes serão semanticamente especificados.

Para demonstrarmos usaremos o exemplo de Chafe (1979:97). Se numa estrutura de superfície temos: [A cadeira riu.] o que intuitivamente fazemos é interpretar “cadeira” como se fosse anormalmente animado, como exige o verbo. Nós não interpretamos “rir” de maneira anormal, como se fosse um tipo diferente de atividade realizada por objetos inanimados. Assim, fica evidente que a influência semântica do verbo é dominante, estendendo-se sobre os nomes subordinados que o acompanham que são elementos periféricos, estando pois numa relação associativa que prima pela compatibilidade do sentido.

Para Chafe (1979:98) não há necessidade de um símbolo independente O (oração) como ponto de partida para a geração de proposições; o verbo é o único ponto de partida de que precisamos. Assim, para Chafe, proposição é ou um verbo isolado, ou um verbo acompanhado por um ou mais nomes.

Para o autor, todas as sentenças são construídas em tomo de um predicado. O predicado vem geralmente acompanhado de um ou mais elementos nominais, como em:

- (1) João cantou.
- (2) As roupas estão secas.
- (3) Ele secou as roupas.

Em (1) e (2) temos uma proposição de um único elemento nominal cada um (João e as roupas), enquanto que em (3) temos dois elementos nominais (ele e as roupas) para um único predicativo secou.

Numa perspectiva fillmoriana os verbos dividem-se em verbos de estado e verbos de ação. Chafe introduz a noção de processo e faz a divisão em estados, processos, ações-processos e ações. Esses três últimos são definidos como não-estados, por responderem à pergunta “Que aconteceu?”, que não pode ser respondida por um verbo de estado, já que é um não-acontecimento.

Podemos observar certas diferenças básicas entre as estruturas semânticas expostas abaixo, exemplo do autor (1979:98):

- (1) A madeira está seca.
- (2) A madeira secou.
- (3) Miguel correu.
- (4) Miguel secou a madeira.

Em (1) o verbo é classificado como estado e o nome [madeira] que o acompanha está num certo estado ou condição [seca]. Assim o verbo está especificado como *estado* e acompanhado por um nome que é seu paciente. O paciente especifica o que é que está no estado. As orações (2), (3) e (4) contêm verbos que não são especificados como estado. Esses verbos não-estados distinguem-se de verbos de estados pelo fato de responderem a pergunta “Que aconteceu?”, “Que está acontecendo?” e assim por diante. Portanto um *não-estado* é um acontecimento, um evento.

“Que aconteceu?”

(2) A madeira secou.

**(3) Miguel correu.**

(4) Miguel secou a madeira.

Para detectar tipos de verbos com maior segurança, usaremos testes como em:

(3) Miguel correu.

O que é que Miguel fez?

Ele correu,

há uma *ação*, um acontecimento agentivo.

Em:

(2) A madeira secou.

não caberia a pergunta acima mas, “o que aconteceu à madeira?” - ela secou; detecta-se aqui um *processo*, um acontecimento, não-agentivo.

Em:

(1) A madeira está seca.

indica um *estado*, um não-acontecimento.

Já em;

(4) Miguel secou a madeira,

vamos detectar *ação* com: “O que é que Miguel fez?” - Ele secou a madeira; um processo com: “o que aconteceu à madeira?” - ela secou. Temos aqui uma *ação-processo*. Há uma mudança de estado (condição) de um nome-paciente do processo - e, ao mesmo tempo, uma ação, onde alguém faz algo - paciente do processo.

Segundo Carvalho (1986:67), Chafe estabelece que estados e processos são acompanhados por nomes classificados como *pacientes*, ao passo que ações são acompanhadas por *agentes*.

Resumindo as diversas possibilidades: na oração (1) temos um verbo de estado, um não-acontecimento, um não-evento; na oração (2) temos um processo, um acontecimento não-agentivo; na oração (3) temos um verbo de ação, um não-estado e finalmente, na oração (4), temos um verbo de processo e ação concomitantemente.

Fillmore não apresenta em sua classificação verbos de PROCESSO; é importante salientar que um dos aspectos mais relevantes no modelo de Chafe é o acréscimo dos verbos processuais, que será incorporado em modelos de outras Gramáticas de Casos, como o de Anderson (1971), Cook (1970-1978, revisado em 1989) e de Nicolacópulos (1992).

Há também o que Chafe denomina *Ambiente*, quando não precisa estar presente nenhum nome, em exemplos como:

(a) Está quente.

(b) É tarde.

Aqui o verbo cobre o ambiente total e não faz referência a nenhuma coisa particular dentro dele (ambiente). Em “É tarde”, o verbo especifica um estado e em “Está quente”, uma ação, sem indicar nenhum Agente. Podemos dizer que um verbo pode ser especificado como ambiente se for estado ou ação, mas não se for processo.

Semelhantemente, temos as sentenças:

(c) Está chovendo.

(d) Está nevando.

(e) Está trovejando.

Essas sentenças não expressam estado. Chafe (ibidem:102) propõe também que elas não expressam processos, mas sim ações sem ter o agente. Essas sentenças são classificadas, também, como verbos de ambiente, tendo um evento de natureza global.

Como vemos, estas relações dos nomes com os verbos são relações semânticas. Quanto à lista de casos, Chafe propõe os seguintes: Agente (A), Experienciador (E), Beneficiário (B), Instrumento (I), Paciente (P), Complemento ( C ) e Locativo (L).

As relações Agente e Paciente, segundo ele (ibidem:148), “parecem desempenhar na estrutura semântica um papel mais fiindamental do que quaisquer outras, um papel que se vincula à especificação básica de um verbo como estado, processo, ação ou ação-processo.”

**Agente** especifica algo que nem está em um estado, nem está mudando de estado, mas especifica algo que realiza a ação. Assim, estados e processos são acompanhados por *pacientes*, mas ações, por agentes. Como ação expressa o que alguém, seu agente, faz. É detectado o agente através da resposta à pergunta “Que fez N?” em que N é algum nome. Agente pode ser nomes animados ou nomes inanimados, como em:

(a) Harriet cantou.

O que Harriet fez?

Ela cantou.

(b)A pedra quebrou a janela.

( c)O vento abriu a porta.

**Paciente** - este caso é exigido por verbos de estado e processuais. Com verbos de estado o paciente especifica o que é que está no estado, e com os processuais indica uma mudança de estado ou condição. É através da pergunta “O que aconteceu a N?” em que N é o nome pelo qual se destaca o caso paciente. Como exemplo, retomamos:

O elefante morreu.

O que aconteceu ao elefante?

Ele morreu.

**Experímentador** - Os verbos de experiência podem ser de estado, processo, processo-ação. Este caso é semelhante ao Dativo de Fillmore, incluindo as relações semânticas de sensação, emoção e cognição, mas exclui posse e transferência de propriedade.

Tom *quis* uma bebida.

E            O

Tom *gostou* do aspargo.

E            O

Tom *soube* a resposta.

E            O

Embora Tom pareça ser agente, o instigador de uma ação, não é alguém que faz algo e sim alguém que “experencia” algo, alguém que de algum modo estava mentalmente disposto, alguém que tem a experiência mental de desejar uma bebida, a experiência de um conhecimento, ou a experiência de apreciar o aspargo. Em orações como essas o verbo é de experiência e um verbo desse tipo deve ser acompanhado por um nome que Chafe qualificou de experimentador.

**Beneficiário** é o caso que especifica aquele que se beneficia por qualquer coisa comunicada pelo restante da oração. Ocorre com os verbos de estado, processo e processação.

Tom *tem* um conversível.

B            O

Tom *ganhou* um presente.

B            O

Maria *deu* um presente para Tom.

A            O            B

**Instrumento** é o caso definido como um subsidiário do agente (A), algo que o agente usa. Em;

Tom *abriu* a porta com a chave.

A            O            I

Essa relação difere das relações *experimentador* e *beneficiário*, porque não se associa com nenhuma determinada unidade selecionai que exista no verbo. Dessa forma, apresenta I (Instrumento) como uma relação optativa, uma vez que o fato de não possuir nem um traço relacionai associado ao verbo enfi-aquece seu caráter proposicional. Assim, sendo subsidiário para o A(Agente), é um caso facuhativo, o que parece significar um caso modal, embora Chafe não se refira a isso. Nesta frase “Tom” é o agente (agente da ação) e

“com a chave” é o instrumento que muda a condição da porta - de fechada para aberta (processo).

Tom *cortou* a corda com uma faca.

**A            O            I**

Observamos que o Agente (Tom) foi quem realmente fez alguma coisa (cortou a corda). No entanto, foi com uma faca que ele “cortou a corda”, instrumento que lhe foi subsidiário para que realizasse a ação.

**Complemento** - “É típico de casos dessa espécie que o verbo implique uma ação que faça que algo passe a existir, uma ação que crie algo.” (Ibidem: 162). Estes verbos descrevem ações que implicam a coexistência dos respectivos objetos diretos. Os verbos são classificados como “completáveis” e os nomes como seus “complementos”.<sup>4</sup> Os exemplos a seguir mostram que a não-aplicação desta regra produz não-aceitabilidade, ao passo que o último exemplo mostra que esta regra é opcional em alguns casos. Vejamos:

O livro pesa uma libra.

\*\*O livro pesa.

Ele fez uma mesa.

\*\* Ele fez.

Vejamos nos exemplos abaixo explicações mais detalhadas.

Maria cantou uma canção.

José correu uma corrida.

Nas duas orações o verbo descreveu uma ação que implica a coexistência de certo conceito nominal. Cantar implica uma canção, correr implica uma corrida. Esse nome em causa especifica o que é criado: a interpretação de uma canção, a realização de uma corrida. Assim sendo, o verbo é completável e o nome, complemento. Um nome complemento não especifica algo que está em um estado ou que muda de estado; ele completa ou especifica mais estritamente o significado do verbo.

**Locativo** - um verbo especificado como locativo é acompanhado de um nome que mantém com ele uma relação de lugar. Segundo Chafe, “apenas verbos de estado podem ser especificados como locativos, mas os de processo e ação podem ser convertidos por derivação em *raízes verbais locativas*.” (Ibidem; 167). São seus os seguintes exemplos:

---

<sup>4</sup> Este caso Complemento de Chafe é para Fillmore o caso Factitivo.



A chave está dentro, (estado)

A chave *caiu* dentro, (processo)

Tim *arrastou-se* embaixo, (ação)

Tim *atirou* a chave dentro, (ação-processo)

Consideremos estas sentenças: (Carvalho, 1986: 76)

Zezé está *no* parque.

A caneta está *no* estojo.

O livro está *sobre* a escrivania.

Releva notar que Chafe considera as preposições como raízes verbais, já que o verbo “estar” é considerado por alguns (segundo Carvalho, *ibidem*: 76) como sendo semanticamente vazio. Um verbo locativo exige o acompanhamento de um nome locativo.

Vimos as sete relações Nome/Verbo propostas por Chafe, ou seja, “agente, paciente, experienciador, beneficiário, instrumento, complemento e local”. *Paciente e agente* têm um aspecto fiindamental que as outras relações não têm: toda sentença tem um paciente ou um agente, ou ambos, exceto os verbos - ambiente. Seis destas sete relações são determinadas pela presença de certa unidade de seleção dentro do verbo. Um verbo “estado” ou “processo” exige a presença de um nome paciente. Um verbo de ação exige um nome agente. Um verbo de experiência exige um experienciador, um verbo benefactivo exige um beneficiário, um verbo completável exige um complemento e, finalmente, um verbo locativo exige um local. Somente a relação instrumento não é exigida por uma unidade de seleção do próprio verbo: um instrumento depende da presença de um verbo ação-processo.

De acordo com Cook (1989), o modelo de Chafe apresenta uma abordagem inovadora no estudo da linguagem e seu sistema casual é mais bem organizado que o de Fillmore 1968, a lista de casos adequada e os tipos de verbos claramente definidos. Outro mérito de Chafe é fazer uma melhor distinção entre os *casos modais* e os *casos proposicionais*. Os casos exigidos pelo verbo são chamados proposicionais, o que é central em seu modelo, e os casos modais são aqueles que não são exigidos pelo verbo.

## 2.4- Anderson - uma teoria localista

Em 1971, John M. Anderson apresenta seu modelo de Gramática de Casos com a publicação de *The Grammar of Case: towards a localist theory*”.

Anderson propõe uma relação de dependência gramatical verbo/nome, onde o verbo é o elemento dominante, ao qual uma série de nomes são subordinados a-ele. Sua Gramática de Casos é uma gramática relacional, onde o verbo é um elemento primordialmente relacional e os nomes referenciais. Os casos são ordenados da esquerda para a direita (SVO) e há marcadores casuais na estrutura profunda (EP). Seu modelo é semelhante ao modelo de Fillmore de 1971, e caracterizado por dois tipos principais de verbos: verbos básicos e verbos locativos.

Em relação á lista de casos, Anderson propõe apenas quatro: *Nominativo* (Nom), que corresponde ao Objetivo (O) de Fillmore, o *Ergativo* (Erg), que corresponde ao Agentivo (A), o *locativo* (Loc) e o *Ablativo* (Abi).

1. **Nominativo** (Nom) - corresponde ao caso Objetivo de Fillmore, é considerado obrigatório e é definido como caso nocionalmente mais neutro exigido pelo verbo. É o único caso que ocorre com verbos de estado, processo e ação.
2. **Ergativo** (Erg) - corresponde ao caso Agentivo de Fillmore, é especificado como o iniciador da ação associada ao verbo. Difere do Agentivo (A) de Fillmore porque o Ergativo é tipicamente animado.
3. **Locativo ou Localização** (Loc) - indica a localização espacial do nominativo. Caracteriza-se pelo ocorrência de preposições estáticas e locativas. O caso Locativo abrange locativos espaciais e concretos e locativos direcionais com o significado de meta.
4. **Ablativo** (Abi) - é o caso exigido por um verbo locativo direcional expressando origem. Abarca também os verbos de mudança de transferência de propriedade, de comunicação, cognição e de sensação.

O modelo de Anderson assemelha-se, por um lado, ao segundo modelo de Fillmore (1971), pois apresenta um sistema casual localista, embora com terminologia diferente. Em <sup>distinta NOTAM</sup> termos gerais, modelos não-localistas são aqueles que tratam de predicadores básicos, experimentativos, benefactivos, locativos, *temporais*, etc.; modelos localistas tratam de dois tipos amplos de predicadores, ou seja, predicadores básicos e predicadores locativos.

GiessSfmado, os modelos não-localistas diferem dos modelos localistas no tratamento dos predicadores não básicos, isto é, experimentativos, benefactivos, *temporais*, etc. (embora este tratamento não é necessariamente o mesmo em todos os modelos), os quais são considerados “locativos abstratos” em modelos localistas. Por outro, Jáđ{P-o-^dele=-de-^der«on assemelha-se ao modelo de Chafe, no que concerne à classificação geral dos verbos, porque os classifica em estados, processos e ações.

## 2.5- Cook - uma gramática síntese

Entre 1970 e 1978, Walter Cook apresenta seu modelo de Gramática de Casos em uma série de artigos publicados em *Papers on Languages and Linguistics* na Universidade de Georgetown, onde resolveu elaborar um modelo que incorporasse as melhores características dos modelos de Fillmore (1968-1971), de Chafe (1970) e Anderson (1971). Sua proposta é de um *modelo não-localista*, que tem por princípio a centralidade do verbo, bem como da semântica. A estrutura profiinda neste modelo consiste em um S (proposição) dominando um V (predicado) e um, dois ou três SNs (argumentos). Os SNs são substituídos por “casos”, os quais são organizados na estrutura, numa seleção de argumentos, obedecendo a uma hierarquia de escolha do sujeito.

A estrutura abaixo, segundo Cook (1979:201) mostra como teríamos os três nomes da sentença numa relação de dependência com o verbo DAR, que será representado em um diagrama em árvore;



Figura 5

O verbo é o elemento central que vai determinar o número e a natureza dos “casos” que o acompanham, o S é uma sentença que agrupa, em uma única estrutura, o verbo e os casos que ele requer.

No modelo de Cook não há preposições na estrutura profunda e os casos são ordenados da esquerda para a direita, o verbo e seus casos são apresentados em forma de esquema casual, como em: DAR +[\_\_ A,B,0].

Cook, baseado em Chafe (1970), diferencia casos proposicionais de casos modais. Casos proposicionais são aqueles exigidos pela valência semântica do verbo e os casos modais não são exigidos pela valência semântica do verbo.

Cook, seguindo Fillmore (1975:5), diz que a lista casual deve ser: em número reduzido; adequada à classificação dos verbos na língua; e ser universal (para todas as línguas).

Ainda neste modelo de Cook, cada esquema de caso consiste: de um verbo e um, dois ou três argumentos; cada caso ocorrerá somente uma vez, exceto o caso O (Objeto), que é obrigatório; os casos são listados da esquerda para a direita obedecendo a escolha hierárquica do sujeito; os casos E, B e L são mutuamente excludentes.

Assim, os cinco casos proposicionais são definidos por Cook (1979: 203) como:

**Agente (A)** é o caso requerido por um verbo de ação. Apesar de ser tipicamente animado, a noção de agente estende-se às forças da natureza e até a objetos inanimados.

**Experienciador (E)** é o caso exigido por um verbo de experiência. Experienciador é a pessoa que experiencia uma sensação, emoção ou cognição. Em verbos de comunicação, o experienciador é o ouvinte da comunicação.

**Benêfactivo (B)** é o caso típico dos verbos benefactivos. Beneficiário é o possuidor de um objeto ou o participante não-agentivo de uma transferência de propriedade ou de uma transação comercial, ou de qualquer processo ou ação que resulte em relação de ganho ou perda para participante da ação ou processo.

**Objeto (O)** é um caso obrigatório encontrado com todos os verbos. Com verbos de estado, o Objeto é a coisa que está sendo descrita no estado determinado. Com verbos de processo ou ação, o Objeto é o objeto ou a coisa que está sendo descrita.

**Locativo (L)** é o caso específico de um verbo locativo. Restringe-se à locação física e inclui locativos estativos e locativos direcionais.

Cook (1979:203) estabeleceu as seguintes normas para a formação de estruturas de casos:

- 1) cada estrutura de casos consiste em um, dois ou três casos;
- 2) nenhum caso ocorre mais de uma vez numa estrutura de casos, exceto o caso O (Objeto);

- 3) o caso O(Objeto) é obrigatório;
- 4) os casos E, B, e L são mutuamente excludentes;
- 5) os casos são listados da esquerda para a direita, de acordo com a escolha hierárquica do sujeito.

Quanto aos *tipos de verbos*, como Chafe (1970), Cook (1979:203-4) classifica-os em estados e não-estados. Os verbos de estado são semanticamente estáticos e são definidos como verbos de não-acontecimento. Os verbos de não-estado são classificados em processos e ações; os processuais são verbos de acontecimento não-agentivo, enquanto que os de ação são verbos de acontecimento agentivo.

1. Verbos de Estado - expressam uma situação nocionalmente estática. Os verbos de estado são:
  - [- imperativo]
  - [- progressivo]
2. Verbos de Processo - expressam um evento dinâmico não-agentivo. São do tipo:
  - [- imperativo]
  - [+ progressivo]
3. Verbos de Ação - expressam um evento dinâmico agentivo. Referem-se a um Agente iniciador da ação indicada pelo verbo. São todos:
  - [+ progressivos]
  - [+ imperativos]
4. Verbos Básicos - Cook considera básicos os verbos que exigem os casos *Agente* e *Objeto*.

Estão esquematizados assim:

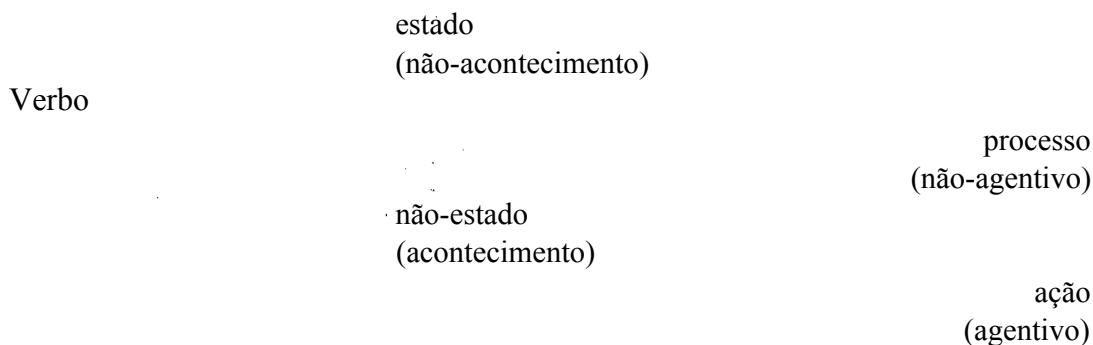


Figura 6

Cook utiliza, para identificar estados, processos e ações, os testes (imperativo, progressivo) usados por Lakoff (1966), Fillmore (1968) e mencionados por Chafe (1970).

Para identificarmos verbos processuais usaremos o teste proposto por Lakoff (1966) incorporado no modelo de Fillmore (1968). Os verbos de estado e os verbos de ação já foram exemplificados no modelo de Fillmore.

Processo - [- imperativo]

[+ progressivo]

- a) O homem morreu.
- b) O homem está morrendo.
- c) ? Morra, homem!

Além destes testes usados por Lakoff (1966), Chafe (1979:99-101) propõe outros testes para detectar estados, processos e ações.

Com a pergunta “Que aconteceu?” podemos distinguir um estado de um não-estado pela resposta. Revendo o exemplo:

(1) A madeira está seca.

Pergunta: Que aconteceu?

Resposta: Nada aconteceu.

Logo (1) expressa um *estado*.

Uma oração de *processo* responderá á pergunta: Que aconteceu?

Resposta: (2) A madeira secou.

Orações de ação serão detectadas pela resposta à pergunta: Que SN fez?

Resposta: 3) Miguel correu.

As estruturas de caso resultantes da aplicação destas normas são organizadas numa matriz 3 x 4 de tipos de verbos. No plano vertical, os verbos são classificados como verbos de estado, processo ou ação. No plano horizontal, os verbos são classificados como verbo básico, de experiência, benefactivo ou locativo. A matriz de esquemas casuais proposta por Cook é a seguinte:

Tipos de verbos	Verbos Básicos	Experimentativo	Benefactivo	Locativo
Estados	Oe - ser alto	E, Oe - gostar	B, Oe - ter	Oe, L - estar em
Processos	0 - morrer	E, 0 - notar	B,0 - ganhar	0,L - cair
Ações	A, 0 - matar	A,E,0 - dizer	A,B,0 - dar	A,0,L - pôr

Quadro 2

Tais verbos, na presente matriz, são classificados dentro de um campo semântico específico. Nos verbos de estado, o caso Q é marcado com um e minúsculo, que indica estaticidade. Os verbos básicos usam somente os casos Q e O. Os verbos de *experiência* tratam da vida interior do homem e são expressos pelo caso R. Verbos benefactivos tratam de posse, ganho ou perda e transferência de propriedade, e são expressos pelo caso R. Verbos locativos se relacionam com locação estática e direcional e são expressos pelo caso L.

Os verbos básicos, experimentativos, benefactivos e locativos assim se denominam em função do caso obrigatório que cada um exige, ou seja, da valência semântica do verbo. Todos eles poderão ocorrer de forma estática, processual e agentiva, conforme exemplos expostos abaixo:

a) Verbos básicos; requerem o caso Q, que para Cook é o caso obrigatório para todos os verbos.

al) Verbos básicos de estado ou estáticos são os que indicam estaticidade e requerem um só caso ou argumento - o caso Q

Helena *é* linda.

O<sub>e</sub>

Seu esquema casual é +[Q O<sub>e</sub>], o mesmo acontece com “ser alto”.

al) Verbos básicos de processos ou processuais são verbos que expressam uma mudança de estado ou de condição da pessoa ou coisa que é seu argumento ou caso. Estes verbos não indicam ação, por isso não requerem o caso A, mas o caso Q como em:

O homem *morreu*.

O

Seu esquema casual é +[Q O],

a3) Verbos básicos de ação ou agentivos são verbos que requerem dois argumentos: um A e um O, O agente é o caso ou argumento que executa ou que causa a ação, e o Objeto é o caso afetado ou criado pela ação. Por exemplo:

João *pinta* a casa.

A            O

Seu esquema casual é +[A O].

b) Verbos experimentativos são verbos que exprimem sensação, emoção, conhecimento e comunicação. Requerem sempre o caso ou argumento Experienciador (E).

b1) Verbos experimentativos de estado ou estáticos são aqueles em que a experiência de sensação, emoção ou conhecimento é percebida estaticamente.

João *gosta* de sorvete.

E                    Oe

Seu esquema casual é +[\_\_\_ E, Oe], O mesmo acontece com os verbos; saber, amar, odiar, etc.

b2) Verbos experimentativos processuais são aqueles em que o experienciador sofre uma mudança psicológica de estado e o caso O é o estímulo ou o conteúdo da experiência do caso E como em:

Helena *ouviu* a explosão.

E                    O

cujo esquema casual é +[\_\_\_ E,0],

b3) Verbos experimentativos ativos são verbos que requerem três casos ou argumentos; um Agente, que é responsável pela ação; um Objeto, que é a ação executada por A; e um Experienciador que vivência a ação. Por exemplo;

João *mostrou* o quadro para Maria.

A                    O                    E

Seu esquema casual é +[\_\_\_ A,E,0],

ç} Verbos benefactivos são aqueles que expressam posse, ganho ou perda, ou transferência de propriedade. Requerem sempre o caso B, juntamente com o O, Oe ou o A.

C1) Verbos benefactivos estáticos são aqueles que expressam estado de posse percebido estaticamente, como em;

João *tem* uma casa

B                    Oe

cujo esquema casual é +[\_\_\_ ^B,Oe]. O mesmo acontece com o verbo possuir, etc. Os casos poderão ocorrer invertidos com verbos como pertencer +f \_\_\_ ^Oe,B].

Esta casa *é* de João.

Oe B

c2) Verbos benefactivos processuais são aqueles que expressam ganho ou perda, como em;

Maria *ganhou* flores.

B                    O



Maria *perdeu* o anel de noivado.

B O

Seu esquema casual é +[\_\_\_ B,0].

c3) Verbos benefactivos ativos tem em seu esquema um caso Agente que é o que pratica a ação, o Objeto que é o que passa ao Beneficiário; o Beneficiário que se beneficia da ação de A e é receptor do objeto transferido.

João *deu* flores para Maria.

A O B

O esquema casual para este tipo de verbo é +[\_\_\_ A,B,0], o mesmo acontece com os verbos doar, entregar, etc.

d) Verbos locativos são verbos que denotam localização física ou mudança de um lugar para outro. Este tipo de verbos pode vir acompanhado dos casos Q e A.

d 1) Verbos locativos estáticos são os que denotam a localização espacial de uma pessoa ou um objeto, como em:

João *está* no Rio.

Oe L

O doce *contém* cravos.

L Oe

O esquema casual de tais verbos é +[\_\_\_ Oe,L] e +[\_\_\_ L,Oe], respectivamente.

d 2) Verbos locativos processuais são aqueles que especificam um objeto ou pessoa em movimento num acontecimento não-agentivo.

O livro *caiu* da estante.

O L

A bola *rolou* para o campo adversário.

O L

A criança *despencou* da escada.

O L

O esquema casual é +[\_\_\_ 0,L], podendo ocorrer variação na ordem dos casos, com em:

A garagem *encheu* de folhas secas.

L O

onde temos o esquema casual invertido +[\_\_\_ L,0].

d 3) Verbos locativos agentivos diferem dos anteriores por apresentarem, além dos casos O e L, um Agente dotado de vontade, de cuja ação resulta a localização espacial do caso Objeto.

Zico *rolou* a bola para a área.

A            O            L

O esquema casual dos verbos locativos agentivos é +[\_\_ A,0,L],

Cook admite ainda anexar, aos quatro tipos de verbos que constituem sua matriz (básicos, experimentativos, benefactivos e locativos), um quinto tipo de verbo que ocorre na língua - **os verbos temporais ou predicções temporais**. Segundo ele, as predicções temporais podem ser estáticas, processuais e agentivas.

Os **verbos temporais estáticos** são aqueles que exigem dois casos ou argumentos, um Objeto (O) e um tempo (T) percebidos estaticamente.

Hoje *é* quinta-feira.

Oe            T

Cujo esquema casual é +[\_\_ Oe,T].

Os **verbos temporais processuais** expressam um acontecimento com duração transitória não definida, ou limitada a um certo período de tempo. Como em:

A conferência *durou* duas horas.

O T

Seu esquema casual é +[\_\_ 0,T].

Os **verbos temporais agentivos** apresentam em seu esquema casual três casos ou argumentos: um Agente, um Objeto e um Tempo. Este tipo de verbos denota tempo cronológico de um acontecimento agentivo.

O presidente *passou* o fim de semana no Rio.

A=0 T

Seu esquema casual é +[\_\_ A,\*0,T]VA=0

A formação dos esquemas casuais, como se pode deduzir pelas demonstrações, confirma a teoria da centralidade do verbo, pois é ele que determina o número e o tipo de casos que constituirão os esquemas.

---

® Podemos observar que esses três tipos de verbos destas sentenças com verbos temporais estáticos, processuais e agentivos requerem o caso T como proposicional. Assim, o caso T é visto aqui como proposicional e não como modal como classifica Chafe (1970).

Encontramos também em Cook<sup>7</sup>(1979: 205-6) a teoria dos *casos não-manifestos*, semelhante à de Fillmore (modelo de 1971:48). É parte do fato de que nem sempre os casos ou argumentos requeridos pela valência verbal na estrutura profunda estão expressos na estrutura superficial. Esses casos chamam-se casos não-manifestos e podem ser parcialmente ou totalmente não-manifestos.

As funções ou casos *parcialmente não-manifestos* estão ora ausentes, ora presentes na estrutura superficial, e são chamadas de funções ou casos “apagáveis”. É clássico este exemplo de Fillmore (1968:29);

(1) Mamãe *está cozinhando* as batatas.

A O

(2) Mamãe *está cozinhando*.

A (O)

Em (1), o Objeto (as batatas) está presente na estrutura superficial, portanto está manifesto; em (2), o Objeto está apagado, logo, não-manifesto. Os esquemas casuais são:

(1) cozinhar + [\_\_ A,0]

(2) cozinhar + [\_\_ A,\*0]/0-apagável.\*

Os *casos totalmente não-manifestos* são aqueles que não se mostram na estrutura de superfície ou aqueles que nunca estão presentes na estrutura de superfície, embora façam parte da valência verbal (casos proposicionais). Há dois tipos de casos totalmente não-manifestos, os *casos correferenciais* e os *casos lexicalizados*.

Os *casos correferenciais* sintetizam duas funções casuais distintas na estrutura profunda, que possuem o mesmo referente semântico e, conseqüentemente, têm uma única representação superficial. Exemplo de Cook (1979:206):

João *foi* a Chicago.

A=0 L

onde João é o Agente de ir e, ao mesmo tempo, o Objeto que se desloca. Ir é verbo agentivo. Requer Agente - João - que está em correferência com o caso Objeto - João - ,

---

<sup>7</sup> Cook transporta para o modelo não-localista a teoria dos casos não-manifestos de Fillmore (de 1971 - modelo localista).

\* Seguindo formalização de Cook (1979:206), será marcado com asterisco o caso que for apagável, lexicalizado ou correferencial, sendo que tal especificação seguir-se-á ao esquema casual. Esta formalização também aparece no modelo da UFSC.

porque a valência semântica do verbo *ir* requer o Objeto que se desloca. Seu esquema casual é  $+[\_A,*0,L]\backslash A=0$

Segundo Flores (1994:60), a correferencialidade ocorre com verbos agentivos: o caso A (Ageente) é correferente com outros casos exigidos semanticamente pelo verbo, tais como E (Experenciador), B (Benefactivo), O (Objeto) e L (Locativo). Estes casos correferentes (E,B,O,L) nunca estarão manifestos e serão identificados pela valência verbal como tendo a mesma realização do agente (A).

Os *casos lexicalizados* são “os casos que estão incorporados ao significado do verbo e normalmente não aparecem na estrutura superficial” (Cook, 1989, p.204), como em;

João *engarrafou* a cerveja  
pôr em garrafas  
L-lex.

onde o verbo *engarrafar*, vt, traz o L (Locativo) (-em garrafas) incorporado em sua forma, apresentando como esquema casual  $+[\_A,0,*L]/L - \text{lex}$ .

Segundo Zucco (1992:56), O (Objeto) é o caso que mais aparece lexicalizado na forma verbal. Exemplifica com:

O prefeito *arborizou* a avenida,  
plantar árvores  
0-lex

onde o verbo *arborizar*, vt, traz em sua forma o caso O - árvores. O esquema casual é:  $+[\_A,*0,L]/0\text{-lex}$ .

O verbo pode conter caso lexicalizado que acaba por se manifestar na estrutura de superfície. Isso ocorre quando o caso manifesto, idêntico ao lexicalizado, faz-se acompanhar de modificador. Tal *caso* é denominado *cópia*. Por exemplo:

João *engarrafou* a cerveja em garrafas verdes.  
A                    O                    L-cópia  
colocar em garrafas  
L-lex.

Seu esquema casual é  $+[\_A^{\wedge}, O,*L]/L\text{-lex}$ .

A teoria dos casos não-manifestos pode ser representada esquematicamente:

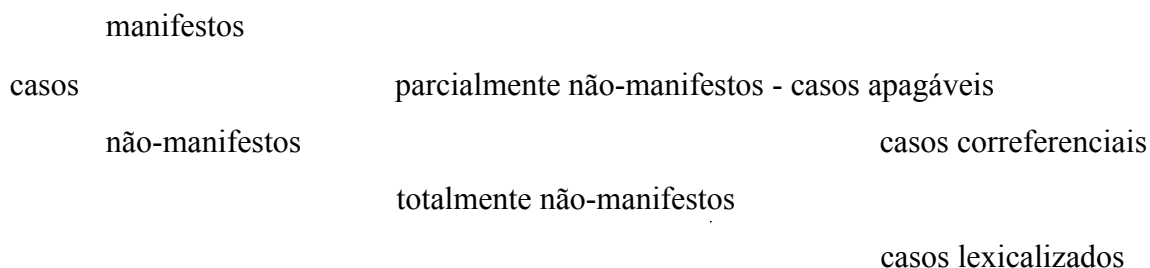


Figura 7

Em *Case Grammar Theory* (1989), Cook ratifica seu modelo matricial (1970-1978) e revê três aspectos que, segundo ele, necessitam ser considerados e, conseqüentemente, acrescidos em sua matriz de tipos de verbos.

O modelo matricial de Cook (1970-1978) contém doze esquemas casuais considerados necessários e suficientes para a classificação de todos os verbos de uma língua. Poderemos perceber, abaixo, que tal exigência poderá ser satisfeitas em três pontos:

1) esquemas casuais com o caso O duplo; problemas especiais surgem com a análise de predicções de dois argumentos, isto é, aquelas predicções em que o sujeito e o predicado nominal são colocados em uma relação de igualdade. Para Cook, a solução mais simples é admitir esquemas casuais com o caso O duplo. Por exemplo:

Senna *tôrnou-se* um herói.

○                      ○

2) Cook (1989: 196) afirma que “Existem verbos na língua que exigem um caso Tempo(T) essencial. Por exemplo: T é predicado de um evento como em *a reunião é na quarta-feira*, classificada como  $+[\_Oe,T]$ . Podem ocorrer verbos processuais tais como *durar*, classificado como  $+[\_\_\_\_\_0,T]$ , e verbos agentivos tais como *passar* (tempo), classificado como  $+[\_\_\_\_\_{}^A,0,T]$ .”

3) Verbos com o mesmo esquema casual, diferem às vezes na seleção do sujeito, como *ter*  $+[\_\_\_\_\_B,Oe]$  e *pertencer*  $+[\_\_\_\_\_Oe,B]$ .

João *tem* uma casa.

B                      Oe

Esta casa *pertence* a João.

Oe                      B

O esquema casual é idêntico em número e tipo de casos; no entanto, a seleção do sujeito, considerada “anormal” por Cook, é indicada escrevendo-se o esquema casual com os casos na ordem inversa.

Segundo Cook (1989:196), “se essas exceções são levadas em consideração, a matriz de esquemas casuais deverá ser revisada para incluir casos com Q duplo, isto é, esquemas com o caso Tempo (T) e esquemas que diferem na seleção do sujeito”.

Em suma, Cook, em seu modelo matricial (1970-1978, revisado em 1989), adota: 1) a centralidade do verbo; 2) basicamente o sistema casual de Fillmore (1968) e Chafe (1970), com algumas modificações, o que caracteriza um modelo não-localista; 3) os tipos de verbos de Chafe (1970) - estados, processos e ações (abolindo um tipo de verbo: processação); 4) a obrigatoriedade de O (Objeto) de Anderson (1971); 5) a teoria dos casos não-manifestos de Fillmore (1971); e 6) o sistema bidirecional de derivação de verbos de Chafe (1970), este ponto não abordado em nossa pesquisa. Com base nestes três autores, Cook organizou seu próprio modelo, por não considerar os modelos apresentados adequados à classificação dos verbos na língua.

Encerramos, assim, nossa abordagem do modelo casual de Walter A Cook.

## **2.6- Nicolacópulos - um modelo semântico-pragmático**

O modelão casual utilizado na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), proposto por Nicolacópulos (1992), baseia-se no modelo matricial de Cook (1979,1989), que por sua vez, assenta-se nos modelos casuais de Fillmore (1968, 1971), Chafe (1970) e Anderson (1971). É um modelo não-localista e difere sucintamente do modelo matricial nos seguintes itens:

1. A estrutura profunda (EP) é semântico-sintática, isto é, os papéis semânticos ou casos serão paralelos às funções sintáticas.<sup>5</sup>
2. O sistema casual (lista de casos) do modelo compõe-se de oito (8) casos: A-E-B-O-L-T-C-H.

O caso Agente (A) expressa ação. Por exemplo:<sup>10</sup>

“iWmata 3 em ação anti-sequestro.” (Folha de S.Paulo, 23.. 11.95,p.3-1)

“Terremoto atinge o Oriente Médio, mata dez pessoas e deixa 69 feridos em sete países” (Folha de S.Paulo, 23.11.95, p.2-1)

---

<sup>5</sup> Posição semelhante já sugerida por Leech (1981, p. 178-203), entre outros.

O caso Experienciador (E) denota sensação, emoção, cognição e o ouvinte da comunicação:

“Sivam. Ministro depõe, mas não convence *comissão*. ” (E.S.P., 13.12.95, p.A4);

“Pe/é tem interesse em bingos, (F.S.P. 13.12.95. p. 1-10);

O caso Beneficiário (B) exprime posse, poder, liderança, ganho ou perda, benefício e transferência de propriedade.:

“*Borges* vence 200m livre no Mundial de Natação”(F.S.P., 01.12.95, p.4-44);

“*Bancos* ganham reforço de liquidez” (O Estado de S.Paulo, 23.11.95, p.B1);

O caso Objeto (O) é o caso que, com verbos de estado denota o que está sendo descrito, com verbos processuais o que sofre mudança de estado, e com verbos agentivos expressa afecção.

“Estiagem atinge 40 *municípios* no Sul” (O Estado de S.P. 13.12.95, p.A14)

O Locativo (L) expressa localização:

“A melhor competidora do Brasil, Gabrielle Rose, chegou ontem *ao Rio* para disputar o Mundial(...)”(F.S.P., 23.11.95.p.4-a).

O caso Tempo (TV) denota tempo cronológico:

“Privatização da Vale pode atrasar *1 mês*” (F.S.P.,13.12.95,p.1-12).

O caso Comitativo (C) é o caso que expressa companhia:

“(…) Fernando Henrique encontra-se com *o presidente chinês, Jiang Zemin*” (Jornal da Tarde, 13.12.95, p.3).

O caso Holístico (H) expressa totalidade, o todo:

Hoje, a *Iugoslávia* é formada apenas pelas repúblicas da Sérvia e de Montenegro” (Jornal do Brasil, 22.11.95, p. 13).

3. Os tipos de verbos/predicadores/proposições classificam-se em básicos, experimentativos, benefactivos, locativos, temporais, comitativos e holísticos, percebidos estática, processual ou agentivamente.

4. Não-obrigatoriedade do caso O(Objeto).

---

<sup>10</sup> Todos os exemplos foram retirados dos Anais do 1º. Encontro do CelSul, v.I. pág. 206-207.

<sup>11</sup> Os verbos temporais, classificados por Nicolacópulos, foram, inicialmente, classificados por Cook, sem, contudo, fazê-los constar da matriz.

<sup>12</sup> O modelo casual da UFSC adota o caso Comitativo (C), caso que Fillmore (1969) apresentou sem defini-lo.

5. As predicacões experimentativas não-voluntárias do tipo agradar, vt, ofender, vt, irritar, vt, encantar, vt, frustrar, vt, assustar, vt, analisam-se como predicacões experimentativas agentivas e não processuais como em Cook (1979, p. 164 e 1989, p. 197, 212-214,217), como em;

“Vendas de brinquedos. ^M5^a/w lojistas”(0 Estado de S.Paulo, 14.10.95)

“Pacotes de fabricantes externos *assustam* indústria”(0 Estado de S.Paulo, 14.10.95).

onde frustrar, vt,/assustar, vt, são analisados como A, \*0, E/A=0, pois *vendas de brinquedos/pacotes de fabricantes externos* expressam açã/conteúdo da experiência concomitantemente.

6. Admite a possibilidade de ocorrência, embora rara, de casos considerados mutuamente excludentes, o que também era admitido por Fillmore (1971, p.51). É o caso, por exemplo, do verbo passar, que admite os casos L(Locativo) e T(Tempo) , ambos proposicionais, como em “Jefifrey passou terça-feira à tarde na praia”. No entanto, o raro número de ocorrências não invalida a norma, que encontra suporte na *noção de cenas* de Fillmore (1977:59-81), segundo a qual só serão colocados em *perspectiva* os elementos selecionados pelo falante, ficando os demais elementos no *background*.

7. Admite a possibilidade de ocorrência, mais de uma vez em uma mesma proposição, de outros casos, além do caso O (Objeto), embora com rara freqüência, como no exemplo coletado do discurso oral: “Eu tenho que descer para atravessar as crianças”, onde o sujeito e o objeto de atravessar (eu/as crianças) denotam açã (A) (cf Zucco, 1992: p. 143).

8. Admite, excepcionalmente, mais de três casos em uma mesma proposição, como no exemplo de Fillmore com o verbo passar acima.

9. Considera que os casos estão em uma relação de associação com o seu verbo/predicador (e não em relação de dependência). Assim, o verbo refletirá a soma desta interação e da(s) significacão(ões) espraiada(s) pelo enunciado produzido em contexto. Desta forma, pode-se dizer que o verbo/predicador é uma “espécie de síntese enunciativa”.^.^

10. O modelo da UFSC leva em consideracão elementos pragmáticos e discursivos na análise casual, permitindo uma abordagem semântico-pragmática do enunciado.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Termos sugeridos pela Prof. Maria Marta Furlanetto.

<sup>14</sup> Oliveira, M.G.A. (1995:44) aborda o fenômeno dos enunciados metafóricos, a partir desta teoria e modelo.



Reverendo os modelos resenhados até agora constatamos que: 1. No seu primeiro modelo, ao formular a teoria de casos, Fillmore (1968) apresenta um sistema casual composto de nove casos: Agentivo (A), Instrumental (I), Dativo (D), Factitivo (F), Locativo (L), Objetivo (O), Comitativo (C) e mais dois casos modais: Benefactivo (B) e *Tempo* (T). O *tempo*, portanto, faz parte da modalidade, isto é, não está em uma associação particular com o seu predicador. 2. No segundo modelo, Fillmore (1971) adotou a linha localista com os seguintes casos: Agente (A), Instrumento (I), Experienciador (E), Locativo (L), Objeto (O), Origem (Or), Meta (M) e *Tempo* (T), além do Benefactivo (B), possivelmente modal. O *Tempo* (T) é definido como “tempo no qual um objeto ou evento está localizado” (1971:51), admitindo que “alguns verbos admitem Locativo e *Tempo* como complementos diretamente” (idem:ibidem) de maneira que Locativo e *Tempo* são utilizados como casos proposicionais, como em *Jeffrey passou terça-feira à tarde na praia* ou *a reunião durou uma hora*. 3. Chafe (1971) lista sete casos: Agente (A), Instrumento (I), Experienciador (E), Beneficiário (B), Complemento (C), Locativo (L) e Paciente (P). Não contempla o caso *Temporal* (T). 4. O modelo localista de Anderson (1971) que se utiliza de quatro casos, Ergativo (Erg), Nominativo (Nom), Ablativo (Abi) e Locativo (Loc), classifica os predicadores em básicos e locativos. Os locativos podem ser concretos e abstratos, que absorvem os casos E,B,L,T, etc., da vertente não-localista. 5. O sistema casual de Cook (1979), A,E,B,O,L, não contemplava o *tempo*. Em seu modelo revisado, admite a existência de um “caso T essencial” (1989:196), que pode ser estático, processual ou agentivo, mencionando apenas três exemplos. 6. O modelo casual da UFSC lista o *Tempo* no seu sistema casual: Agente (A), Experienciador (E), Benefactivo (B), Objeto (O), Locativo (L), Comitativo (C), *Tempo* (T) e Holístico (H). Desta forma, haverá predicadores básicos, experimentativos, benefactivos, locativos, comitativos, *temporais* e holísticos, os quais constituem os enunciados correspondentes, incluindo *enunciados temporais* que serão o objeto da análise que segue (capítulo 3).

## A EMERGÊNCIA DE ENUNCIADOS TEMPORAIS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

### 3.1. Metodologia

A apreciação efetiva dos predicadores temporais, sob a ótica da Gramática de Casos, dimensionada no Modelo Casual da UFSC, impõe a consideração da dimensão pragmática que se entrecruzam no âmbito contextual.

Nesse sentido, buscamos explicitar as nuances temporais que os usuários empreendem na articulação interativa que perpassa suas intenções no processo comunicativo. E o *corpus* que escolhemos se inscreve nesse universo de referência uma vez que todo o conjunto de enunciados dos textos jornalísticos, na sua configuração de ‘relato de aparências’ preconiza a relação enunciador/enunciatário como coadjuvante do *lead jornalístico*, porquanto mantém um conhecimento de mundo, necessariamente, socializado.

O contexto da notícia veiculada precisa adotar uma linguagem que atue como mediadora das intenções da indústria da informação, que deseja “vender” um produto, além de afirmar sua credibilidade, por um lado, e por outro, atender às expectativas do consumidor-leitor, que precisa receber informações num tempo específico - já que se caracteriza pela atualidade e, mesmo assim, é de segunda mão -, além dos critérios de qualidade e acessibilidade.

Olhando nessa direção, as dimensões pragmáticas assumem papel decisivo, pois situam os enunciados jornalísticos numa esfera nacional, contextualmente relevantes, auxiliando na configuração dos efeitos de sentido que, a partir deles (dos enunciados) se espriam no contexto jornalístico como um todo, a fim de expressarem as referências informativas que resguardam - a seu tempo - a história dos homens e da sociedade.

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de *enunciados temporais* retirados da linguagem jornalística, mais especificamente da Folha de S. Paulo (doravante F.S.P.) e O

Estado de S. Paulo (doravante E.S.P.)> independentemente de seção, jornais de grande circulação nacional, no período compreendido entre outubro de 1997 e abril de 1998.

Primeiramente, selecionamos três dicionários (Borba, Francisco da Silva. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio* e Cunha, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*) para pesquisar os predicadores que constituem o nosso *corpus*. Por que dicionários? Porque pressupomos que registram o que está armazenado na memória coletiva de uma determinada comunidade linguística. Desta forma, um determinado verbete tende a registrar primeiramente os sentidos mais velhos de um vocábulo e os mais novos a seguir. Por isso, em nossa pesquisa, adotamos como sentido básico o primeiro sentido registrado pelo(s) dicionário(s). Em caso de discordância entre os dicionários, adotamos o sentido que se coadunava com nossa intuição de falante nativo e assinalamos o outro com um ponto de interrogação (?). Sempre que discordamos da definição do dicionário de Borba ou dos outros dicionários mas Concordarmos com os exemplos dos autores citados (acima), assinalaremos esta discordância em forma de observação em nota de rodapé.

Sendo o *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil* uma obra que trata de verbos/predicadores sob a ótica da teoria de casos e por apresentar exemplário contextualizado, decidimos iniciar por ele. Segue a pesquisa no *Novo Dicionário Aurélio*, por ser o maior lexicógrafo da língua portuguesa, e, por último, o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, com o objetivo de explicitar que o “etimológico” não é necessariamente o sentido básico do(s) predicador(es). Consideraremos predicadores temporais básicos aqueles cujo sentido denota *tempo* e, predicadores temporais metaforizados aqueles cujo sentido básico não é temporal, mas que se metaforizam em *temporal*, resguardando, no entanto, com este “movimento” em direção ao temporal, seu vínculo com o sentido anterior (básico). Portanto, consideraremos metaforizado o predicador o qual possibilita que se perceba a “semelhança” com seu sentido básico. Não faremos, neste trabalho, distinção entre graus de envelhecimento de metáforas (metáforas cansadas ou cristalizadas e metáforas novas).

A seguir, analisaremos, a emergência de enunciados temporais a partir de predicadores temporais, em dois blocos; (i) a partir de predicadores temporais básicos e (ii) a partir de predicadores temporais metaforizados, ambos em ordem alfabética.

## ANÁLISE DO “CORPUS”

### 3.2. Predicadores Temporais Básicos

O “corpus” deste bloco se compõe de enunciados temporais que se constituem a partir dos seguintes *predicadores temporais básicos*, (*estar*) *acelerado*, *acelerar*, *adiar*, *anteceder*, *antecipar*, *apressar*, *atrasar*, *demorar*, *durar*, *eternizar*, *postergar*, *prorrogar*, *protelar*, *retardar*, *tardar*, que serão analisados em ordem alfabética.

1. (ESTAR) ACELERADO<sup>^</sup> - Cf. Ferreira: [Part. de acelerar.] Adj. 1. Tomado rápido ou mais rápido; apressado: A rotação acelerada do toca-discos alterou o som. 2. Rápido, veloz, ligeiro: “Marchou em passo acelerado até defronte do palácio” (Bernardo Pinheiro, Pindela, Azulejos, p. 23). 3. Mec. Diz-se do motor que trabalha em alta rotação. 4. Mil. Passo de tropa que marcha a pé, de andamento mais rápido que o passo ordinário. Em acelerado. Em andamento ou ritmo acelerado; aceleradamente, apressadamente, apressuradamente.

Encontramos a ocorrência deste adjetivo no seguinte enunciado:

“O crescimento da economia americana está muito acelerado”. (F.S.P.,02.11.97:2-11)

Neste recorte, encontramos o adjetivo *acelerado*, cujo núcleo do predicador é {*estar*} *acelerado*, significando *rapidez*, *veloz*, *ligeiro*. É um predicador biargumental, percebido estaticamente, tendo como esquema casual: +[\_\_\_ Oe,\*T]/T-lex.

2. ACELERAR - cf Borba: I - Indica ação-processo com sujeito agente/causativo e com complemento, apagável, expresso por nome abstrato. Significa *tornar célere ou rápido*, *fazer aumentar a velocidade*, *apressar*: Quando [o menino] atravessou o portão, acelerou a marcha (CBC, 255); apenas as matracas aceleram as pancadas secas, solitárias (Correia-0,107); a FAB acelera a construção do aeroporto de Cachimbo (CRU-31.1.73,21); A repercussão, no Brasil, dos acontecimentos políticos da Europa ( )

---

\*No dicionário de Borba e no de Cunha nada consta com relação a este predicador.

acelerou a evolução política do país (FEB, 114); o cara tentava acelerar o motor para fugir [= a rotação do] (Z,15). Quando eu der o sinal, acelere e mantenha a direção (PV, 74). II Indica processo, na forma pronominal ou não, com sujeito paciente. Significa *apressar-se* | O processo acelerou-se (CH, 240); O coração de Alaíde se acelera [= o ritmo de] (MAP, 160); Meu coração acelerou (PL, 13).

Cf. Ferreira: [ Do lat. *accelerare*.] V.t.d. 1. Tomar *célere* ou mais *célere*; aumentar a velocidade de; apressar. 2. Dar pressa a; fazer progredir ou andar mais rápido; apressar, ativar. 3. Instigar, estimular. 4. Autom. Imprimir maior velocidade a (o veículo automóvel), mediante aceleração progressiva do motor. Int. 5. Tomar-se *célere* ou mais *célere*; apressar-se, acelerar-se. 6. Aumentar de velocidade. 7. Autom. Imprimir maior velocidade de rotação ao motor de um veículo automóvel. P. 8. Tomar-se *célere* ou mais *célere*; adquirir maior velocidade; acelerar.

Cf Cunha; vb. ‘tomar *célere*, apressar’/ acc-xvi/ Do lat. *accelerare*// *acelerAÇÃO*/acc-XVI/ Do lat. *acceleratio-onis*// *acelerADOR*/acc-1813// *acelerAMENTO*/acc-XVI.

Em nosso corpus, encontramos a ocorrência deste verbo no seguinte enunciado temporal básico:

‘Wiovf1 *geração de supercomputadores acelera previsão do tempo.*’ (F.S.P.,11.01.98:5-16).

A vs do verbo *acelerar* encerra um Agente, um Tempo lexicalizado (= *célere*, incorporado ao significado do verbo, e um Objeto. O sentido de *acelerar* no enunciado acima é de *tornar célere ou rápido, apressar*. Assim, o sujeito Agente (A) é quem acelera (= Nova geração de supercomputadores), o Tempo (T) está lexicalizado em *acelerar* (= tomar *célere*, rápido), ou seja, incorporado ao verbo, e o Objeto (O) é o que é acelerado (= previsão do tempo). Seu esquema casual é: +[\_\_\_ A,0,\*T]/T-lex.

3. ADIAR - Cf Borba; Indica ação-processo, com sujeito agente/causativo. 1. Com complemento expresso por nome abstrato, significa *deixar para outro dia ou para uma data indeterminada, protelar, procrastinar*: O coronel ainda quis sair de mansinho, adiando a discussão, mas o vento tinha virado (FEC, 34); [Augusto] não precisava mais

adiar o seu projeto (VN,9); O Diretório Municipal () adiou para o dia 26 do corrente sua convenção (ESP-17.2.55,3); Vai [Augusto] adiar indefinidamente a felicidade? (VN, 62); A crise poderá ser adiada por alguns dias (A, 91); adiam festejos na Vila Kennedy (JB-21.1.65,8); mas a tática do escamoteamento dos problemas () certamente adiará a melhor solução (F.S.P.4.10.88,2). 2. Com complemento expresso por nome indicativo de data, significa *prorrogar, mudar para mais adiante*: Governo adia o prazo para dívidas do café (E.S.P., 1); Conseguimos adiar a data das eleições para o Diretório.

Cf Ferreira; [De a2 + dia + ar2.] V.t.d. 1. Transferir para outro dia; protelar, prorrogar, procrastinar. 2. Reprovar em exame: O professor adiou vários candidatos inscritos. § adiável, adj. 2.g.

Cf Cunha: adi. ar, -ável -> DIA.

Esse exemplo mostra a ocorrência do verbo *adiar* em enunciados temporais básicos:

“*Falta de quórum adia votação da Previdência.*” (E.S.P.,09.01.98:A1)

A vs de *adiar* no enunciado em questão é de três argumentos, que delineiam o sentido temporal agentivo do enunciado. Neste recorte, encontramos o verbo *adiar*, cuja vs prevê um Agente (A), um Objeto (O) e um Tempo (T). A falta de representantes no Congresso fez com que a votação para aprovar a reforma da Previdência fosse adiada para mais tarde, o que configura um caso temporal (T), argumento (papel semântico) que, neste enunciado, encontra-se apagado. Portanto, o enunciado acima desenha o seguinte esquema casual: +[\_\_ A,0,\*T]/T-apag.

4. ANTECEDER - Cf Borba: Indica estado. Constrói-se com sujeito inativo e com complemento expresso por nome, facultativamente introduzido por a. Significa: 1. *Existir ou ocorrer antes de*: A “nota cronológica” antecede os contos. (TP, 17); As imagens, porém, antecederam a voz. (ML, 78); O todo antecede as partes. (RS,101); Nos últimos quinze dias que antecedem à festa a folia percorre o rocio. (FN, 74); No Brasil, a máquina estatal antecedeu ao povo (DC, 67); Fogos e artifício antecederam à posse do novo diretor. 2. Estar em lugar precedente: No desfile, as crianças antecediam aos adultos; Na ordem de afastamento do Sol, Vênus antecede a Tert<sup>^</sup>. 3. Estar adiante

de; E foi, ainda uma vez Rui, antecedendo a todos pela visão, quem lançou o autor paulista. (F.I, 33). // Em qualquer dos casos acima é facultativa a forma pronominal, com a qual se torna obrigatório o complemento da forma a + nome: A poesia antecedeu-se aos textos em prosa; A ala das baianas antecedia-se ao carro alegórico no desfile carnavalesco, os americanos antecederam-se aos russos na conquista da lua.

Cf Ferreira; [Do lat. *antecedere*.] V.t.d. 1. Vir, estar ou ficar antes; preceder; A revolta de Filipe dos Santos (1720) antecedeu a Conjuração Mineira (1789). 2. Realizar antes do tempo. 3. Chegar antes de; preceder. 4. Prever, prenunciar, prognosticar. T.i. 5. Ser anterior; preceder; Antecederam à doença numerosos sintomas. P.6. Ser anterior; preceder, antecipar-se.

Cf Cunha; vb. 'preceder'XVI. Do latim *antecedere*// antecEDÊNCIA XVII// antecEDENTE/ - çE - XVI/ Do lat. *antecedens* - entis // antecessOR XIII. Do lat. *antecessorem*.

Encontramos a ocorrência desse verbo no seguinte enunciado;

*“Esses “caballitos” existem desde os tempos da cultura mochica (200 a C. a 750 d. C.) a civilização voltada à pesca que antecedeu os incas”*. (F.S.P.,6.10.97;7-18)

A vs do verbo *anteceder* acima (= preceder, vir antes - no tempo -) encerra a presença de um caso Tempo (T) e de dois Objetos (O) percebidos processualmente. Assim, a vs de *anteceder* no contexto acima é de três argumentos: um Objeto (O), o ser anterior, que neste recorte é a , cultura mochica, um Tempo (= incorporado ao verbo *anteceder*, significa *ser antecedente*) e o outro Objeto (O), o ponto de referência do antecedido, ou seja, os incas. Portanto, seu esquema casual é; +[\_\_ 0,0,\*T]/ T-lex.

5. ANTECIPAR - Cf Borba; I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente/causativo e com complemento expresso por nome abstrato de ação, significa *fazer ocorrer antes do tempo previsto, adiantar*: Neste ano o governo antecipará o pagamento do 13º; Antecipamos a entrega dos prêmios porque os garotos estavam muito impacientes; O Presidente do EBC antecipou sua ida a Londres (CP-16.6.67,16); As chuvas abundantes anteciparam as colheitas. 2. Com sujeito agente e com dois complementos; um expresso

por nome abstrato ou oração conjuncional/infinitiva e outro, destinatário, apagável, da forma a + nome humano, significa; 2.1. *Informar com antecedência*: Antecipei ao chefe minha decisão; A mulher antecipou ao marido estar pretendendo viajar; Antecipei ao PMDB que não mais seria filiado. 2.2. *prognosticar, dizer antes*: Uma cartomante cigana antecipou-me o infausto evento. II. Indica processo, na forma pronominal, com sujeito paciente. Significa *ocorrer antes do tempo previsto*. Os acontecimentos anteciparam-se; Parece que o calor se antecipará. III Indica ação, na forma pronominal, com sujeito agente. 1. Com complemento da forma em + oração infinitiva, significa *precipitar-se, adiantar-se* Antes que o coronel se manifestasse, antecipou-se o capataz em dizer-lhe que todos o apoiaram nas eleições. 2. Com complemento da forma a + nome humano/abstrato, significa *agir ou proceder com antecipação, adiantar-se*: Antecipando-se a mim, João pediu a palavra: O ministro quer antecipar-se à justiça (CS, 4); O presidente antecipou-se aos fatos. IV. Indica estado, na forma pronominal, com sujeito inativo e com complemento da forma a + nome abstrato. Significa *existir antes de, preexistir*.: O pensamento se antecipa à fala?; bom sistema previdenciário é o que se antecipa aos riscos. (E.S.P- 11.12.69,3).

Cf Ferreira: [Do Lat. *anticipare*.] V.t.d. 1. Fazer, dizer, sentir, fiiiir, fazer ocorrer, antes do tempo marcado, previsto ou oportuno; precipitar. 2. Chegar antes de, anteceder. T.d. e i. 3. Comunicar com antecipação: Antecipou-lhe a decisão que pretendia tomar. 4. Tomar a dianteira: Antecipou-o no intento caridoso. Int. 5. Ocorrer antes do tempo marcado, previsto ou oportuno; adiantar-se. 6. Dizer ou fazer alguma coisa antes do tempo oportuno; antecipar-se. P.&. Agir ou proceder com antecipação; adiantar-se. 8. Ir ou vir com antecipação; adiantar-se, antecipar. 9. Tomar a dianteira; colocar-se antes.

Cf Cunha: vb. ‘fazer, dizer, sentir, etc. antes do tempo marcado ou oportuno’ / XVI antecipar XV/ Do lat. *anticipare*// antecipaÇÃO XVI. Do lat. *antiicipatio-onis*.

Esse exemplo mostra o verbo *antecipar* no enunciado abaixo:

“Apesar de várias pesquisas terem antecipado uma folgada vitória de Moi sobre os outros 14 candidatos (com 49,2% dos votos), o mandatário, de 73 anos, exortou os



*eleitores a fazer ‘uma sóbria reflexão que assegurará paz e estabilidade para nosso país’.*” (E.S.P.,30.12.97: A12)

A vs do verbo *antecipar* (= antes do tempo marcado, adiantar-se) prevê um Agente (A) e mais dois argumentos: um Objeto (O) e um Tempo (T). O Objeto é o resultado de várias pesquisas feitas sobre a eleição para presidente do Quênia. O Agente é aquele que antecipa o resultado que, no caso do enunciado acima, é a pesquisa, e um Tempo lexicalizado. O esquema casual é: +[\_\_A,0,\*T]/T-lex.

6. APRESSAR - Cf. Borba: I. Indica ação-processo, com sujeito agente/causativo. 1. Com complemento expresso por nome abstrato de ação, significa *tornar (mais) rápido, acelerar*: [Lucília] apressa seu trabalho (MO, 60); [Bernardo] apressou a marcha do animal (FP, 105); O coronel Manuel das Onças apressou o passo (GCC, 29); Tudo apressou o passo do caboclo destemeroso (JÁ, 68). 2. Com complemento expresso por nome abstrato de ação/processo, significa *dar pressa em fazer ocorrer, antecipar, precipitar*: e este fora o motivo que o levava a apressar a consulta (CCA, 222); De modo que para apressar a criação destes cursos, creio que essa é a providência prática. (PT, 145); As fogueiras apressavam a partida do pOvo (MA, 158); Pedindo à mulher que apressasse o café [= o preparo do] vestiu-se rapidamente (DM, 121); se conseguisse apressar o pagamento, receberia dois contos de réis. (BHM, 116); [Virgínia] Agora já não tinha dúvida de que ele apressara a morte da enferma (CDP, 95); Aquilo apressará a sua morte. 3. Com complemento expresso por nome humano, significa *agir com rapidez, apertar*: O chefe apressou seus auxiliares. 4. Com dois complementos: um expresso por nome humano e outro da forma a + oração infinitiva, significa *instigar, incitar*: Todos o apressavam a partir. II. Indica processo, na forma pronominal, com sujeito paciente. Significa *tornar-se (mais) rápido, acelerar-se*: Minha respiração começou também a se apressar de repente (TC, 58). III. Indica ação, na forma pronominal, com sujeito agente. 1. Sem complemento, significa *agir (mais) rapidamente, executar algo com (mais) rapidez, andar (mais) depressa*: Curió devia apressar-se antes do irremediável acontecer (PN, 119); A escolta apressava-se (AS, 212); convinha nos apressarmos (A,51). 2. Com complemento da forma a/em + oração infinitiva, significa *dar-se pressa em (fazer ocorrer), procurar gk^eyiar (a ocorrência de)*: Carter não se apressou em compor um novo gabinete (^JT;§.7.79,42); Toca o telefone. Marcelo apressa-se em atender. (SV,

60). Gente se apressou a entrar (DE, 141); Apressou-se então a calçar as rodas antepondo-lhes pedras e seixos (PV, 561).

Cf. Ferreira: [De a- + pressa + -ar.] V.t.d. 1. Dar pressa a; tomar rápido ou mais rápido; acelerar: Apressou o passo. 2. Antecipar; abreviar: Vamos, apresse o fim da história. 3. Instar com; Instigar, incitar; apertar. T.d. e i. 4. Instar, instigar, induzir. Int. 5. Dar-se pressa; apressar-se. P. 6. Dar-se pressa; mostrar-se apressado. 7. Tomar-se diligente, breve ou rápido. 8. Aprontar-se ou preparar-se apressadamente; despachar-se. 9. Tomar-se mais rápido, acelerar-se.

Cf. Cunha: a.press.ado, -ar, -urado, -urar -> PRESSA.

Encontramos o verbo *apressar* no enunciado que segue:

“O governo foi beneficiado ontem, no esforço de apressar a votação da reforma administrativa, pelas divergências políticas entre o senador José Sarney (PMDB-AP) e o líder do PPB no senado, Epitácio Cafeteira (MA).” (E.S.P.,20.01.98:A5)

A vs do verbo *apressar* (tomar mais rápido, acelerar) exige um Agente (= o governo), um Objeto (= a votação da reforma administrativa) e um Tempo (T) lexicalizado (pressa). O esforço que o governo fez em *apressar* a votação da reforma administrativa configura uma proposição temporal, expressa pelo caso T, argumento que neste enunciado encontra-se lexicalizado (= incorporado no verbo). Seu esquema casual é: +[\_\_ A,0,\*T]/T-lex.

7. ATRASAR- Cf Borba: I. Indica ação-processo com sujeito agente/causativo. 1. Com complemento expresso por nome abstrato de ação, significa *fazer ficar atrasado, fazer demorar, delongar, retardar*: A CBA conseguiu atrasar a entrega do combustível. (VEJ-13.12.78,111); esta porcaria chama Ministério do Trabalho, que só servia para atrasar o progresso do país. (DM, 87). 2. Com complemento expresso por nome humano, significa *fazer chegar atrasado*: a conversa vai nos atrasar mais, riu a professora (DI, 156); Vais pensar, depois, que eu te atrasei em alguma coisa? (ED,121). 3. Com dois complementos: um expresso por nome humano e outro da forma em + nome abstrato de ação, significa *fazer agir mais tarde do que deveria, fazer ficar para trás*: A conversa vai atrasá-lo nos preparativos da festa. 4. Com complemento expresso por nome indicativo

de relógio, significa *pôr numa hora menos adiantada que aquela que ele indica, pôr para trás, fazer recuar*: Agora não precisamos mais atrasar os relógios. 5. Com complemento expresso por nome indicativo de motor, significa *reduzir a velocidade, tornar lento*: A trepidação atrasou o motor do meu carro. 6. Com complemento expresso por nome indicativo de sociedade, significa *fazer ficar atrasado em seu desenvolvimento*: Circunstâncias históricas ( ) atrasaram ( ) a civilização africana. (CT, 140). Com complemento expresso por nome designativo de meio de transporte, significa *impedir de chegar ao destino no horário estabelecido*: As condições meteorológicas atrasaram o avião. II. Indica processo. 1. Na forma pronominal ou não, com sujeito paciente expresso por nome humano. 1. Com complemento da forma em/com + nome abstrato de ação, significa *não conseguir fazer (algo) no devido tempo*: a tipografia atrasa com os programas [= com a entrega dos] (BB, 67); [Gabriel] atrasou-se nos aluguéis. (VI, 137); Você começou a se atrasar nos seus preparativos. (A, 92). 1.2. Com complemento, apagável, da forma para + nome abstrato, significa *não conseguir chegar a tempo*: Atrasei-me para a festa; fiquei fazendo hora, me atrasando (SRB, 84); Um dia [Medeiros e Albuquerque] atrasou 40 minutos. 1.3. Sem complemento, significa *ficar para trás*: O último índio se atrasara com a mula. (M.22); [Ângela] atrasa-se de propósito. (CC, 14). 2. Com sujeito paciente expresso por nome abstrato de ação, significa *ficar atrasado*: por conseguinte, meu pagamento ( ) não atrasa. (R, 267). 3. Com sujeito paciente expresso por nome indicativo de relógio, significa *funcionar lentamente, marcar uma hora menos adiantada que a real*: [o relógio] atrasa. (DM, 49). 4. Com sujeito paciente expresso por nome indicativo de motor, significa *passar a funcionar mais lentamente*: O motor do carro está atrasando. 5. Com sujeito paciente expresso por nome designativo de meio de transporte, significa *não chegar ao destino no horário estabelecido*: os trens iam atrasando (CF, 97). 6. Com sujeito paciente expresso por nome concreto não-animado, significa *não chegar a tempo*: Hoje, o jornal atrasou. 7. Na forma pronominal, com sujeito paciente expresso por nome designativo de sociedade, significa *ficar atrasado em seu desenvolvimento*: O Brasil atrasou-se e agora precisa recuperar o tempo perdido.

Cf Ferreira: V.t.d. 1. Pôr para trás; fazer recuar; recuar: Para ganhar tempo, atrasou os ponteiros do relógio. 2. Fazer demorar; adiar, retardar, dilatar. 3. Demorar em; retardar.

protelar. 4. Sustar, prejudicar o desenvolvimento de. 5. Reduzir a tempo anterior, antecipar. 6. Prejudicar, lesar, embaraçar. Int. 7. Mover-se com menos presteza ou velocidade que a normal ou devida. 8. Não chegar ao destino (um veículo) no horário preestabelecido. P.9. Ficar para trás; retrogradar; retroceder; 10. Deixar de fazer alguma coisa no tempo devido. 11. Fazer algo com menos presteza ou velocidade do que era de esperar.

Cf. Cunha: atrás, atras.ado, -ar, -o -> TRÁS.

Enunciado encontrado com o verbo *atrasar*:

“Congresso vazio atrasa votação da Previdência, ” (E.S.P.,20.01.98:A5)

A vs do verbo *atrasar* encerra um Agente, um Objeto e um Tempo. O sentido do verbo *atrasar* no enunciado acima é *de fazer ficar atrasado, fazer demorar, delongar, retardar*. O sentido do predicador encerra a noção de agentividade, configurada na ausência de congressistas que atrasou a votação do projeto de reforma da Previdência Social (que foi protelada, retardada). Seu esquema casual é: +[\_\_\_ A,0,\*T]/T-apag.

8. DEMORAR - Cf Borba: Indica ação-processo com sujeito agente. 1. Com complemento expresso por nome indicativo de algo móvel, significa *imobilizar, fazer parar*: Missunga demorava a ponta da colher na boca (MA, 178). 2. Com complemento expresso por nome abstrato de ação/processo, significa: 2.1. *estender por tempo considerável*: As perguntas da mãe revelam a Angela que já é tarde, que demorou a conversa com a avó (CC, 40); No cômodo do casal demorei a vistoria sem-vergonha na cama das maridanças (CL, 114). 2.2. *delongar, atrasar*: Tivemos que demorar o cumprimento das normas governamentais. 2.3. Com dois complementos: um expresso por nome de parte móvel do corpo e outro da forma em + nome concreto, significa *fixar, apor por tempo considerável*; Ao passar por Zé do Burro demora nele um olhar de desabusada curiosidade (PP, 95); Demorei a mão em seu corpo frio. II Indica processo com sujeito paciente. Significa 1. *ocorrer tardiamente*: Esperava-se pelo menos que a morte demorasse (TP, 75); Minhas reações demoram, mas vêm (CF, 68). 2. *durar, ocorrer durante tempo considerável*: A busca demorou de 2 da manhã à meia-noite do mesmo dia (SD, 25). III. Indica ação, na forma pronominal ou não, com sujeito agente. Significa *parar, deter-se*: A velha demorou-se um instante, virando-se rápida (CAN, 216). IV. Indica estado. 1. Com

sujeito inativo, 1.1. Sem complemento, significa *estar em atraso*: O mestre demorou (CF, 121); Demoraste, puxa! (MA, 115). 1.2. Na forma pronominal ou não. 1.2.1. Com locativo, apagável, ou com complemento de tempo, significa *ficar, permanecer*. Demoram-se nas janelas alguns moradores (CE, 37); É pena doutor Carmos, que não possa se demorar mais entre nós (TP, 8); É doce chutá-las [= as tampinhas de garrafas] bem baixo, para subirem e demorem no ar (MPB, 2); Tenho estado aqui algumas vezes. Demoro-me pouco, é verdade (AM, 36); Os meus 65 anos contra os seus 49, idade em que você demora há mais de 5 anos (AM, 19); É costume classificarem-se os vegetais de acordo com as disponibilidades hídricas dos habitats onde se demoram (TF, 243). 1.2.2. Com complemento da forma em + nome abstrato de ação/processo, a oração gerundiva ou infinitiva precedida de a, significa *apresentar-se ou ter uma forma lenta, que se estende por tempo considerável*: Lore demorava-se na contemplação de Torres (RIR, 83) [= Lore demorava-se contemplando Torres/a contemplar Torres; Lore contemplava Torres demoradamente]; Demoro-me ainda na contagem (DM, 279); Resmunguei demorando nas sílabas (TA, 10) [= na pronúncia das sílabas]. 2. Na forma impessoal, com complemento de tempo, para + oração infinitiva, até que + oração, significa *haver demora*: Não demorou nem dois dias e eu já estava com a bicha caída no laço (VC, 61); A sala estava vazia e demorou para eu perceber um corpo pendurado no teto por cordas (Z, 42); Demora muito até que um grupinho se vá embora (RA, 29). // O sujeito da oração (conj./inf) pode passar a sujeito de demorar, que se constrói, então, com oração infinitiva facultativamente introduzida por a, em, para: A música demora tocar (MA, 125); O peixe ainda demora a voltar (VC, 54); A mulher demorou para responder (CDP, 61); Se demorava em servir, José batia o cálice na mesa (CE, 54).

Cf Ferreira; [Do lat. \*demorare, por demorari.] V.t.d. 1. Fazer que fique ou espere; deter, reter; Tudo fez para demorar os amigos. 2. Atrasar, retardar, adiar. 3. Tardar a vir; retardar-se. 4. Tardar a ser feito, ser de execução demorada. 5. Levar tempo; tardar. T.i. 6. Levar tempo; tardar, custar; Demorou a voltar à casa. T.c. 7. Estar situado; ficar, jazer; O chalé demora entre dois montes. 8. Habitar, residir, morar; Sua família demora na Europa. 9. Permanecer, ficar; Demorou longo tempo na praia. p. 10. Ficar, permanecer. 11. Atrasar-se, retardar-se, tardar. 12. Levar tempo; custar; Demorou-se em decifrar a harada. 13. Estar parado; esperar, deter-se.

Cf. Cunha: vb. ‘deter, retardar, fazer esperar’ XIII. Do lat, \*demorare, por demorari// demora XIII. // demorADA XIII.

O predicador *demorar* foi localizado no seguinte recorte:

**“Russos fazem passeio espacial e acham vazamento do Mir. Operação fora da estação orbital demorou cerca de três horas.”** (E. S.P.,10.01.98.1:8)

A vs do verbo *demorar* encerra dois argumentos, um Objeto (O) e um Tempo (T). O sentido do predicador traduz-se como *ser de execução demorada, levar tempo*. Na cena que deflagra o enunciado acima, o falante opta por trazer em perspectiva o passeio espacial, expresso pelo Objeto (O), feito pelos cosmonautas russos que levou cerca de três horas (expresso pelo T), para descobrirem a causa do vazamento da estação Mir, configurando o seguinte esquema casual: +[\_\_ O,T],

9. DURAR - Cf Borba: Indica estado. 1. Com sujeito inativo expresso por nome concreto com ou sem especificador, significa *continuar a existir*: Ele dura, doutor? (BRU, 87); Paulo não duraria mais seis meses (DI, 171); O arroz com feijão pouco durou (MPB, 44); Os muros iam durar para sempre (SRB, 99); Calcei meus sapatinhos tênis que tinham que durar até quando eu fosse para a escola (PL, 41). 2. Com sujeito inativo expresso por nome abstrato, com ou sem especificador, significa *persistir, perdurar*: Antigamente as relações entre o homem ( ) duravam uma vida ou mais (MH, 91); O calor do verão só durava { } o verão (CT, 152); A minha zanga não durava nada (PL, 74); A luta durou mais de cinco minutos (CAN, 204); A ausência de Marta já devia durar por alguns dias (BHM, 200).

Cf Ferreira: [Do lat. durare.] V.int. 1. Ter duração; continuar a existir; prolongar-se: “A excursão durou seis semanas”(Machado de Assis, laia Garcia, p. 125). 2. Persistir, perdurar. 3. Conservar-se em determinado estado, com as mesmas qualidades. 4. Viver; existir. 5. Ter resistência; não se gastar depressa; resistir.

Cf Cunha: dur.ame, - âmen, - amento, - ante, -ar, -ável, -ázio, -eza ~~DURO~~.

Enunciado do “corpus”:

“O horário de verão 97/98 vai durar 132 dias.” (F.S.P.,04.10.97:3-5)

A vs do verbo *durar*, no contexto acima, encerra dois argumentos percebidos processualmente um Objeto (O) e um Tempo (T), contrariamente ao registro acima em Borba, que classifica o verbo como estático. O sentido de *durar* no recorte é *de ter duração, prolongar, perdurar*. Assim, o objeto será alguma coisa (o horário de verão) que durará um certo período de tempo (132 dias), expresso pelo caso T (Tempo); estando ambos explícitos na estrutura de superfície. Seu esquema casual é; +[\_\_ 0,T].

10. ETERNIZAR - Cf. Borba; I. Indica ação - processo com sujeito agente/causativo e com complemento expresso por nome. Significa *tornar eterno, tornar prolongado no tempo*: Os feitos dos grandes homens serão sempre louvados pelas futuras gerações e cabe aos poetas a glória de eternizá-los (BN, 51); O chefe da nação morreu e deputado alguma ( ) pediu que o novo aeroporto, aquela pracinha, ( ) eternizassem o seu nome para todo o sempre (CM, 78); A revolução eternizou os militares no poder; Camões eternizou a glória portuguesa no seu poema; Assim você eterniza a discussão. II. Indica processo, na forma pronominal, com sujeito paciente. Significa *tornar-se eterno, prolongar-se no tempo*: Da Vinci eternizou-se com a Mona Lisa; Pinochet se eternizou no governo do Chile; As angústias se eternizam na duração de um minuto (BS, 24); as discussões eternizavam-se (GCC, 120); [Clara tinha] medo de que as coisas se repetissem depois, se eternizassem (AI, 140).

Cf Ferreira: V.t.d. 1. Tomar eterno: prolongar indefinidamente: Com a fórmula mágica pretende eternizar a mente. 2. Dar glória ou fama imorredoura a; tornar para sempre célebre; imortalizar. 3. Prolongar, delongar, P. 4. Adquirir glória ou fama imorredoura; imortalizar-se. 5, Prolongar-se indefinidamente; durar muito.

Cf Cunha: eterno adj. ‘que não tem princípio nem fim, imortal’ 1572. Do lat. aeternus// COeterno XW/ etemAL/ etemaal XIV/ Do lat. aeternalis// etemIDADE XV. Do lat. aeternitas-atris// etemI ZAR XVI.

Exemplo encontrado, em linguagem jornalística, com o verbo *eternizar*:

**“É só conferir nas gravuras de *Trans Post* ou nas vistas que *Rugendas* eternizou. ”**

(F.S.P.,06.10.97:7-11)

A vs do verbo *eternizar* no enunciado acima pressupõe três argumentos percebidos agentivamente. O sentido do predicador traduz-se como *tornar eterno, tornar prolongado no tempo*. Na cena que deflagra o enunciado acima, encontram-se perspectivizados os seguintes elementos; *Rugendas*, que assume o papel de Agente (A), porque realiza uma ação, um Objeto (O) apagado, subentendido no contexto, ou seja, não expresso na estrutura de superfície, e um Tempo (T) lexicalizado (= incorporado ao verbo). O enunciado trata do mar da cidade de Olinda, que é o Objeto apagado em questão, o qual *Regendas* eternizou em suas gravuras. Portanto, seu esquema casual é: +[ \_ A,\*0,\*T]/0-apag; T-lex.

11. POSTERGAR - Cf. Borba: Indica ação-processo com sujeito agente. 1. Com complemento expresso por nome humano, significa *deixar para trás, preterir*: Raul postergou os companheiros de lazer para eleger-se presidente do clube. 2. Com complemento expresso por nome abstrato, significa *deixar de lado, desdenhar, desprezar*: é um ministro que posterga vantagens pessoais em favor do bem estar social; Postergando o restabelecimento dessas prerrogativas, os novos partidos governistas ficam mais tranquilos. (FSP-12.4.86,2).

Cf Ferreira: [Do lat. *postergare*.] V.t.d. 1. Deixar atrás ou em atraso; preterir: Alcançou a presidência da firma postergando os colegas. 2. Não fazer caso de; desprezar, desdenhar, pospor. 3. Deixar de cumprir; violar, transgredir, infringir. [Conjug.: v. largar].

Cf Cunha: vb. ‘deixar atrás ou em atraso, preterir’1784. Do b. lat. *postergare*, deriv. da locução lat. *post tergum*.

Exemplo retirado da linguagem jornalística com o verbo *postergar*:

**“A alta dos juros e o pacote fiscal levaram os lojistas a postergar um pouco mais a compra da indústria que estava programada para a primeira quinzena deste mês. ”**

(F.S.P.,15.11.97:2-20)



A vs do verbo *postergar* encerra um Agente, um Objeto e um Tempo. O sentido de *postergar* no enunciado acima é de *deixar para trás ou atrasar* “a compra da indústria.” Assim, o Agente é expresso pelos “lojistas”, “a compra da indústria” é o objeto e o tempo (T) é o período que os lojistas desejam para a compra da indústria (= um pouco mais). Seu esquema casual é: +[\_\_\_ A,0,T],

12. PRORROGAR - Cf. Borba: Indica ação-processo com sujeito agente e com complemento expresso por nome abstrato indicativo de durabilidade. Significa *dilatar, fazer durar além do prazo estabelecido, ampliar a duração de*: O coronel tem de escrever ao secretário pedindo-lhe prorrogue o prazo de permanência do animal. (SR, 249); Por que adiar eleições prorrogar mandatos municipais? (CB,1); Ao presidente competiria: (), decretar, prorrogar ou suspender o estado de sítio (DB, 51); Eram as seguintes as atribuições específicas do Poder Moderador: ( ) prorrogar ou adiar a Assembléia Geral [= o mandato de] (DC, 142); a Assembléia Legislativa prorrogou o privilégio concedido ao plano quadrienal (ESP-17.2.55,5)// Um instrumental pode ocupar a posição de sujeito: [a legislação] prorrogou a vigência dos fiúdos aplicados pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (JK-0,143).

Cf. Ferreira: [Do lat. prorrogare.] V.t.d. 1. Alongar, dilatar (um prazo estabelecido).

2. Fazer durar além do prazo estabelecido; ampliar; prolongar. 3. Fazer continuar em exercício; adiar o término de. [Conjug.: v. largar.] § prorrogação, s.f

Cf Cunha: vb. ‘dilatar um prazo estabelecido’ 1813. Do lat. prorrogare// IMprorrogÁVEL 1775// prorrogABE.. IDADE XX// prorrogAÇÃO XV. Do lat. prorogatio - onis// prorrogAT.IVO 1813// prorrogÁVEL 1844,

Exemplo retirado da linguagem jornalística com o verbo *prorrogar*:

**“Caixa prorroga por dois meses quitação da casa própria com vantagens.”**

(F.S.P.,08.12.97:2-7)

A vs do verbo *prorrogar* prevê um Agente (A), um Objeto (O) e um Tempo (T), delineando uma proposição temporal. O sentido de *prorrogar* no enunciado acima é de *fazer durar além do prazo estabelecido, dilatar, ampliar a duração de*. Interpretando o

enunciado em questão, A CEF é o Agente (A), aquele que faz alguma coisa (= adia), o Objeto (O) é a coisa adiada (= quitação da casa própria), e o Tempo (T), o período da prorrogação (= por dois meses). Seu esquema casual é: [ \_ A,0,T],

13. PROTELAR - Cf. Borba; Indica ação-processo com sujeito agente/causativo e com complemento expresso por nome abstrato. Significa *adiar, prorrogar, procrastinar*: Nasceu uma política ativa de aproximação, que trouxe vida e energia a iniciativas que esmoreciam ( ) ou se deixavam protelar (JK-0,350); [Bernardo] protelaria as coisas (FP, 160); qualquer outra atitude o colocaria sob suspeita de protelar o cumprimento de uma decisão judicial (FSP-4.10.78,9); A chuva protelou a decisão do campeonato.

Cf Ferreira: [Do lat. *protelare* ‘impelir para a fi-ente com um aguilhão’. V.t.d. Protrair, adiar, retardar, prorrogar, procrastinar: “Já não era possível protelar uma resolução qualquer...”. § protelar, s.f; protelável, adj. 2g.

Cf Cunha: vb. ‘retardar, adiar’ XVIII. Do lat. *protelare*// protelaÇÃO 1881// protelADOR XX.

Exemplo com o verbo *protelar*:

“Foi de Temer a decisão de instalar a Comissão sobre a limitação do uso de medidas provisórias. FHC queria protelar.” (F. S.P.,08.01.98:1-4)

A vs do verbo *protelar* requer um Agente (A), um Objeto (O) e um Tempo (T). O verbo *protelar* no enunciado acima significa *adiar, prorrogar*: FHC queria *prorrogar* a decisão de Temer de instalar Comissão. Assim FHC é o Agente (A), sendo que o Objeto (O), é expresso por “decisão de instalar Comissão”, e o Tempo (T) encontram-se apagados, ou seja, não explicitados na estrutura de superfície, mas subentendidos no contexto. Seu esquema casual é: +[\_\_ A,\*0,\*T]/0-T-apag.

14. RETARDAR - Cf Borba: I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente/causativo e com complemento expresso por nome abstrato de ação/processo, significa *atrasar, causar atraso de*: Um homenzarrão ( ) retardava a abertura do portão (MP, 125); Por mim, ele retardará a viagem de algumas horas (AAM, 88); A companhia estava

retardando a ligação do telefone (MA, 152); Mas havia a tempestade para retardar-lhe a volta (SE, 258); A pastilha apenas retarda o processo de ovulação (RO, 92). 2. Com sujeito causativo e com complemento, apagável, expresso por nome humano, significa *causar atraso no desenvolvimento*: A desnutrição pode retardar criança; A carência cultural também retarda. II. Indica processo, na forma pronominal ou não, com sujeito paciente. Significa *demorar-se*: [Delfino] retardou-se entre os profetas (MC, 63); A idéia da abertura do nosso governo não podia retardar (CB,3).

Cf Ferreira: [Do lat. retardare.] V.t.d. 1. Tornar tardio; atrasar: A chuva retardou a colheita. 2. Causar o atraso de; fazer chegar ou ocorrer mais tarde; atrasar. 3. Demorar, adiar, protelar, procrastinar. 4. Fazer tardo ou menos rápido; desacelerar. Int. e p. 5. Chegar mais tarde; atrasar-se. 6. Andar devagar: demorar(-se).

Cf Cunha: vb. 'atrasar, protelar, procrastinar' XIV. Do lat. retardare// retardAÇÃO 1844. Do lat. retardatio-onis// retardADO 1813// retardAMENTO 1813// retardAT.ÁRIO 1858// retardAT.IVO 1881// retardo 1874. Do fr. retard.

Enunciado retirado de textos jornalísticos com o verbo *retardar*:

*"O pouso foi retardado em um dia por causa do mau tempo nos Estados Unidos".*

(F.S.P.,08.10.97: A1)

A vs do verbo *retardar* encerra um Agente (A), um Objeto (O) e um Tempo (T). O sentido de *retardar* no enunciado acima é de *atrasar, causar atraso de, fazer chegar mais tarde*. Interpretando o enunciado acima temos: alguém (que faz o papel de Agente), apagado na estrutura de superfície - retardou o pouso (caso Objeto) em um dia (Tempo cronológico), expresso na voz passiva (pass.). Seu esquema casual é:

+[\_ \*A,0,T]/A-apag.; pass.

15. TARDAR - Cf Borba: I. Indica ação-processo com sujeito agente/causativo e com complemento expresso por nome abstrato. Significa *fazer demorar, fazer atrasar*: Os sampaulinos não querem tardar sua construção [ ginásio] (ESP - 15.2.55, 16); O carro tardou ainda mais a marcha na subida da ladeira (TSL, 137). II. Indica processo. 1. Com sujeito paciente expresso por nome não-animado ou oração conjuncional, significa

*demorar, retardar*: Já me tarda a hora de ver realizado esse intento (Nery, 53); Não tardou que tudo serenasse (BRV, 68); Não tardou o segundo telegrama e o terceiro (AS, 235). 2. Com sujeito expreso por nome animado, significa *demorar-se, fazer-se esperar, vir tarde*: Saíram de carro mas não devem tardar (LM, 211). 3. Com sujeito paciente expreso por nome e com complemento expreso por oração infinitiva seguida ou não de em/a, significa *demorar*: Rosemunda não tardou responder-lhe (AS, 257); Francisquinha não tardou em vir saber se o fim do mundo era chegado (CL, 166); a fechadura perra não tardou a ceder (CCA, 237).

Cf. Ferreira: [Do lat. tardare.] V.t.d. 1. Adiar, demorar, diferir, espaçar, retardar: Já não podemos tardar a solução de tão graves problemas. T.i. 2. Proceder com tardança; não se apressar: Não tarde em responder, ou perderá o negócio. 3. Ficar ou demorar-se em algum lugar ou posição; permanecer por um tempo mais ou menos longo: Tardou a levantar-se para atender ao chamado. Int. 4. Ir ou vir tarde; demorar a ir ou vir; demorar(“se).

Cf Cunha: ... tardAR vb. ‘demorar’ XIII. Do lat. tardare.

No corpus, encontramos a seguinte ocorrência do verbo *tardar*:

“O Estado tardou...” (F.S.P., 11.11.97:3-9)

O âmbito contextual do enunciado é:

O secretário estadual dos Recursos Hídricos, Saneamento e Obras, Hugo Marques da Rosa, admitiu que a administração Covas demorou em apresentar um projeto definitivo para solucionar o drama das famílias que moram no Jardim Pantanal. “O Estado tardou. Realmente, três anos é muito tempo. Mas tivemos de equacionar muitas questões antes de apresentar essa proposta”, afirmou Rosa.

A vs do verbo *tardar*, no recorte acima, configura um predicador biargumental, encerra um Objeto (0) e um Tempo (T) que se encontra lexicalizado (^incorporado ao verbo), sendo o enunciado percebido processualmente. Interpretando o sentido de *tardar* no enunciado acima como *demorar, atrasar*, percebido como um evento não-agentivo, veremos que o Estado demorou/atrasou na decisão de terminar com o problema das famílias de Jardim Pantanal. Logo seu esquema casual é: +[\_\_ 0,\*T]/T-lex.

*Quadro de realizações efetivas das predicções temporais básicas*

Basicamente temos os seguintes esquemas casuais dos predicadores temporais:

Estados	Oe,T	1 ocorrência
Processos	0,T	4 ocorrências
Ações	A,0,T	10 ocorrências

Quadro 3

Dos 15 enunciados *temporais básicos* analisados, encontramos 10 enunciados temporais agentivos, 4 temporais processuais e 1 temporal estático.

Lista dos predicadores (*temporais básicos*) analisados com seus respectivos esquemas casuais, em ordem alfabética:

(estar) acelerado - Oe,\*T/-lex.

acelerar - A,0,\*T/T-lex.

adiar - A,0,\*T/T-apag.

anteceder - 0,0,\*T/T-lex.

antecipar - A,0,\*T/T-lex.

apressar - A,0,\*T/T-lex.

atrasar - A,0,\*T/T-apag.

demorar - 0,T

durar - 0,T

eternizar - A,\*0,\*T/0-apag.;T-lex.

postergar - A,0,T

prorrogar - A,0,T

protelar - A,\*0,\*T/0-T-apag.

retardar - \*A,0,T/A-apag.;pass.

tardar - 0,\*T/T-lex.

### 3.3. Predicadores Temporais Metaforizados

O corpus deste bloco consiste de enunciados temporais que se constituem a partir dos seguintes **verbos temporais metaforizados-**, *alongar(-se)*, *aproximar (se)*, *arrastar(-se)*, *cair*, *chegar*, *cobrir*, *datar*, *deixar*, *desperdiçar*, *ejetar*, *empurrar*, *entrar*, *estender*, *fazer*, *faltar*, *ficar*, *ir*, *levar*, *passar*, *percorrer*, *perder*, *prolongar (-se)*, *queimar*, *recuar*, *viajar*, *virar*, *viver*, *voltar*, *ter*, *transferir*, analisados alfabeticamente..

1. ALONGAR(-SE) - cf. Borba: I. Indica ação-processo com sujeito agente/causativo. 1. Com complemento expresso por nome não-animado, significa *tornar longo ou mais longo*, *encompridar (no espaço ou no tempo)*, *fazer parecer longo*: um fi<sup>^</sup>aque preto que lhe alongava o talhe (CF, 120); sendo preferível contorná-los, embora alongando a caminhada (TSL, 109); [...] II. Indica processo. Com sujeito paciente. 1. Na forma pronominal ou não, sem complemento, significa *tornar-se longo*, *encompridar-se (no espaço ou no tempo)*: A estrada vermelha se alongava (ED, 110); a noite se alongava (TA, 119); A conversa se alongou (VEJ-4.7.79); Com o tempo ( ), seu rosto mais se alongava (BS, 12).

Cf Ferreira: [De a + longo + ar] v.t.d. 1. Tornar longo, ou mais longo; estender, encompridar: alongar o vestido; alongar um prazo. 2. Estender, estirar. 3. Dirigir para longe; estender. 4. Pôr distante; afastar, apartar. P.5. Tomar-se longo, ou mais longo; prolongar-se, estender-se. 6. Afastar-se, apartar-se. 7. Estender-se, estirar-se. § alongador (ô), adj. e s.m.

Cf Cunha: a.long.ado, -amento, -ar —> LONGO.

Exemplo com o verbo *alongar (-se)* metaforizado em predicador temporal:

**“Conseguir um telefone em um centro urbano, como Rio ou São Paulo, continua sendo um martírio. Para quem consegue ser chamado em um programa de cadastramento (o antigo plano de expansão), a espera pode se alongar para além de dois anos.”**

(F.S.P.,07.12.97:A1)

Neste enunciado, encontramos o predicador *alongar*, cujo sentido básico configura-se em *tornar longo ou mais longo* (cf. Borba, Ferreira e Cunha), portanto básico processual ou agentivo (dependendo do contexto), mas no âmbito deste contexto metaforizado em temporal (cf. Borba: *significa tornar-se longo, encompridar-se (no espaço ou no tempo)*, cf. Ferreira; *prolongar-se, estender-se*), pela presença do complemento *tempo* (=dois anos), cujo efeito espraia-se por todo o enunciado. A vs do verbo *alongar* fica interpretada com 0,T, sendo *a espera* o Objeto (O) e o Tempo (T) *para além de dois anos*. Logo seu esquema casual é; +[\_\_ 0,T].

2. APROXIMAR(-SE) - Cf Borba: I. Indica ação-processo com sujeito agente/causativo e com dois completos expressos por nome da mesma subclasse sendo um deles introduzido por *de*. Significa *tornar próximo, avizinhar, acercar*: Devemos sempre procurar aproximar a situação atual daquela que seria a “natural” na presente situação do mundo (DC, 41); Mal aproximou a chave da fechadura, a porta foi aberta. (TE, 49); A dança estabelecera a conftjsão ( ) aproximando os moços dos mais velhos. (CC, 51). II. Indica processo, na forma pronominal, com sujeito paciente e com complemento, apagável, da forma *de + nome*. Significa *tornar-se próximo, avizinhar-se*: A Barca da Cantareira se aproximava de Niterói(FE, 175). [...] As eleições se aproximavam (GCC, 101).

Cf Ferreira; (SS). [Do lat. *aproximare*] v.t.d. 1. Pôr próximo; tomar próximo; chegar, avizinhar, aproximar. 2. Fazer com que (alguma coisa ou alguém) pareça estar perto ou mais perto; aproximar. 3. Estabelecer relações entre; relacionar, unir, ligar. 4. Fazer chegar; aproximar. 5. Fazer chegar (um cálculo) o mais próximo à exatidão. 6. Pôr (idéias, fatos, coisas) em paralelo; relacionar, comparar. T.d. e i. 7. Tomar próximo; chegar perto; avizinhar; aproximar. 8. Pôr duas ou mais pessoas em contato; relacionar; Esforçou-se para aproximar-lo da família. P. 9. Pôr-se próximo ou mais próximo; avizinhar-se, chegar-se, aproximar-se, aproximar-se. 10. Relacionar-se; ligar-se, unir-se.

Cf Cunha: a.proxim.ação, -ando, -ar, -ativo, -ável -> PRÓXIMO.

Exemplo com o verbo *aproximar(-se)* metaforizado em predicador temporal;

“A crescente população de idosos está sendo alijada do mercado de crédito ao se aproximar da idade de que corresponde à expectativa de vida no Brasil, 66 anos.”

(F.S.P.,04.10.97:A1)

Neste recorte, encontramos o verbo *aproximar*, cujo sentido básico configura-se em *tomar próximo, avizinhar, acercar*{cf. Borba, Ferreira, Cunha), conseqüentemente locativo, como vimos acima, metaforizando-se, no entanto, pela adição do argumento temporal (= da idade) em predicador temporal, cujo sentido (cf. Ferreira na acepção 7) é *chegar perto* (dos 66 anos). É um predicador biargumental estando um dos argumentos apagado, ou seja, não explícito na estrutura de superfície. O enunciado é percebido processualmente, configurando o seguinte esquema casual: +[\_\_\_ \*0,T]/0-apag.

3. ARRASTAR(-SE) - Cf. Borba: I. Indica ação-processo com sujeito agente/causativo. 1. Com dois complementos: um expresso por nome concreto e outro, apagável, de direção ou de percurso. Significa *levar à força, impedir, puxar, deslocar*: O capataz da hidráulica arrastava a mulher pela sala (RIR, 118). Os bois ( ) arrastavam o veículo para fora do barro. (RIR, 99); As águas arrastavam habitações (CP-17.1.68); O Marcondes ( ) arrastou-me pelo braço em direção ao meu carro (DE, 90); Eu podia arrastar tua mulher pelos cabelos (BO, 254); A empregada vive arrastando os móveis de seus lugares; O pescador arrastou um peixe de 50 quilos com uma rede de nylon. [...] III. Indica processo, na forma pronominal. [...] 2. Com sujeito paciente expresso por nome designativo de tempo, significa *decorrer mais lentamente do que se espera ou deseja*: Os minutos arrastavam-se. A cada momento, Renato olhava o relógio.

Cf Ferreira: [De ar- + rasto + -ar], v.t.d. 1. Levar ou trazer de rastos ou de rojo; arrojir. 2. Levar, puxar, ou mover à força, ou a custo. 3. Deslocar, fazer mover, sem afastar do chão. 4. Roçar ou roçar pelo chão. 5. Emitir (a voz) morosamente, por preguiça ou dificuldade na pronúncia. 6. Atrair, impelir, levar, conduzir. 7. Levar, viver, agüentar, suportar (vida apagada, de sofrimento, de miséria, etc.). T.d. e i. 8. Conduzir, compelir, impelir: A miséria pode arrastá-lo ao crime. Int. 9. Ir de rojo; rastejar. 10. Roçar, roçar pelo chão. P. 11. Ir ou andar a custo; rastejar. 12. Andar sobre os joelhos ou com as mãos



pelo chão. 13. Decorrer ou passar (o tempo) mais lentamente do que se espera ou deseja.  
14. Seguir os seus trâmites, tramitar, marchar lentamente (um processo, pleito, etc.).

Cf. Cunha: a.rast.ado, -amento, ar.rast.ar, -o ~~R~~ASTO.

Exemplo com o verbo *arrastar-se* metaforizando em predicador temporal;

**“Decisão do Conselho se arrasta há semanas”.** (F.S.P.,10.10.97:B5)

Na cena que deflagra o enunciado acima, encontramos o predicador *arrastar-se*, cujo sentido básico<sup>^</sup> configura-se em *levar à força, impedir, puxar, deslocar*{cí. Borba, Ferreira) *rasto* (cf. Cunha), conseqüentemente locativo, mas no âmbito deste contexto, devido à presença do complemento *tempo* (= semanas) metaforizado em temporal, (cf. Borba, acima, o predicador *arrastar* na acepção III.2. Com sujeito paciente expresso por nome designativo de tempo, significa *decorrer mais lentamente do que se espera ou deseja*), (cf Ferreira na acepção 13. *Decorrer ou passar (o tempo) mais lentamente do que se espera ou deseja*) . É um predicador biargumental, estando ambos os argumentos explícitos na estrutura de superfície, percebidos processualmente. O caso Objeto (O) toma a posição de sujeito, conforme hierarquia de seleção de sujeito, portanto *Decisão do Conselho* será o caso Objeto (O) e o Tempo (T) está expresso em *há semanas*, constituindo o seguinte esquema casual: +[\_\_ 0,T]

4. CAIR - Cf Borba: I. Indica processo. 1. Com sujeito paciente expresso por nome concreto, significa *ir ao chão, ser impelido de cima para baixo*: Os ratos correm e logo caem (Z, Í0); [a velha] caiu no chão, tesa e dura como uma pedra (CAN, 216. [...] 3. Com sujeito paciente expresso por nome designativo de evento e com complemento de tempo, significa *ocorrer, coincidir*: O casamento cairá num sábado; O feriado caiu no meu aniversário.

Cf Ferreira: [Do lat. cadere.] V. int. 1. Ir ao chão, em virtude do próprio peso, por desequilíbrio, etc. 2. Descer sobre a terra. 3. Descer, abaixar, arriar. 4. Sucumbir, morrer

---

<sup>^</sup> “Carreta arrasta dez carros e mata três”. (F.S.P.,12.12.97.3-6), cujo esquema casual configura-se como +[\_\_ A,0,\*L]/L-apag., isto é, locativo agentivo.

[q.v.] 5. Perder a força ou intensidade; fraquejar, decair. 6. Desvalorizar-se (moeda, título, etc.). 7. Ser apeado do poder. 8. Ser vítima de logro. 9. Abrandar, serenar, amainar. [...]

Cf. Cunha: vb. ‘corresponder a, tocar a’ ‘ir ao chãoV XIV, caer XIII/ Do lat. cadere// cadente adj. 2g. ‘que vai caindo’ ‘cadenciado, ritmado’ XVIII. Do lat. cadens-entis ‘que tomba, que cai// caÍDO/1572, -hi XVI//caIMENTO/-hi XVIII//DEcaÍDO/decau- XIII//DEcaiMENTO/-cay-XV//Decair XIII//DEScáÍDA/- hi - 1813//DEScáÍDO XVI//DEScaiMENTO XVI//DEScair/XVI, descayr CV//queda sf ‘baque, tomboV XV, caeda XIII//REcaÍD A XVII//Recair 1813.

A seguir, exemplo do predicador *cair* metaforizado em predicador temporal;

*“O ponto alto da novela de Simpson está justamente no reconhecimento de que o tempo nada tem a ver com desígnios humanos. Por que cair em uma época próxima do presente?”* (F.S.P., 19.10.97:5-12)

No recorte em questão, encontramos o predicador *cair*, cujo sentido básico<sup>^</sup> configura-se em *ir ao chão, ser impelido de cima para baixo* (cf Borba, Ferreira e Cunha), conseqüentemente locativo, mas no âmbito deste contexto metaforizado em temporal, pela contigüidade de um argumento temporal (cf Borba acima, o predicador *cair* na acepção 3. pode vir com complemento de *tempo* que significa *ocorrer, coincidir*). No âmbito deste contexto, o predicador *cair* expressa temporalidade, cujo Objeto (O) encontra-se apagado e o Tempo (T) explícito na estrutura de superfície *{em uma época próxima do presente}*, sintetizados no esquema casual como: +[\_\_\_ \*0,T]/0-apag.

5. CHEGAR - Cf Borba: I. Indica ação-processo, com sujeito agente e com dois complementos: um expresso por nome concreto não-animado móvel e outro de direção ou beneficiário, introduzido por para. Significa *pôr perto, aproximar*: Pedi ao visitante que chegasse a cadeira para perto de mim; O porco chegou a espiga para junto da parede para mais facilmente abocanhá-la; A servente chegou a bandeja de café para os funcionários.

---

<sup>^</sup> “Ônibus cai no rio Nilo e mata 38 no Egito.” (F.S.P.,15.01.97:A12). “Avião cai em padaria no Recife e mata piloto.” (E.S.P.,13.10.97:A1), tendo como esquemas casuais +[ \_ O, L], isto é, locativos processuais. Metaforiza-se, também, em predicador benefactivo, como em: “Cai diretor da Anti-Seqüestro do Rio.” (F.S.P.,04.11.95: A1), cujo esquema casual é: +[ \_ B], que constitui um predicador benefactivo processual.

rios; Maria, chegue para cá esse cigarro. [...] II. Indica processo [...] 3. Com sujeito paciente expresso por nome abstrato, indicativo de período, significa *iniciar, começar*: as chuvas chegaram; chegou a época das aulas; Não vejo a hora de chegar o verão.

Cf. Ferreira; [Do lat. vulg. *plicare*, ‘dobrar’, der. regress. de *applicare*; abordar, arribar.] 1. V. int. 1.Vir. 2. Atingir o termo do movimento de ida ou vinda. 3. Atingir certo lugar. 4. Ter início; começar. 5. Acontecer, suceder, sobreviver. 6. Bras. ser suficiente; bastar. 7. Bras. Ir embora; retirar-se. T.i. 8. Elevar-se; orçar: Seus gastos chegam a 500 cruzados. [...]

Cf. Cunha: vb. ‘atingir (com a dupla noção de tempo e de espaço)’ XII. Do lat. *plicare* ‘dobrar, enrolar; explica-se a evolução semântica pelo fato de o voc. ter origem na linguagem náutica; do sentido primitivo do lat. ‘dobrar, enrolar’ passou-se ao de ‘chegar (ao porto, a embarcação); pois nessa ocasião os marinheiros dobravam e enrolavam as velas// chegADO adj. sm. XIV//chegAMENTO XIII//chegANÇA XV.

Exemplo com o verbo *chegar* metaforizado em predicador temporal;

***“Apesar de o tempo de espera por um telefone chegar a dois anos, a maior reclamação do usuário em São Paulo tem sido a demora na transferência de telefones, que deveria levar poucos dias.”*** (E.S.P., Ó7.12.97:A15)

Neste enunciado, encontramos o predicador *chegar*, cujo sentido básico\* significa *pôr perto, aproximar* (cf Borba), *vir, atingir o termo do movimento de ida ou vinda* (cf Ferreira), *atingir* (cf Cunha), configurando um predicador locativo que, no âmbito deste contexto, encontra-se metaforizado em temporal, (cf Borba na acepção: II. Indica processo [...] 3. Com sujeito paciente expresso por nome abstrato, indicativo de período, significa

---

<sup>4</sup> “Wolfensohn chega à Malásia.” (E.S.P.,03.02.98:614) (O presidente do Banco Mundial, James WoÛensohn, chegou ontem à Malásia.), cujo esquema casual constitui-se em [\_\_ A, \*0,L]/A=0, ou seja, locativo agentivo. Encontramos também ocorrências com o verbo *chegar* metaforizado em holístico, benefactivo e experimentativo, respectivamente: “O treinador chegou ao Vasco pela primeira vez em 1974, quando foi auxiliar.” (F.S.P.,08.10.97:3-13), com o esquema casual: +[ \_\_\_\_ A, \*0,H]/A=0, portanto holístico agentivo. “América do Sul chega à cúpula da ATP.” Pela primeira vez na história, o Brasil tem um representante na cúpula que dirige o tênis masculino profissional, a ATP(Associação dos Tenistas Profissionais). (F.S.P.,11.02.98:3-16), cujo esquema casual é +[\_\_ B,0], ou seja benefactivo processual.

*iniciar, começar*), pela adição do argumento *temporal* (=a dois anos). É um predicador biargumental, percebido processualmente, e tendo como esquema casual: +[\_\_0,T],

6. COBRIR - Cf. Borba; Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente/causativo e 1.1. Com complemento expresso por nome concreto, significa: 1.1.1. *ocultar ou resguardar, encobrir*: Maria cobria o rosto com o avental; A densa folhagem cobria a luz do sol Alto muro cobria as pessoas que passavam em fi-ente da casa.

Cf Ferreira: [Do lat. cooperire.] V.t.d. 1. Ocultar ou resguardar, pondo alguma coisa em cima, diante ou em redor. 2. Ocultar ou resguardar, estando ou ficando em cima, diante ou em derredor; encobrir.

Cf Cunha: vb. ‘ocultar ou resguardar, pondo alguma coisa em cima, diante ou em redor’ ‘envolver, vestir, proteger XIII. Do lat. cooperireZ/coberta sf ‘o que serve para cobrirVcu XIV/De cobertoZ/coberto XII. Do lat. coopertus, part. de cooperireZZcobertoOR sm.’coberta encorpada e felpuda’XIII ZZcoberta sf ‘coberta’XIII. Do lat. cooperturaZZDEScoberta sf 1813ZZDEScoberto XIII//DEScobrIDOR. XWZDEScobrIMENTO 1813ZZDEScobrir XIII. Do lat. discooperireZZDES.Encobrir 1881ZZEncoberta sf ‘ardil, simulcro’ZXIII, encu XIVZZEncoberto adj. ‘escondido, falso’ZXIII. -cu-XIII ZZENCobrIDOR XIII ZZENCobrIMENTO 1844ZZEncobrir vb. ‘esconder, ocultar’XIII.

Exemplo com o verbo *cobrir* metaforizado em predicador temporal;

“*Acervo cobre 7 mil anos de história.*” (E.S.P., 11.11,97:G6)

No enunciado acima, encontramos o verbo *cobrir*, cujo sentido básico significa *ocultar ou resguardar, encobrir* (cf Borba, Ferreira e Cunha), como vimos acima, com sentido locativo metaforizando-se, no entanto, pela adição do argumento temporal (= 7 mil anos), em predicador *temporal*, cujo sentido é *estender-se por um determinado período de tempo*. É um predicador biargumental, percebido estaticamente, sendo o Objeto (O) O

*acervo do museu* e um Tempo (T), que cobre *um período de sete mil anos*, tendo portanto, como esquema casual: +[\_\_ Oe, T].

7. DATAR - Cf. Borba: I. Indica ação-processo com sujeito agente e com complemento expresso por nome não animado. Significa *registrar a data de, atribuir idade a*: Não use esse nome [Senas Azuis] nem para datar suas cartas. (AS, 245); Não precisamos datar o evento; Com carbono 14 podemos datar os fósseis. // Um instrumental pode ocupar a posição de sujeito: Esta máquina data todos os instrumentos de laboratório. III. Indica processo, com sujeito paciente e com complemento da forma de + nome de época. Significa: *começar existir, passar a existir*: Creio que data dessa época o desenho animado (CF,73).

Cf Ferreira: V.t.d. 1. Pôr data em. T.i. 2. Principiar a contar-se; durar, existir (desde certo tempo): A abolição data de 1888. T.d. e i. 3. Principiar a contar; considerar que dura ou existe (desde certo tempo): Alguns historiadores datam a Idade Média de 622.

Cf Cunha: data sf ‘tempo assinalado indicação da época, ano, mês ou dia em que se realizou algum fato’XIII. Do lat. med. data (littera) ‘letra dada; fórmula com que no Medievo se indicava a data//datAÇÃO XX//datAR XIX. Cp. DAR.

Exemplo com o verbo *datar* metaforizado em predicador temporal:

**“Muito pouco se fez até agora para datar as árvores amazônicas.”**  
(F.S.P.,08.01.98:1-13)

Neste recorte, encontramos o verbo *datar*, cujo sentido básico significa *por data em* (cf Borba, Ferreira e Cunha), como vimos acima, com sentido locativo, mas no âmbito deste contexto metaforizado em temporal, que passa a expressar sentido de *atribuir idade a* (cf Borba, acima). É um predicador temporal triargumental, que compreende um Agente (apagado), um Objeto (O) que é a coisa que está sendo datada e um T (apagado), expressos no esquema casual como: +[\_\_ A, O, \*T]/T-apag.

8. DEIXAR - Cf Borba: I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente e 1.1. Com complemento expresso por nome concreto não-animado, significa *soltar, largar*. Pai deixou o guardanapo (AS, 263); O cão não queria deixar a presa; o que não podia era

deixar aqueles corpos ao relento (CJ, 40). [...] 1.3. Com dois complementos: um expresso por nome abstrato de ação e outro, de tempo futuro, da forma para + nome indicativo de fração de tempo, significa *adiar*: Os correios deixaram o enterro para amanhã (CF, 74); Vamos deixar isso para outro dia (GT, 46); Pedro deixou aquela discussão para a semana seguinte.//Pode-se também construir com para + oração infinitiva + complemento de tempo; Pedro deixou para discutir na semana seguinte; mas deixarei para falar depois (CF, 86) [= deixarei a fala para depois]. 1.4. Com dois complementos; um como em 1.3. e outro de tempo, significa *suspender*: Ana deixa o trabalho às 18h; só deixarei minhas atividades aqui, no ano que vem. [...]

Cf Ferreira; [Do ant. leixar] V.t.d. 1. Sair de; afastar-se, retirar-se. 2. Separar-se, apartar-se de. [...] 11. Adiar, delongar. [...]

Cf Cunha; vb. ‘separar-se de, largar, soltar, abandonar, permitir’/XIV, dexar XIII, deyxar XIII/ Da forma antiga leixar(<lat.laxare), muito mais freqüente no português medieval. Para a transformação estranha de leixar em deixar têm sido apresentadas várias hipóteses, mas o problema ainda não foi inteiramente solucionado//deixa sf 1873.

Exemplo, retirado da linguagem jornalística, com o verbo *deixar* metaforizado em predicador temporal;

***“O Brasil prefere deixar essa etapa para depois de 2005, de forma a evitar o que o chanceler Luiz Felipe Lampreia define como “um segundo choque liberal” (o primeiro foi abertura no governo Fernando Collor, a partir de 90, considerada “precipitada” por FHQ”.*** (F.S.P.,12,10.97;1-12)

Neste enunciado, encontramos o verbo *deixar*; cujo sentido básico<sup>^</sup> significa *soltar*, *largar* (?) (cf Borba e Cunha), *Sair de*, *afastar-se*, *retirar-se* (cf Ferreira), por conseguinte locativo, mas no âmbito deste contexto metaforizado em temporal, pela contiguidade de *para depois de 2005*, cujo sentido passa a ser *adiar*: (cf Borba na acepção 1.3. e Ferreira na acepção 11.) O Brasil prefere *adiar* essa etapa para depois de 2005. É um predicador triargumental, cuja vs fica interpretada como A,0,T, sendo *O Brasil* o Agente (A), *essa*

---

<sup>^</sup> “Após 20 dias, Motta deixa o hospital.” (F.S.P.,18.12.97.1-5), cujo esquema casual configura-se como +[\_\_\_A,\*0, L]/A=0, logo, locativo agentivo.

etapa o Objeto (O) do enunciado e o Tempo (T) *para depois de 2005*, configurando o esquema casual: +[\_\_\_ A,0,T].

9. DESPERDIÇAR - Cf. Borba: Indica ação-processo e constrói-se com sujeito agente/causativo e com complemento apagável, expresso por nome designativo de bens ou potência. Significa *gastar sem proveito, esbanjar, perder por uso desmedido*: O Parlamento, entretanto, nunca desperdiçaria seu tempo, meditando sobre qual seria o melhor para o Brasil (DB, 49); O proprietário achava que ela esquecia abertas as torneiras e desperdiçava água (TE, 32); Assar um fi-ango por vez desperdiça calor; O jovem herdeiro da fabulosa fortuna desperdiçaria a mocidade (BHM, 162); Você está desperdiçando um grande talento dramático (RE, 44); Mas a vida aqui é tão bonita ( ) que será um crime desperdiçá-la num trabalho imbecil qualquer (ELC, 46); Faz tempo que eles vêm insinuando que a gente desperdiça (CM, 150).

Cf Ferreira: [De perder.] V.t.d. Gastar sem proveito; esbanjar, desbaratar, malbaratar, desaproveitar, espediçar. [Conjug.: v. lançar.] § desperdiçamento, s.m.

Cf Cunha: des.perdiç.ado, -amento, -ar, -io —> PERDER.

Exemplo retirado de textos jornalísticos com o verbo *desperdiçar* metaforizado em predicador temporal:

**“O primeiro dia de aplicação da anistia parcial foi praticamente desperdiçado já que nas administrações regionais praticamente não houve atendimento”.** (F.S.P., 11.10.97:3-8)

No enunciado acima, encontramos o predicador *desperdiçar* cujo sentido básico é benefactivo e significa *gastar sem proveito, esbanjar* (cf Borba e Ferreira), *perder* (cf Cunha), como vimos acima, mas que se metaforiza pela adição do argumento temporal (= o primeiro dia) em predicador temporal, cujo sentido é *deixar passar/transcorrer* (no tempo), triargumental, percebido agentivamente. A vs do verbo *desperdiçar* encerra um tempo (T) (= O primeiro dia), um Objeto (O) (== de aplicação da anistia parcial) e um Agente (A), que se encontra apagado na estrutura de superfície, expresso pelo agente da passiva. Por conseguinte, seu esquema casual é: +[\_\_\_ \*A,0,T]/A-apag.; pass.

10. EJETAR - Cf. Borba: I. Indica ação-processo com sujeito agente/causativo e com complemento expresso por nome concreto e móvel. Significa *expelir, lançar*: Sony é um moderno aparelho que ejeta a cassete automaticamente (VEJ-n. 568,76); o piloto ejetou o assento do avião e salvou-se. II. Indica processo, na forma pronominal, com sujeito paciente. Significa *lançar-se*: A cápsula da espaçonave ejeta-se automaticamente.

Cf Ferreira: [Do lat. ejectare.] V.t.d. Produzir a ejeção de; expulsar, expelir.

Cf Cunha: vb. ‘expulsar, expelir, arremessar’XX. Do lat. ejectare/ZejeÇÃO/ejecção 1844//Do lat. ejectio-onis//ejetO XX. Do lat. ejectus-a//ejetOR/ejector 1899/Do fi-. éjécteur.

Exemplo com o verbo *ejetar* metaforizado em temporal:

*“Até mesmo para o pagamento dos funcionários e da coleta de lixo, a nova administração municipal precisou recorrer a empréstimos, além de ejetar para o ano 2002 os recursos constitucionalmente destinados à educação”*. (F.S.P.,13.01.98:1-3)

Neste enunciado, encontramos o verbo *ejetar*, cujo sentido básico significa *expelir, lançar* (cf Borba, Ferreira e Cunha), de natureza locativa, como vimos acima, metaforizando-se, no entanto, pela adição do argumento temporal (= para o ano 2002) em predicador temporal, cujo sentido é *adiar* para o ano 2002. A vs do verbo *ejetar* fica interpretada como A(apagado), 0,T, percebido agentivamente, configurando o seguinte esquema casual: +[\_\_ \*A,0,T]/A-apag.

11. EMPURRAR - Cf Borba: Indica ação-processo, com sujeito agente/causativo. 1. Com complemento expresso por nome concreto, significa *fazer deslocar-se no espaço, impelir*: Rosália me empurra (ML, 59); Não empurre a vaca, corra (VD, 90); [o João-de-barro] empurra com o biquinho os grãosinhos de pedra (G, 161); Empurrei a porta com a cadeira; O vento empurrou a chuva (SE, 252).

Cf Ferreira: [Do esp. empujar.] V.t.d. 1. Impelir com violência; empuxar. 2. Dar encontrões em: em puxar. T.d. ei. 3. Introduzir à força. 4. Obrigar ou forçar a aceitar; impingir.



Cf. Cunha: vb. ‘impelir com violência, empuxar’ XVII. Do cast. empujar, derivado, provavelmente, do lat. tardio *impulsare*, freqüentativo de *impelere*/ZempurraA 1813//empurrADO 1844//empurrÃO XVI. V. PUXAR.

Exemplo com o verbo *empurrar* metaforizado em predicador temporal:

“*Falta de quórum empurra a Previdência para março*”. (F. S.P.,17.01:98-A1)

No recorte acima, encontramos o predicador *empurrar*, cujo sentido básico significa *fazer deslocar-se no espaço, impelir* (cf. Borba, Ferreira e Cunha), conseqüentemente locativo, metaforizado, no âmbito deste contexto, em temporal, pela adição do argumento temporal (= para março), cujo sentido é de *adiar*. A vs do verbo *empurrar* encerra um Agente (A), um Objeto (O) e um Tempo (T): A falta de representantes no Congresso (A) fez com que a votação para aprovar a reforma da Previdência (O) fosse empurrada (adiada) para março, o que configura um caso temporal (T). Portanto, o enunciado acima desenha o seguinte esquema casual: +[\_\_\_A,0,T].

12. ENTRAR - Cf Borba: I. Indica ação. 1. Com sujeito agente expresse por nome animado. 1.1. Com locativo, apagável, significa *passar de fora para dentro, ir/vir para dentro*; fizeram-nos entrar num caminhão (MEC, I, 122); toda casta de gente entrava em Canudos (CJ, 27) [...] II. Indica processo. [...] 6.1. Com complemento da forma em + nome indicativo de idade, significa *completar, atingir*: já vou entrando nos oitenta anos(CJ, 13).[...]

Cf Ferreira: [Do lat. *intrare*.] V. int. 1. Passar de fora para dentro; ir para dentro. 2. Penetrar, introduzir-se. [...]

Cf Cunha: vb. ‘passar de fora para dentro’ XIII. Do lat. *intrare*/ZentrADA XIII/ZentrANTE XIIF/RentrÂNCIA 1899//REntrANTE 1899//REentrAR 1899.

Exemplo com o verbo *entrar* metaforizado em predicador temporal:

“*Esta coluna entra no seu décimo ano de vida*”. (F.S.P.,06.10.97:2-5)

Neste enunciado, encontramos o predicador *entrar*, cujo sentido básico é locativo e significa *passar de fora para dentro* (cf Borba, Ferreira e Cunha), mas no âmbito deste

contexto metaforizado em temporal, pela adição do argumento temporal (= décimo ano de vida), cujo sentido é *completar* (cf. Borba na acepção 6.1.) seu décimo ano de vida. A vs do verbo *entrar*, no contexto acima, encerra dois argumentos, percebidos processualmente: um Objeto (O) (= Esta coluna) e um Tempo (T) (== décimo ano de vida), desenhando o esquema casual; +[\_\_\_ 0,T],

13. ESTENDER - Cf. Borba: I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente/causativo. 1.1. Com dois complementos: um expresso por nome animado e outro, locativo, significa *derrubar*: deu-lhe uma tamanha pancada que o estendeu no chão (CH, 226): A casca de banana estendera-o em plena praça pública. [...]

Cf. Ferreira: [Do lat. *extendere*.] V.t.d. 1. Dar maior superfície a; alargar, espalhar, alastrar. 2. Desdobrar, desenrolar, estirar, esticar. 3. Alongar, abrir, distender. 4. Prolongar, prorrogar, dilatar. [...] 22. Prolongar-se, durar.

Cf Cunha: vb. ‘alargar, espalhar, alastrar, XIII. Do lat. *extendere*/ZestendAL 1844//estenderETE 1813.

Exemplo com o verbo *estender* metaforizado em predicador temporal:

*"Zona azul será estendida até a meia-noite"*. (F. S.P.,29.01.98:3-8)

Neste recorte, encontramos o predicador *estender*, cujo sentido básico significa *derrubar* (cf Borba), *dar maior superfície a*, *alargar*, *espalhar* (cf, Ferreira e Cunha), como vimos acima, com sentido locativo, mas no âmbito deste contexto metaforizado em temporal, pela adição do argumento temporal (= *até a meia-noite*), cujo sentido é: *ser prolongado até a meia-noite* (por alguém), (cf Ferreira, acima, o predicador *estender* na acepção 4. significa *prolongar*, *prorrogar*, *dilatar* e na acepção 22. *durar*). É um predicador triargumental, percebido agentivamente. A vs do verbo *estender*, no contexto acima, encerra um Agente (A), um Objeto (O) e um Tempo (T). Interpretando o enunciado acima temos: alguém (que faz o papel de Agente, representado pelo agente da passiva, não explicito na estrutura de superfície) que prorrogará o serviço de estacionamento da zona azul (caso Objeto) *até a meia-noite* (Tempo cronológico). Constituindo o seguinte esquema casual: +[ \_ \*A,0,T]/A-apag.; pass.

14. FALTAR - Cf. Borba; I. Indica processo. 1. Com sujeito paciente expresso por nome humano, significa *morrer, falecer*: Tenho pena do que vai ser da minha gente quando eu faltar (G, 43). [...]

Cf Ferreira: [De falta + -ar] V.t.i. 1. Sentir privação de (coisa necessária ou com que se contava). 2. Deixar de fazer ou de cumprir; falsear. [...] 9. Ser indispensável (para que se complete um número ou um todo): Faltam cinco minutos para as oito.

Cf Cunha; falta sf ‘ato ou efeito de faltar, ausência’ ‘culpa’ XVI. Do lat. \*fallita, de \*faUitus, pc falsus, part. de fallere ‘enganar’//faltAR XW.De falta//faltO XW/faltOSO XX.

Exemplo com o verbo *faltar* metaforizado em predicador temporal;

“O diretor de Análise Econômica do Banco BMC, Marcelo Allain, diz que o desempenho das bolsas deve superar o da renda fixa nos meses que faltam para o fim do ano, mas embutindo maior risco do que no primeiro semestre”. (E.S.P.,20.10.97; S3)

No recorte acima, encontramos o verbo *faltar*, cujo sentido básico significa *morrer, falecer* (?) (cf Borba), *sentir privação de (coisa necessária ou com que se contava)*, *deixar de fazer ou de cumprir* (cf Ferreira), *ato ou efeito de faltar, ausência* (cf Cunha), é um predicador prototipicamente básico processual, metaforizando-se, no entanto, pela adição do argumento temporal (= nos meses) em predicador temporal, cujo sentido é *faltar um certo período de tempo* (= 2 meses para chegar o fim do ano). Seu esquema casual é; +[\_\_\_\_\_ ^0,T]

15. FAZER - Cf Borba; I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente/causativo. 1.1. Com complemento expresso por nome abstrato ou oração conjuncional, precedida ou não de com, significa *provocar, produzir, causar*: O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça. (PP, 154). [...] II. Indica processo. [...] 5. Com sujeito paciente expresso por nome e com complemento expresso por nome indicativo de período de tempo, significa *completar*. Dia vinte de fevereiro, fiz seis anos. (PL, 70); o regime em que vivemos fará quinze anos (SC, 145); Trinta e um anos. Faço pelo S. João (DM, 306).

Cf. Ferreira: [Do lat. *facere*.] V.t.d. 1. Dar existência ou forma a: produzir física ou moralmente; criar. [...] 25. Ter decorrido, passado (determinado período de tempo); haver...

Cf Cunha: vb. ‘executar, realizar, fabricar’ XIII. Do lat. *facere*Z/Afazer vb. XIII. Cp. AFAZER sm./DESfazer XIIIZ/DESfeita sf XVI//DESfeitEAR 1813//DESfeito XIIIZ/fazEDOR XIII/ZRefazer XIII//Refeição/refeição XV/ Do lat. *refectio-nis*//REfeitÓRIO/XVI, *refertoyro* XIII, *refertor* XIII, *refertoiro* XIV, *refeytoyro* XV etc./Do lat. *ecles. refectorium-ii*. Cp. FATO.

Exemplo com o verbo *fazer* metaforizado em predicador temporal:

“São Paulo faz 444 anos com muita música”. (E.S.P.,23.01.98:A2)

Neste enunciado, encontramos o verbo *fazer*, cujo sentido básico constituiu um predicador básico agentivo, expressando *provocar*, *produzir*, *causar* (cf Borba), *dar existência ou forma a*, *produzir*, *criar* (cf Ferreira), *executar*, *realizar*, *fabricar* (cf Cunha), como vimos acima, metaforizando-se, conseqüentemente, pela adição do argumento temporal (= 444 anos) em predicador temporal, cujo sentido é *decorrer* (no tempo). (Cf Borba, o predicador *fazer* na acepção 5. com complemento expresso por nome indicativo de período de tempo, significa *completar*, e em Ferreira na acepção 25. significa *ter decorrido*, *passado* (determinado período de tempo)). É um predicador biargumental, percebido processualmente. A vs do verbo *fazer*, no contexto acima, encerra dois argumentos: um Objeto (O) e um Tempo (T). Assim, o Objeto (O) será alguma coisa (= São Paulo) que transcorre um certo período de tempo (= 444 anos) expresso pelo caso Tempo (T), ambos explícitos na estrutura de superfície. Logo, tem como esquema casual: +[\_\_\_ O,T].

16. FICAR -1. Indica ação-processo com sujeito agente e com complemento da forma com + nome indicativo de algo negociável. Significa *comprar*, *adquirir*: O senhor faz abatimento se eu ficar com três camisas e duas gravatas? Quando Francisco mudou para S.Paulo, Helena ficou com o apartamento dele. [...] II. Indica processo. [...]2. Com sujeito paciente expresso por nome abstrato de ação com complemento da forma para + nome indicativo de período de tempo, significa *passar*, *ser adiado*: Esta tarefa fica para amanhã; as outras considerações () ficaram para outro dia (A,60); Fica para outra vez (VD, 80). [...]

Cf. Ferreira: [Do lat. \*figicare, freqüentativo de figure, 'ficar'. ] V.t.c. 1. Estacionar (em algum lugar); não sair dele; permanecer. 2. Estar situado: Brasília fica no Planalto. [...] 7. Ser adiado, transferido, procrastinado: Este assunto fica para amanhã. [...] 23. Conservar-se através dos tempos; durar, perdurar, subsistir.

Cf Cunha: vb. 'permanecer' XIII. Do lat. vulg. \*figicare//ficADA sf 'permanência' XIII. Cp. FINCAR.

Exemplo com o verbo *ficar* metaforizado em predicador temporal:

""Votação da Previdência pode ficar para 98". (E.S.P., 11.12.97: A-1)

Neste enunciado, encontramos o verbo *ficar*, cujo sentido básico significa *comprar, adquirir* (?) (cf Borba), *estacionar (em algum lugar), não sair dele; permanecer* (cf Ferreira e Cunha), o que configura um predicador locativo, metaforizando-se, no entanto, pela adição do argumento temporal (= para 98) em predicador temporal, cujo sentido é: *adiar para 98*. (Cf Borba, o predicador *ficar* na acepção 2. com complemento da forma para + nome indicativo de período de tempo, significa *passar, ser adiado*. E em Ferreira na acepção 7. significa *ser adiado, transferido, procrastinado*). A vs do verbo *ficar* encerra dois argumentos, um Objeto (O) e um Tempo (T), que delineiam o sentido temporal processual do enunciado. Em outras palavras, a votação da reforma da Previdência pelos representantes no Congresso (caso Objeto) pode ser adiada para 98, o que configura um caso temporal (T). Portanto, o enunciado acima encontra-se sintetizado no seguinte esquema casual: +[\_\_0,T].

17. IR - Cf Borba: I. Indica ação com sujeito agente. 1. Com complemento de direção, apagável, significa *pôr-se na direção de, deslocar-se*: Quando você vai a São Paulo? (CAS, 145); Vou à casa do compadre (MA, 135); Paulo foi ao aparador e tomou o chapéu (AS, 223). [...] II. Indica processo. [...] 4.2. Com complemento da forma por + nome designativo de período de tempo, significa *desenvolver-se, desenrolar-se*<sup>6</sup>: a conversa vai pela noite adentro (LM, 292).

---

<sup>6</sup> No sentido de *prolongar-se* (observação nossa).

Cf. Ferreira: [Do lat. ire.] V.int. 1. Passar, mover-se ou deslocar-se de um lugar para outro, por movimento próprio, impulso imprimido, qualquer mecanismo, ou com auxílio de transporte ou veículo. [...] 19. Ter pouco mais ou menos, estar a perfazer (certa idade); orçar, andar (por certa idade); já vai nos 90 anos.[...] 21. Estar mais ou menos prestes a completar-se certo período de tempo decorrido sobre (um fato).

Cf Cunha: Vb. 'passar de um lugar para outro, partir, decorrer' XIII. Do lat. ire//ida sf XIII. Do lat. ita, feminino de itus, part. pass. de ire.

Exemplo com o verbo *ir* metaforizado em predicador temporal:

*"Horário de verão vai ate o dia i"*. (F.S.P.,11.02.98:A1)

Neste recorte, encontramos o verbo *ir*, cujo sentido básico<sup>7</sup> é locativo e significa *pôr-se na direção de, deslocar-se* (cf Borba), *passar, mover-se ou deslocar-se de um lugar para outro* (cf Ferreira e Cunha), metaforizando-se, no entanto, pela adição do argumento temporal (=até o dia T.) em predicador temporal, cujo sentido é *durar* um certo período de tempo, percebido processualmente. A vs do verbo *ir*, no enunciado acima encerra dois argumentos, sendo um Objeto (O) aquilo que *dura* (=horário de verão) um determinado tempo (= até o dia T.), delineando o seguinte esquema casual: +[\_\_\_ 0,T],

18. LEVAR - Cf Borba: I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente. 1.1. Com dois complementos: um expresso por nome humano e outro, de direção ou da forma a/para + infinitivo, significa *acompanhar*: Carlos foi levá-los em casa (A,78); e nos domingos me levava para passear de automóvel (SRB, 6). [...] II. Indica processo. [...] 4. Com sujeito paciente expresso por nome abstrato designativo de acontecimento e com complemento expresso por nome indicativo de tempo, significa *gastar, consumi*: O processo leva uns dois meses // O agente da ação expressa pelo nome abstrato pode ocupar a posição de sujeito, passando o sujeito a complemento apagável precedido de em; Levamos ainda dois anos nisso [= isso levou dois anos] (CF, 121).

---

<sup>7</sup> "FHC vai hoje para Fernando de Noronha." (E.S.P.,26.12.96:A6). "Dirigente vai à Suécia a convite de fornecedor". (F.S.P.,12.01.98:1-6), tendo como esquemas casuais +[\_\_\_ A,\*0,L]/A=0, isto é, locativos agentivos.

<sup>^</sup> No sentido de *demorar* (observação nossa).

Cf. Ferreira: [Do lat. *levare*.] V.t.d. 1. Fazer passar de um lugar para outro; transportar. [...] 18. Passar, consumir, tomar (certo período de tempo): Levou a tarde a chorar.

Cf. Cunha: Vb. ‘transportar, retirar, afastar, induzir, tirar, roubar’ XIII. Do lat. *levasse*/ZEN*levAR* XIV//Enlevo 1881. Deverbal de *enlevar*//*leva* sf ‘ato de levantar, manejo de lança’ XV//*leva* sf ‘magote, circunscrição militar’XVII. Do it. *leva*, de *lève*/Z*levAD.IÇO* XVI//*levAD’IO* XW/*levADO* XW/*levedAR* XVI. De *lêvedo*/Z*lêvedo* XVI. Do lat. \**levitus*, part. pass. de *levare* ‘erguer, levantar’//*levedURA* XVI.

Exemplo com o verbo *levar* metaforizado em predicador temporal:

***“Apesar de o tempo de espera por um telefone chegar a dois anos, a maior reclamação do usuário em São Paulo tem sido a demora na transferência de telefone, que deveria levar poucos dias”.*** (E.S.P.,07.12.97:A15)

Neste enunciado, encontramos o predicador *levar*, cujo sentido básico<sup>^</sup> é locativo e significa *acompanhar* (?) (cf *Rorhzh*<sup>^</sup>, *fazer passar de um lugar para outro; transportar* (cf Ferreira e Cunha), mas no contexto em questão metaforizado em temporal, pela suspensão do argumento locativo e adição do argumento temporal (= poucos dias), cujo sentido é *demorar*. A vs do verbo *levar* requer dois argumentos: O, T, percebidos processualmente. Portanto, tem como esquema: +[\_\_\_ ^ O, T].

19. PASSAR - Cf Borba: I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente/causativo e com dois complementos: um expresso por nome Concreto e outro, locativo. Significa *fazer atravessar*: O tenente Antônio passou os dois refijgiados pela fi<sup>^</sup>onteira; Cartuchos e carabinas eram passados por cima dos muros, pelos fundos das casas (JÁ, 26) [...] 3. Com sujeito agente expresso por nome animado e com dois complementos: um expresso por nome designativo de lapso de tempo e outro<sup>^</sup>®, apagável, expresso por verbo no gerúndio ou na forma a + oração infinitiva, significa *empregar, ocupar*: E assim Chiru passa a vida. Fazendo apostas, vendendo campos que não possui (TV, 175); Se quisesse, () [Robertinho] passava duas - três horas perdendo (MPB, 155).

---

® “Estudante de 12 anos leva arma para a escola”. (F.S.P.,02.04.98:A1), que tem como esquema casual: +[\_\_\_A,0,L], isto é, locativo agentivo.

<sup>10</sup> Este outro, no nosso exemplário, está expresso por um complemento locativo.

Cf. Ferreira: [Do lat. \*passare.] V.t.d. 1. Percorrer de um lado para outro; atravessar, transpor; Passou a ponte para chegar ao seu destino. 2. Ir além de; deixar para trás: Quando caiu em si, já passava a fronteira. [...] 56. Consumir, levar (tempo): Passou três semanas fora.

Cf Cunha: vb. ‘atrasar, transpor, exceder’ XIII. Do lat. \*passare, de passus/ZANTEpassADO XVI//ANTEpassar XVI//pasa sf ‘fhjta seca, especialmente uvaV pasa XV/Do lat. passum-i (pl. neutro)//passADA XIII//passAD’EIRA 1813//passADrÇO adj./pasadiza f XIV/; sm. 1813//passAD’IO 1844 passADÍSMO XX//passAD’ISTA XX//passADO XW/passADOR 1572//passAG’EIRO/pasajeiro XV/ Do fr. passager//passAGEM/pasagem XIII/ Do fr. passage//passAMENTO XIII//passaporte 1542. Do fr. passeport//passAR’ELA XX. Do fr. passerelle//passaTEMPO/passatenpo XV//passÁVEL XX//passe XVI. Do fr. passe//passeADOR 1844//passeAR XV//passeATA 1881//passelO XVI. Do cast. paseoZ/passI.LARGO 1899//passISTA XX//passo.1 sm. ‘o ato de andar’ ‘passagem’ XIII//passo.2 adv. ‘lentamente’ XIII. Do lat. passus-us//REpassADO XVI//REpassAR XVII//Repasse 1899.

Exemplo com o verbo *passar*:

*“Traficantes de drogas presos na Colômbia poderão passar fins-de-semana fora da prisão e tirar “férias” de 15 dias graças a uma nova lei, aprovada anteontem pelo Senado colombiano”.* (F.S.P., 18.12.97: A13)

Neste recorte, encontramos o predicador *passar*, cujo sentido básico configura-se *como fazer atrá\’essar* (cf Borba, Ferreira e Cunha), conseqüentemente locativo, mas neste enunciado metaforizado em temporal, pela adição do predicador temporal (= fins-de-semana). A vs do verbo *passar* acima admite os casos L (Locativo) e T (Tempo), ambos proposicionais, como em “Jeffrey passou terça-feira à tarde na praia” (Fillmore, 1971:51). É uma ocorrência rara de casos considerados mutuamente excludentes. O predicador *passar*, no contexto acima, encerra três argumentos, ou seja 0,L,T: Os traficantes expressam o Objeto(O), fins-de-semana denota tempo e fora da prisão exprime o Locativo, percebidos processualmente, configurando, portanto, o esquema casual: +[ \_0,L, T].



20. PERCORRER - Cf. Borba: I. Indica ação. 1. Com sujeito agente expresso por nome animado. 1.1. Com complemento expresso por nome designativo de lugar, significa *andar por, correr por*: Percorri o mundo inteiro. (RV, 63); Seu pai já percorreu toda a fazenda. (MO, 40); Depois de percorrer 16 Estados, senador José Samey ainda mantém-se fiel (DP-7.3.81). [...] II. Indica processo. 1. Com sujeito paciente expresso por nome designativo de veículo e com complemento expresso por nome designativo de lugar, significa *mover-se por, correr*: Trata-se da primeira “omn nave” que tanto percorre a superfície do mar como voa à estrosfera (VE, 48). [...]

Cf Ferreira: [Do lat. *percurrere*.] V.t.d. 1. Correr ou andar por; visitar em grande extensão ou em vários sentidos: Nestes três meses pretende percorrer a França e a Itália.

Cf Cunha: vb. ‘correr ou andar por’ 1844. Do lat. *percurrere*Z/percurso 1881. Do lat. *percursus*.

Exemplo com o verbo *percorrer* metaforizado em temporal:

“É fácil entender porquê: o CDB emitido dia 29, por exemplo, *percorrerá apenas 3 dias úteis em dezembro e 18 em janeiro*”. (E.S.P.,01.12.97:A1)

No recorte acima, encontramos o predicador *percorrer*, cujo sentido básico“ configura-se como *andar por, correr por* (cf Borba, Ferreira e Cunha), delineando um locativo. Neste contexto, acha-se metaforizado em temporal, pela adição do argumento temporal (= 3 dias), cujo sentido é *durar*; biargumental, percebido processualmente. A vs do verbo *percorrer* acima encerra dois argumentos: o Objeto (O), representado pelo CDB, e um Tempo (T), período que o objeto poderá ser utilizado pelo clientes. Portanto, apresenta o esquema casual: +[\_\_ O, T].

21. PERDER - Cf Borba: I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente/causativo e com complemento expresso por nome humano, significa *causar a ruína (moral) de, desgraçar*: Ai, o senhor me perde (CE, 50); O delírio do mando perdera Paleólogo

---

” “[...] parque com área de 11 mil km<sup>^</sup> pode ser percorrido por turistas de barco ou em carro aberto”. (F.S.P.,08.12.97:A1), com o esquema casual +[ \_\_\_\_ A, \*0, L|A=0;pass., ou seja, locativo agentivo (passiva).

(AS, 285); [...] IV. Expressões: [...] 14. Perder(-se) de vista = [...] 14.2. estender-se na distância ou no tempo; a mesma ondulação e se perdiam de vista, sem fim (G, 173).

Cf. Ferreira; [Do lat. perdere.] V.t.d. 1. Ser privado de (coisa que se possuía); ficar sem o domínio, a propriedade, a posse de. [...] 13. Não fazer bom uso ou proveito de; desperdiçar, esperar, malbaratar; perder tempo.

Cf Cunha; vb. ‘ser privado de’ ‘cessar de ter’ XIII. Do lat, perdere//DESperDIÇ’ADO 1844//DESperDI’ÇAMENTO XX//DESperDIÇ’AR XVI. Do cast. desperdiciarZ//DESperdíCIO 1813. Do cast. desperdício, deriv. do lat. tardio disperditio-onis//perca 1844//perda XIII//perDIÇÃO/-çon XIII//Do lat. perditio-onis//perDUL’ÁRIO XVIII.

Exemplo com o verbo *perder*, em enunciado temporal;

“Contribuintes que foram ontem à Secretaria aproveitar o desconto perderam até três horas na fila”. (F.S.P., 11.10.97; 3-8)

Neste enunciado, encontramos o verbo *perder*, cujo sentido básico em Borba é *causar a ruína (?)*, em Ferreira é *ser privado de (coisa que se possuía); ficar sem o domínio, a propriedade, a posse*, e, em Cunha *ser privado de, cessar de ter*, portanto benefactivo (que denota benefício/malefício), como vimos acima. No âmbito deste contexto, encontra-se metaforizado em temporal (cf Ferreira o predicador *perder* na acepção 13 significa *perder tempo*), pela adição do argumento temporal (= até três horas). A vs do verbo *perder* acima encerra dois argumentos; *Os contribuintes* fazem o papel de Objeto (O) e o Tempo (T) é o período que o contribuinte levou na fila para pagar o IPTU, apresentando o seguinte esquema casual; +[\_\_ O, T].

22. PROLONGAR (-SE) Cf Borba; Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente/causativo.

1.1. Com complemento expresso por nome concreto não-animado, significa *tornar mais longo, mais comprido, alongar*: O cavanhaque ( ) prolongando ( ) o rosto (CF, 120); [a calha flinda] prolongava a estrada geral (RIR, 94); Com Dorsey, ele [Sinatra] aprendeu a prolongar as notas (VEG-25.7.79, 117); O governo prolongou a estrada. [...] II. Indica processo na forma pronominal. 1. Com sujeito paciente expresso por nome abstrato

significa *tornar-se longo, alongar-se, aumentar de extensão ou de duração*: e quando a amante o afaga, nem o governador tem força para interromper a carícia que se prolonga (MAP, 16); [...]. Encontramos na acepção IV: 1.2. Com complemento de tempo, apagável, significa *ter duração de, ter continuidade no tempo*: As comemorações festivas têm início previsto para às 15:30 h, prolongando-se até às 18:00 h. (AU-31.12.80, 11): As provas prolongavam-se por trinta dias o fio (AE, 53); Apesar de [aquelas palavras] se háverem prolongado longos instantes, () não me decidia admiti-las (MEC, I, 106); a madrugada ainda se prolonga sem ruídos (MAP, 185).

Cf Ferreira: [Do lat. *prolongare*.] V.t.d. 1. Tornar mais longo; continuar na mesma direção; alongar: Os mateiros prolongaram o caminho. 2. Aumentar a extensão ou a duração de; dilatar, protrair, alongar. 3. Adiar, demorar, procrastinar, protrair, delongar. T.d. e i. 4. Pôr ou dirigir ao longo de: O maquinista prolongou o comboio com a estação. 5. Colocar (a embarcação) em posição paralela e muito próxima de outra embarcação, de um cais, etc.: prolongar o navio com o cais a fim de nele atracar. P. 6. Continuar-se, estender-se. 7. Durar, protrair-se, alongar-se. 8. Tomar-se longo; alongar. [Conjug.: V. largar].

Cf Cunha: vb. ‘alongar, dilatar’/ per-XIV, por XIV/ Do lat. *tardio prolongare*// *prolonga* sf ‘delonga, demora’/XIV, *perlonga* XIII/ Dev. de *prolongar*// *prolongAÇÃO* 1813. Do lat. med. *prolongatio* - *onis*// *prolongADO*/ per- XIII// *prolongAMENTO*/ 1813, *perlongamento* XV// *prolongANÇA* XIV. Cp. LONGO.

Exemplo, retirado de texto jornalístico, com o verbo *prolongar* (-se):

“A missa se prolongou por quase três horas.” (F.S.P.,06.10.97:1-5)

Neste enunciado verbo *prolongar* com complemento de tempo, que delineia um predicador temporal, encerra um Objeto (O), aquilo que foi prolongado/demorado (= A missa) e um Tempo (T), período de tempo que a missa durou (= três horas). O sentido do verbo *prolongar* acima é de *ter duração, durar, demorar*, e seu esquema casual é: +[\_\_\_\_\_0,T].

23. QUEIMAR ■- Cf Borba: I. Indica ação-processo com sujeito agente/causativo. 1. Com complemento expresso por nome animado (corpo ou parte dele) significa: 1.1. *provocar queimaduras em*: A mulher atirou sobre ele [José] água fervente da chaleira.

queimando-lhe a mão direita (CE, 44) [...] II. Indica processo. 1. Com sujeito paciente expresso por nome de parte do corpo, significa *ficar tostado, ressecar-se*: O nariz de Cid queimou demais [...] ]

Cf. Ferreira: [De um \*caimare, ‘cauterizar’, ‘queimar’, que teria suplantado do lat. cremare.] V.t.d. 1. Consumir pelo fogo; reduzir a cinzas; Queimei todos os papéis velhos; “Torquemada queima em 18 anos 10.000 pessoas e castiga com diversas penas 100.000”. (Ramalho Ortigão, As Faspas, II, p. 147).

Cf Cunha; Vb. ‘incendiar’ XIII. Do Lat. cremare, através de uma forma \*caimare, influenciada pelo grego bizantino káima ‘queimadura, calor’ //queima sf ‘incêndio’ /XV, queyma XIII/Cp. Gr. káima//queimaAÇÃO XVI//queimADA 1813//queimADO XW//queimADOR/queymador XIII//queimAD’URA 1813/. Do cast. quemadura//queimANTE/queymante XV//queimO sm. ‘sabor picante, acre’ 1858//queimOR sm. ‘queimo’ 1858//queimOSO adj. ‘queimante quente’ 1881//Requeimar XVI.

Exemplo com o verbo *queimar* metaforizado em temporal;

“Prefeitura de SP queima l". dia da anistia”. (F. S.P., 11.10.97;3-8)

No enunciado acima, encontramos o verbo *queimar* cujo sentido básico é *provocar queimaduras em* (cf Borba), *consumir pelo fogo* (cf Ferreira), *incendiar* (cf Cunha), denotando prototipicamente causalidade/afecção (sentido básico agentivo). Metaforiza-se, no entanto, pela adição do caso temporal (^ T. dia) em predicador temporal, cujo sentido é de *deixar transcorrer no tempo*, percebido processualmente. A vs do verbo *queimar*, no enunciado em questão é de dois argumentos, um Objeto (O) aquele que transcorreu um certo período de tempo (T), configurando o seguinte esquema casual; +[\_\_\_ O, T],

24. RECUAR - Cf Borba; I. Indica ação-processo com sujeito agente e com complemento expresso por nome concreto móvel. Significa *fazer retroceder, colocar aquém da posição inicial*: Os lavradores recuaram a cerca; Outra vez [Lúcia] recuou a cabeça (CE, 67). [...] II. Indica processo. 1. Com sujeito paciente expresso por nome concreto móvel, significa *retroceder, ser conduzido para trás*: Os barcos recuavam. (SE, 176). [...] III. Indica ação. 1. Com sujeito agente expresso por nome animado e com ou sem

especificador, significa *ir para trás, afastar-se*: Neco recuou um passo (TV, 177). [...]

3. Com sujeito agente e com complemento da forma a + nome designativo de tempo, significa *voltar, retornar em espírito*: Recuei aos melhores dias de minha infância.

Cf. Ferreira: [Do lat. \*recolare.] V. int. 1. Andar para trás; retrogradar, retroceder: “O rochedo é deserto. Ele avança... recua...” (Augusto de Lima, Poesias, p.53). [...] 5. Atrasar-se retrogradar, retroceder: A ciência não recua. 7. Voltar atrás em relação ao tempo, ou a uma opinião anterior: Recuou aos seus tempos de criança.

Cf Cunha: Vb. ‘andar para trás, retrogradar, retroceder’ XVI. De um lat. \*recolare/Zrecuo XVIII. Deriv. regressivo de recuar.

Exemplo com o verbo *recuar* metaforizado em temporal:

“Em um primeiro nível, está a narração do protagonista, cientista do século 22 que, durante pesquisas com a estrutura do tempo, é vítima de um acidente e recua 80 milhões de anos” (F.S.P.,19.10.97:5-12)

No recorte acima, encontramos o predicador *recuar*, cujo sentido básico é locativo e significa *fazer retroceder, colocar alguém da posição inicial* (cf Borba, Ferreira e Cunha), como vimos acima, metaforizando-se<sup>12</sup>, no entanto, pela adição do argumento temporal (= 80 milhões de anos), em predicador temporal, cujo sentido é *voltar, retornar no tempo*, percebido processualmente. A vs do verbo *recuar*, no enunciado em questão, encerra dois argumentos, traçando o seguinte esquema casual: +[\_\_ O, T].

25. TER - Cf Borba: Indica estado (relação possuidor/possuído). 1. Com sujeito inativo e

1. Com complemento expresso por nome, *indica posse inerente ou transitória*. No 1º. caso, o possuído se incorpora ao possuidor como algo pertencente a ele. Sendo o nome concreto, equivale a uma construção com ser na relação possuído possuidor, de que se deriva uma construção nominal (cf O carro tem chave = a chave é do carro = a. chave do carro). Sendo o nome abstrato, equivale a uma construção com ser + adjunto corresponde (cf não tenho culpa disso = não sou culpado disso). No 2º. caso, o

---

<sup>12</sup> Cf. Borba na acepção II. 1. Significa *retroceder*, mas na acepção III. 3. Significa *voltar, retornar em espírito* (?), que, a nosso ver, é um predicador locativo metaforizado em experimentativo.

possuído é algo acidental ou adventício em relação ao possuidor. Sendo o nome concreto equívale a uma construção com estar + com + nome (cf. a tábua tem cupim = a tábua está com cupim) [...] 4. Com complemento expresso por nome contável quantificado, *indica transitoriedade de medida, idade, quantidade num conjunto*. A minha lagartixa tem quase dois palmos (CAS, 70); O menino tinha para fora de trinta anos (JÁ, 41); Entrei num grupo que tinha para mais de cem bichos (CR, 83). [...] 5.2. Com complemento expresso por nome indicativo de fração de tempo quantificada significa *fazer (tempo, decorrido)* : Já tem bem uns cinco anos [da pescaria] (VC, 44); Não vejo o compadre Adão já tem bem uns dois meses.

Cf. Ferreira: [Do lat. tenere, “segurar”.] V.t.d. 1. Ter a posse de; possuir, haver: Tem muito dinheiro. 2. Poder dispor de; poder gozar: Tem ainda 20 dias de férias. [...]

Cf Cunha: Vb. ‘estar na posse de’ possuir, haver’/XIII, ter XIII etc./ Do lat. tenere// [...]

Exemplo com o verbo *ter* metaforizado em predicador temporal:

“Árvores da Amazônia tem até 1.400 anos”. (F.S.P.,08.01.98:1-13)

Neste recorte, encontramos o verbo *ter*, cujo sentido básico é de *posse* (cf Borba, Ferreira e Cunha), portanto benefactivo. No entanto, no âmbito deste contexto está metaforizado em temporal, pela adição do caso temporal (= até 1.400 anos), cujo sentido é *tempo decorrido*. A vs do verbo *ter*, no enunciado em questão, encerra um Objeto (Oe), a coisa que está sendo descrita e um Tempo (T) o período de sua existência, percebidos estaticamente, sintetizados no esquema casual como: +[\_\_\_ Oe,T]

26. TRANSFERIR - Cf Borba: Indica ação-processo com sujeito agente. 1. Com dois complementos, um expresso por nome concreto e outro, direcional, apagável, significa *fazer passar de um lugar para outro, transportar, deslocar*: Se não me transferem daqui para o Rio, () perco a mulher (TV, 245). [...] 3. Com dois complementos: um expresso por nome abstrato e outro, apagável, da forma para + nome indicativo de tempo, significa *adiar*: Talvez o acertado fosse transferir aquela disputa para outra ocasião (TA, 89); O diretor transferiu a reunião para a próxima semana. [...]

Cf. Ferreira: [Do lat. \**transfere*, por *transferre*.] V.t.d. e c. 1. Fazer passar (de um lugar para outro); deslocar: Transferiu a empresa para São Paulo. [...] 2. Adiar, retardar, delongar: Transferiu a viagem para a próxima semana. [...] 5. Adiar, retardar, delongar: Transferiu a aula.

Cf Cunha: Vb. ‘deslocar’, a ‘adiar, retardar’, XVI. Do lat. \**transferere*, deduzido de *transfere*/ZIN*transferi*VEL 1881//*transfer*ÊNCIA XVTII/Z*transferi*VEL 1858.

Exemplo com o verbo *transferir* metaforizado em temporal:

**“Brasília - A reunião extraordinária do Conselho Monetário Nacional (CMN) que deve aprovar a prorrogação do pagamento da securitização das dívidas rurais após exame caso a caso foi transferida para segunda-feira”.** (È.S.P.,10.10.97:B5)

No recorte acima, encontramos o verbo *transferir*, cujo sentido básico configura-se como *fazer passar de um lugar para outro, transportar, deslocar* (cf Borba, Ferreira e Cunha), por conseguinte locativo, metaforizando-se, no entanto, pela adição do argumento temporal (= para segunda-feira) em predicador temporal, cujo sentido é *adiar para* (cf Cunhaj. A vs do predicador *transferir* acima compreende um Agente (A), expresso pelo agente da passiva, apagado (não explícito na estrutura de superfície), ou seja, alguém que transfere alguma coisa, um Objeto (O), a coisa transferida (no *tempo*), e um Tempo (T) (= para segunda-feira), tendo o seguinte esquema casual: +[\_\_\_ \*A, O, T]/A-apag.; pass.

27. VIAJAR - I. Indica ação. 1. Com sujeito agente, significa *empreender viagem*: Viajei quase na véspera do carnaval (CH, 225) [...] 2. Com sujeito agente e com complemento expresso por nome de lugar, significa *andar por, percorrer*: Viajamos cidades e vilarejos naquela busca difícil. [...]

Cf Ferreira: V.int. 1. Fazer viagem ou viagens: “ganhei bastante dinheiro. Comecei a viajar - mas nunca fiii ao Peru”. (Carlos Heitor Cony, Matéria de Memória, p. 71).

Cf Cunha: viagem sf ‘ato de ir de um a outro lugar relativamente afastados’/XIV, -ge XIII/Do prov. *viatge*, deriv. do lat. *viaticum*-i ‘provisões de viagem’, de *via*//*viag*EIRO XVIII//*viaj*ADO 1899//*viaj*ANTE 1813//*viaj*AR 1813*via*OR sm. ‘viageiro’ 1844 Cp. VIA.

Exemplo com o verbo *viajar* metaforizado em verbo temporal:

“*Jean-Claude Van Damme é o policial que viaja no tempo para capturar bandidos foragidos*”. (E.S.P.,14.11.97;D11)

No enunciado acima, encontramos o predicador *viajar*, cujo sentido básico<sup>^^</sup> configura-se como *empreender viagem, deslocar-se* (cf. Borba, Ferreira e Cunha), conseqüentemente locativo, mas no âmbito deste contexto metaforizado em temporal, pela adição do argumento temporal (= no tempo), cujo sentido é *voltar no tempo, voltar ao passado* através de uma máquina. É um predicador triargumental, percebido agentivamente, por denotar intenção (representada pelo Agente). A vs do verbo *viajar* no enunciado acima, requer um A (Agente) e um 0 (Objeto), correferentes, e um T (Tempo), que expressa a época para a qual se transporta o policial, sintetizada no esquema casual: +[   <sup>A</sup>,\*0,T]/A=0

28. VIRAR - Cf. Borba: I. Indica ação. 1. Com sujeito agente e 1.1. Com dois complementos: um expresso por nome de líquido e outro, locativo, apagável, significa *derramar, verter, despejar*: Dona Laura virou o líquido escuro e fúmegante na xícara (CR, 56). [...] II. Indica processo. 1. Com sujeito paciente expresso por nome indicativo de líquido e com locativo, significa *verter, derramar*: Distraiu-se e o leite virou no tapete. [...]

Cf Ferreira: [De um provável hibridismo celta-latino \*virare < galês gwyro, ‘inclinarse para um lado’.] V.t.d. 1. Inverter a direção ou a posição de; volver, voltar: Virou o automóvel para fazer a manobra.

Cf Cunha: Vb. ‘mudar de um para outro lado a direção ou a posição de’XVII. Do fi'. virer, deriv. do lat. \*virare, que se supõe resultar do cruzamento de gyrare ‘girar’ com vibrare ‘vibrar’ ou com vertere ‘voltar, virar’//DESvirAR 1899//Revira sf ‘certa dança negra’1899//REvirADÔ 1844//REvirAR XVII//REvidaVOLTA sf ‘ato de (fazer) voltar em direção oposta à que se seguia’1858//REvirETE sm. ‘dito picante, gracejo’XVII/[...]

Exemplo com o verbo *virar* metaforizado em predicador temporal:

“**Fila** por telefone vai virar o século”. (F.S.P.,07.12.97:A-15)

---

<sup>13</sup> “[...] o presidente da empresa, Jorge Cateb, viajou para a Suécia, em novembro passado, [...]” (F.S.P.,12.01.98:1-6), com o esquema casial +[   <sup>A</sup>, \*0, L]/A=0, portanto, locativo agentivo.



Neste enunciado, encontramos o predicador *virar*, cujo sentido básico configura-se como *derramar, verter, despejar* (cf. Borba), *inverter a direção ou a posição de; volver, voltar* (cf. Ferreira e Cunha), logo locativo, mas no contexto acima metaforizado em temporal, pela adição do caso temporal (= o século), cujo sentido é *demorar*. A vs do verbo *virar*, no enunciado acima, encerra um Objeto (O) e um Tempo (T), percebidos processualmente, sintetizada no seguinte esquema casual; +[\_\_ 0, T],

29. VIVER - Cf. Borba: I. Indica processo com sujeito experimentador. 1. Com complemento expreso por nome abstrato, significa *experimental, vivenciar*: Lígia das Graças vivia a estupenda ventura de ver o pai Gutenberg em palestra (AS, 296); Não gosto de viver o patético (BB, 77). [...] II. Indica ação com sujeito agente e com complemento da forma de + nome de alimento. Significa *nutrir-se, alimentar-se*: Carola vivia de guaraná, coca, café com leite (A, 12).

Cf Ferreira: [Do lat. vivere.] V. int. 1. Ter vida; estar com vida; existir: O doente ainda vive; “Ôh! eu quero viver, beber perfumes / Na flor silvestre, que embalsama os ares” (Castro Alves, *Obra Completa*, p. 88); Cabral viveu ainda cerca de vinte anos depois de sua viagem afortunada” (Rodolfo Garcia, *Ensaio sobre a História Política e Administrativa do Brasil*, p. 41). 2. Perdurar, subsistir, existir; durar: Até quando viverá este desentendimento?

Cf Cunha: Vb. ‘ter ou estar com vida, existir’ XIII. Do lat. vivere/ZAVIVAMENTO XIVAVIVARvb. ‘animar, estimular’ XIV. [...]

Exemplo com o verbo *viver* metaforizado em predicador temporal:

“Luz Vermelha viveu 4 meses e 10 dias depois que foi libertado, em agosto do ano passado após ficar preso por 30 anos”. (F,S,P,09.01.98:3-7)

Neste recorte, encontramos o verbo *viver*, cujo sentido básico configura-se como *experimental, vivenciar* (?) (cf Borba), *ter vida, existir* (cf Ferreira e Cunha), conseqüentemente um verbo básico, como vimos acima. No entanto, acha-se metaforizado no recorte acima em temporal. A vs do verbo *viver*, no enunciado em questão, encerra um caso Objeto (O), aquele/aquilo que transcorreu/durou um certo período de tempo, tendo como esquema casual: +[\_\_ O, T].

30. VOLTAR - Cf. Borba: I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito agente e 1.1. Com dois complementos; um expresso por nome concreto e outro, de direção, significa *dirigir, virar*: Mauro, já de longe, voltou o rosto para mim (A, 19) [...] II. Indica processo. 1. Com sujeito paciente expresso por nome animado e 1.1. Com complemento, apagável, da forma de + nome desmaio, significa *reanimar-se*: A muito custo a garota voltou do desmaio. [...]

Cf Ferreira; [Do lat. \*volvitare, calcado num part. pass. \*volvitu, em lugar do clás. volutu, de volvere, 'vira?'] V.T.c. 1. Ir ou dirigir-se ao ponto de onde partiu; regressar, retomar; O navio voltou ao porto.

Cf Cunha; voflar, -arete, -ário, -e, -ear, -ejar -> VOLVÊR

Exemplo com o verbo *voltar* metaforizado em predicador temporal;

*"Sam Magruder também usa máquina. Em seu laboratório, trata de esgarçar o tecido do tempo, para descobrir-lhe falhas. Penetra em uma delas por acidente e volta 80 milhões de anos". (F.S.P.,19.10.97;5-12)*

No enunciado acima, encontramos o predicador *voltar*, cujo sentido básico\*" configura-se como *dirigir, virar* (cf Borba), *ir ou dirigir-se ao ponto de onde partiu* (cf Ferreira), *volver*{cí. Cunha), delineando um locativo. Neste contexto está metaforizado em temporal, pela adição do caso temporal (= 80 milhões de anos), cujo sentido é *voltar no tempo/retornar ao passado*. É um predicador biargumental, percebido processualmente. A vs do verbo *voltar*, neste enunciado, encerra um caso Objeto (0), o ser ou a coisa que se desloca no Tempo (T), tendo como esquema casual; +[\_\_\_ O, T].

---

<sup>14</sup> "Nahas obtém liminar e deve voltar ao país". (F.S.P.,16.10.97:2-6), tendo como esquema casual +[\_\_\_ A,\*0, L]/A=0, ou seja, locativo agentivo.

### ***Quadro de realizações efetivas das predicacões temporais metaforizadas***

No quadro, a seguir, temos os seguintes esquemas casuais dos predicadores metaforizados:

Estados	Oe,T	2 ocorrências
Processos	0, T	20 ocorrências
Ações	A,0,T	8 ocorrências

Quadro 4

Dos 30 enunciados temporais metaforizados analisados, encontramos 20 enunciados temporais processuais, 08 temporais agentivos e 02 temporais estáticos. O quadro 4, acima, apresenta esquemas casuais que sintetizam enunciados temporais metaforizados.

Lista dos predicadores *{temporais metaforizados}* analisados com seus esquemas casuais, em ordem alfabética:

alongar (-se) - 0,T

aproximar (-se) - \*0,T/0-apag.

arrastar (-se) - 0,T

cair - \*0,T/0-apag.

chegar -0,T

cobrir - Oe,T

datar - A,0,\*T/T-apag.

deixar - A,0,T

desperdiçar - \*A,0,T/A-apag.; pass.

ejetar - \*A,0,T/A-apag.

empurrar - A,0,T

entrar - 0,T

estender - \*A,0,T/A-apag.; pass.

fazer - 0,T

faltar - 0,T

ficar - 0,T

ir - 0,T

levar - 0,T

passar - 0,L,T

percorrer - 0,T

perder - 0,T

prolongar(-se) - O,T

queimar - O,T

recuar - O,T

viajar - A,\*O,T/A=O

virar - O,T

viver - O,T

voltar - O,T

ter - Oe,T

transferir - \*A,O,T/A-apag.; pass.

Podemos extrair dos quadros das predicções metaforizadas a seguinte lista de predicadores (origem) metaforizados em predicadores temporais (destino). • ->T

alongar(-se)	básico	0	temporal	T
aproximar(-se)	locativo	L	temporal	T
arrastar(-se)	locativo	L	temporal	T
cair	locativo	L	temporal	T
chegar	locativo	L	temporal	T
cobrir	locativo	L	temporal	T
datar •	locativo	L	temporal	T
deixar	locativo	L	temporal	T
desperdiçar	benefactivo	B	temporal	T
ejetar	locativo	L	temporal	T
empurrar	locativo	L	temporal	T
entrar	locativo	L	temporal	T
estender	locativo	L	temporal	T
fazer	básico	0	temporal	T
faltar	básico	0	temporal	T
ficar	locativo	L	temporal	T
ir	locativo	L	temporal	T
levar	locativo	L	temporal	T
passar	locativo	L	temporal	T
percorrer	locativo	L	temporal	T
perder	benefactivo	B	temporal	T
prolongar(-se)	básico	0	temporal	T
queimar	básico	0	temporal	T
recuar	locativo	L	temporal	T
viajar	locativo	L	temporal	T
virar	locativo	L	temporal	T
viver	básico	0	temporal	T
voltar	locativo	L	temporal	T
ter	benefactivo	B	temporal	T
transferir	locativo	L	temporal	T

Quadro 5

Da lista acima, composta dos predicadores temporais analisados no segundo bloco do “corpüs”, extraímos o quadro no.6, quadro síntese de predicadores temporais metaforizados.

Origem/Predicadores	Metaforizados em T	Número de ocorrências	Porcentagem
L	T	21	70%
O	T	06	<b>20%</b>
B	T	03	10%

Quadro 6

Para o analista que trabalhou com a metáfora, o quadro acima sintetiza a nossa percepção do ‘movimento’, do ‘transporte’ (metaphorá), do ‘deslocamento’ que sofrem os predicadores locativos, básicos e benefactivos para instaurar um ‘cenário’ (ou seja, conjunto de cenas) *temporal* na lingua(gem). Os comentários dos resultados das análises que efetuamos integram as conclusões que passamos a esboçar.

## CONCLUSÕES

Nossa preocupação no decorrer desta pesquisa foi tentar responder às indagações que pontuam o trabalho: existem enunciados temporais na língua(gem)? Como nascem? Para tanto, no primeiro capítulo, iniciamos nossa investigação nas gramáticas/teorias visando extrair destas seu tratamento da noção de tempo. Verificamos que nas gramáticas ditas tradicionais, no estruturalismo, nas gramáticas de orientação eclética e na gramática transformacional, o tempo é visto como elemento periférico, isto é, *modal*, na terminologia da teoria de casos.

No segundo capítulo, paralelamente à busca da noção de tempo, procuramos abordar os pressupostos teóricos da teoria de casos, formulada por Charles J. Fillmore (1968, 1971, 1975), e também desenvolvida por Wallace L. Chafe (1970), John M. Anderson (1971), Walter A. Cook (1979, 1989), que têm no predador seu ponto de referência. Examinamos modelos da teoria de casos, tanto de orientação localista quanto de orientação não-localista (cuja opção vai ser crucial em nosso trabalho), optando pelo modelo da UFSC (formulado por A. T. Nicolacópulos 1992, A. T. Nicolacópulos et alii 1997), de orientação não-localista, cujo sistema casual encerra predicadores básicos, experimentativos, benefactivos, locativos, *temporais*, comitativos e holísticos, que constituem enunciados básicos, experimentativos, benefactivos, locativos, *temporais*, comitativos e holísticos, respectivamente. Este modelo baseia-se em Cook (ibidem) que, por sua vez, assenta-se nos modelos de Charles J. Fillmore (ibidem), Wallace L. Chafe (ibidem) e John M. Anderson (ibidem). Diferencia-se do modelo de Cook, especialmente no que tange à consideração de aspectos pragmáticos e discursivos que viabilizam a interpretação de predicadores/enunciados metafóricos.

Munidos destas ferramentas de trabalho, passamos a analisar a emergência da temporalidade em enunciados da língua(gem) jornalística, em ‘recortes’ colhidos da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, entre os períodos outubro de 1997 e abril de 1998, independentemente de seção. Delineado este quadro teórico, partimos para a análise do corpus.

Já no início da análise, percebemos diferenças significativas entre os *predicadores temporais* e, para dar conta destas, decidimos dividir a análise em dois blocos: um, para

tratar de enunciados que contém predicadores temporais propriamente ditos (isto é, cujo sentido básico é *temporal* e permanece *temporal*) e outro, para examinar a emergência de *enunciados temporais* a partir de predicadores ‘basicamente’ não temporais, mas metaforizados em temporais no(s) respectivo(s) contexto(s).

Os resultados obtidos pela análise de quarenta e cinco (45) enunciados, no terceiro capítulo, permitiram que extraíssemos as conclusões que seguem:

1. Podemos afirmar, com segurança, que existem enunciados temporais na língua(gem).
2. Os enunciados temporais ‘nascem’ a partir de predicadores temporais.
3. Os predicadores temporais são basicamente de três tipos; temporais estáticos, temporais processuais e temporais agentivos. (cf. Quadro 3)
4. Existem enunciados temporais na língua(gem) que emergem de predicadores não temporais, metaforizados em temporais, (cf. Quadro 7)

L	→	T
0	→	T
B	→	T

Quadro 7

5. Os predicadores metaforizados (em temporais) têm um denominador comum com os predicadores ditos básicos (sentido básico). Em outras palavras, o sentido considerado ‘básico’ subjaz ao sentido metaforizado, resguardando a ‘semelhança’ entre os dois.\*
6. Esta constatação conduz à conclusão que a análise não pode prescindir do âmbito contextual.
7. O âmbito contextual intervém decisivamente na constituição de enunciados metafóricos temporais.^
8. Os predicadores temporais aparecem na língua(gem) jornalística quer no sentido básico:
  1. Com o predicador *adiar*: “*Falta de quórum adia votação da Previdência*”. (E.S.P.,09.01.98:A1).
  2. Com o predicador *prorrogar*: “*Caixa prorroga por dois meses quitação da casa própria com vantagens*”. (F.S.P.,08.12.97:2-7), quer como metáfora de outros campos:
    1. Com o predicador *chegar*: “*Apesar de o tempo de espera por um telefone chegar a dois anos, a maior reclamação do usuário em São Paulo tem sido a demora na transferência de telefones, que deveria levar poucos dias.*”

---

\* Esta posição alinha-se com o pensamento de Aristóteles para quem “metaforizar bem é perceber as semelhanças”. (1993:118)



(E.S.P.,07.12.97:A15). 2. Com o predicador *fazer*: "*São Paulo faz 444 anos com muita música*". (E.S.P.,23.01.98;A2). 3. Com o predicador *ter*: "*Árvores da Amazônia tem até 1.400 anos*". (F.S.P.,08.01.98:1-13).

9. A maioria dos enunciados metafóricos analisados trataram de metaforizações do locativo para o temporal (L → T); em outras palavras, existe uma preferência da parte do enunciador, ou seja, uma nítida 'intenção' metafórica de produzir enunciados temporais via predicadores locativos que, no âmbito do contexto do enunciado, assumem contornos, "feições" temporais;

10. Que a "intenção" do enunciador em optar por fazer uma "peregrinação" via locativo, básico ou benefactivo (e possivelmente outros) visa causar um certo efeito de sentido. O objetivo é evocar uma determinada imagem. Veja-se a diferença entre *demorar* e *arrastar-se* nos enunciados analisados: 1. Com o predicador *demorar*: *Russos fazem passeio espacial e acham vazamento do Mir. Operação fora da estação orbital demorou cerca de três horas* (E.S.P,10.01.98:1-8). 2. Com o predicador *arrastar-se*: *Decisão do Conselho se arrasta há semanas* (F. S.P, 10.10.97:B5).

II. Uma conclusão instigante verificada nos dados analisados é que os predicadores temporais ditos básicos não se prestam (ou não se 'emprestam'?) como origem à metáfora para outros campos.

12. Predicadores de outros campos, no entanto, prestam-se a metaforizar-se em direção ao campo temporal (T), ou seja, tendo Tempo como destino. Por exemplo: 1. com o predicador *levar*: "*Apesar de o tempo de espera por um telefone chegar a dois anos, a maior reclamação do usuário em São Paulo tem sido a demora na transferência de telefone, que deveria levar poucos dias*". (E.S.P,07.12.97:A15), derivado do campo locativo. 2. Com o predicador *viver*: "*Luz Vermelha viveu 4 meses e 10 dias depois que foi libertado, em agosto do ano passado após ficar preso por 30 anos*". (F.S.P,09.01.98:3-7), saindo do campo dos predicadores básicos para o campo dos predicadores temporais. 3. Com o predicador *perder*: "*Contribuintes que foram ontem à Secretaria aproveitar o desconto perderam até três horas na fila*". (F.S.P,11.10.97:3-8), que denota benefício/malefício, tendo como sentido básico um benefactivo.

---

^ Esta conclusão coaduna-se com a noção de cenas (Fillmore, 1977), na qual o enunciador pode optar por trazer determinados participantes em *perspectiva* e deixar outros no "background".

13.0 analista deverá ter concluído que a vertente localista da teoria de casos é inadequada no tratamento de enunciados metafóricos. Dai, a opção pela vertente não-localista. Por exemplo: *Máquina do tempo transporta professor para o dia no qual John Kennedy foi assassinado.* (E.S.P., 14.11.97:011), cujo sentido *temporal* configura-se na vertente não-localista como +[\_\_\_ A,0,T], como metáfora derivada do campo locativo (L -> T). Na linha localista, o enunciado *temporal* acima constitui-se em +[\_\_\_ A,0,\*0r,M]/0r-apag., quer no sentido temporal (metafórico) quer no sentido locativo (básico).

14. O significativo número de predicadores temporais identificados configura uma considerável “taxa de retomo” de nosso investimento na teoria de casos;

Finalmente, o balanço que fazemos do nosso olhar ‘casual’ (leia-se gramática de casos) sobre os predicadores temporais é o seguinte: as gramáticas que percorremos no primeiro capítulo não fizeram alusão a predicadores temporais; os modelos resenhados no segundo capítulo apresentaram de nenhum a não mais de três (03) predicadores temporais. Este trabalho, por sua vez, produziu uma lista inédita de quarenta e cinco (45) predicadores temporais, quais sejam: (*estar*) *acelerado, acelerar, adiar, anteceder, antecipar, apressar, atrasar, demorar, durar, eternizar, postergar, prorrogar, protelar, retardar, tardar, alongar(-se), aproximar (-se), arrastar (-se), cair, chegar, cobrir, datar, deixar, desperdiçar, ejetar, empurrar, entrar, estender, fazer, faltar, ficar, ir, levar, passar, percorrer, perder, prolongar (-se), queimar, recuar, viajar, virar, viver, voltar, ter e transferir.*

Os resultados dos dados da pesquisa que realizamos nos persuadiram a constituir, como próximo passo da pesquisa, um banco de dados para prosseguir na fascinante tarefa de seguir investigando a emergência de *enunciados temporais* na lingua(gem) jornalística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola (1982). Dicionário de filosofia. Trad. de; Dizionário di Filosofia. Alfi-edo Bosi et alii. São Paulo: Mestre Jou.
- ALLWOOD, J. et alli, (1977). Logic in linguistics. Cambridge: Cambridge University Press.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1965). Gramática metódica da língua portuguesa. São Paulo; Saraiva.
- ANDERSON, John M. (1971). The grammar of case; towards a localistic theory. Cambridge, Cambridge Studies in Linguistics, n. 4, At the University Press.
- \_\_\_\_\_ (1977). On case grammar. London; Croom Helm.
- ANDRÉ, Hildebrando A. (1982) Gramática ilustrada. 2.ed. São Paulo; Moderna.
- ARISTÓTELES (1985). Organon. Categorias. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa; Guimarães. v.1. p. 43-113.
- \_\_\_\_\_ (1993). Poética. Ars Poética. (Edição bilingüe) 2.ed., São Paulo.
- BATHKE, Elizete dos Santos (1990). Transitividade e significado oracional; contribuição ao estudo da sinonímia. Dissertação de Mestrado. Florianópolis; UFSC.
- BECHARA, Evanildo (1972). Moderna gramática portuguesa. 19.ed. São Paulo; Nacional.
- BIDERMAN, M. T. C. (1978). Teoria lingüística Hingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro; Livros Técnicos e Científicos.
- BOMFIM, Eneida. (1988). Advérbios. São Paulo; Ática. Série Princípios.
- BORBA, Francisco da Silva (Coordenador) et alii (1990). Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil. São Paulo; Editora Estadual Paulista.
- BORBA, Francisco da Silva (1996). Uma gramática de valências para o português. São Paulo; Ática.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1970). Princípios de lingüística geral. 4.ed. Rio de Janeiro; Livraria Acadêmica.
- \_\_\_\_\_ (1971) Problemas de lingüística descritiva. 4.ed., Rio de Janeiro; Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1974). Princípios de lingüística geral. 4.ed., Rio de Janeiro; Livraria Acadêmica.
- \_\_\_\_\_ (1975). História da lingüística. 2.ed. Trad. Maria A. B. de Azevedo. Petrópolis; Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1979). História e estrutura da língua portuguesa. 2.ed. Rio de Janeiro; Padrão.

- CABRAL, Leonor Seliar. (1982). Introdução à lingüística. Porto Alegre: Globo.
- CARVALHO, Maurício Brito de. (1986). Uma introdução às gramáticas de casos. Viçosa. UFV; Impr. Universitária.
- \_\_\_\_\_ (1987). Considerações sobre a diversidade de propostas de gramática de casos. SeriEncontros, Ano II, n. 1. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. São Paulo; UNESP: Campus de Araraquara. p. 10-24.
- CEGALLA, Domingos Paschoal (1981). Novíssima gramática da língua portuguesa. 22.ed. São Paulo: Nacional.
- CHAFE, W. L. (1970) Meaning and the structure of language. Chicago: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_ (1979). Significado e estrutura lingüística. Tradução de Meaning and the Structure of Language (1970). Maria Helena de M. Neves et alÜ. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- CHOMSKY, N. (1975). Aspectos da teoria da sintaxe. 2.ed. Tradução de: Aspects of the theory of syntax (1965). The MIT Press. Cambridge, Mass. Coimbra; A. Amado.
- COOK, Walter A. S. J. (1971). Improvements in case grammar. 1970. Georgetown University Papers on Languages and Linguistics, n. 2. Washington D.C.; Georgetown University Press.
- \_\_\_\_\_ (1972). A set of postulates for case grammar analysis. Georgetown University Papers on Languages and Linguistics, n. 4. Washington, D.C.; Georgetown University Press.
- \_\_\_\_\_ (1973). Covert case roles in case grammar; In case grammar and generative semantics. Georgetown University Papers on Languages and Linguistics, n.10. Washington D.C.; Georgetown University Press.
- \_\_\_\_\_ (1973b). Verb classification in case grammar. University of Michigan Papers in Linguistics (UMPIL), v. 1., n. 2.
- \_\_\_\_\_ (1974). Case grammar and generative semantics. Georgetown University Papers on Languages and Linguistics, n.8. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- \_\_\_\_\_ (1978). Case grammar matrix model. In Valence, Semantic Case and Relational Grammar. Edited by Wemer Abraham Companion Series to Studies in Language, v. 1. Amsterdam: John Benjamin.

- COOK, Walter A. S. J.(1979). Case grammar: development of matrix model 1970-1978. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- \_\_\_\_\_ (1989). Case grammar theory. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. (1982). Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro; Nova Fronteira.
- CUNHA, Celso (1980). Gramática do português contemporâneo. 8.ed. Rio de Janeiro; Nova Fronteira.
- DUBOIS, Jean et alii (1986). Dicionário de lingüística. Traduzido de; Dictionaire de Linguistique (1973). São Paulo; Cultrix.
- ECO, Humberto. (1991) Semiótica e filosofia da linguagem. São Paulo; Ática.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1988). Dicionário Aurélio escolar da língua portuguesa. Rio de Janeiro; Nova Fronteira.
- FILIPAK, Francisco. (1984). Teoria da metáfora. Curitiba; HDV.
- FILLMORE, Charles J. (1966). A proposal conceming english prepositions. In; Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 1966. Washington, D.C.; Georgetown University Press.
- \_\_\_\_\_ (1968). The case for case. In; Universais in linguistics theory, New York; Holt, Rinehart and Winston.
- \_\_\_\_\_ (1971). Some problems for case grammar. In; Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. Edited by Richard J. O'Brien, S.J. Washington, D.C.; Georgetown University Press.
- \_\_\_\_\_ (1975). Principies of case grammar; the structure of language and meaning. Tokyo; Sanseido Publishing Company.
- \_\_\_\_\_ (1977). Em favor do caso. Traduzido de; The case for case, 1968. Alzira Soares da Rocha et alii. In; LOBATO, Lúcia M.A. A semântica na língua moderna; o léxico. Rio de Janeiro; Francisco Alves, p. 275-359.
- FLÔRES, Lúcia L. (1994). Teoria da correferencialidade com especial atenção ao português. Dissertação de Mestrado. Florianópolis; UFSC.
- FURLANETTO, Maria Marta (1997). Tenho o trabalho na cabeça. Ensaio. Florianópolis; mimeo (trabalho inédito).

- HENGENBERG, L. (1975). Lógica: simbolização e dedução. São Paulo: EPU; Ed. da Universidade de São Paulo.
- ILARI, Rodolfo et alii (1985). Semântica. 2.ed. São Paulo: Ática. Série Princípios.
- ILARI, Rodolfo. (1997). A expressão do tempo em português. São Paulo: Contexto; EDUC. - (Repensando a língua portuguesa).
- INFANTE, Ulisses. (1995). Curso de gramática aplicada aos textos. 2.ed. São Paulo: Scipione.
- LACEY, Hugh M. de (1972). A Linguagem do espaço e do tempo. São Paulo: Perspectiva.
- LAGE, Nilson Lemos. (1986) Linguagem jornalística. 2.ed. São Paulo: Ática. Série Princípios.
- LAKOFF, George (1966). Stative verbs and adjectives in english. In Mathematical linguistics and automatic translation. Edited by A. G. Dettinger. Cambridge, Mass: Havard University Press.
- LEECH, G. (1981). Semantics. Middlesex, England: Penguin Books.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha (1976). Gramática normativa da língua portuguesa. RÍO de Janeiro: J. Olympio.
- LONGO, Beatriz N. de Oliveira (1987). A gramática de Charles Fillmore. SeriEncontros. Ano II, n.1. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. São Paulo: UNESP: Campus de Araraquara.
- LUFT, Celso Pedro (1976) Gramática resumida. 8.ed. Porto Alegre: Globo.
- \_\_\_\_\_. (1985). Moderna gramática brasileira. 6. ed. Porto Alegre: Globo.
- \_\_\_\_\_. (1989) Novo manual de português: gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes. 5.ed. Rio de Janeiro: Globo.
- LYONS, John (1979). Introdução á lingüística teórica. Tradução de: Introduction to Theoretical Linguistics (1969). Rosa V. M. e Silva et alii. São Paulo: Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo.
- MACAMBIRA, José Rebouças (1987). A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo lingüístico. 5,ed. São Paulo: Pioneira.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. (1990). Iniciação à semântica. Rio de Janeiro: Zahar.
- MATEUS, Ma. Helena. (1989). Gramática da língua portuguesa. 2.ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho.

- MESQUITA, Roberto M. (1996) Gramática da língua portuguesa. 5.ed. São Paulo; Sarai-va.
- MOURA, Heronides M. de Melo (1988). A passiva e o problema da relação sintaxe-semântica. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC.
- MONDIN, Batista (1981). Curso de filosofia. São Paulo: Edições Paulinas.
- NEVES, Maria Helena de Moura (1987). A vertente grega da gramática tradicional. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_ (1987). Gramática de casos. SériEncontros. Ano II, n. 1. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. São Paulo: UNESP: Campus de Araraquara.
- NICOLACÓPULOS, Apóstolo T. (1981). A semântic analysis of portuguese predications. An introduction to case grammar. Tese de Doutorado. Washington, D.C.: Georgetown University.
- \_\_\_\_\_ (1992). The holistic case - an introduction to case grammar. Florianópolis: UFSC.
- \_\_\_\_\_ (1997). Anais do CelSul. O modelo casual da UFSC. Florianópolis/SC, v.1. p. 203-209.
- OLIVEIRA, Avani de. (1977). Anais do Cellip. Proposições benefactivas em contextos de propaganda - uma análise semântico-pragmática. Londrina/PR, v. 2. p. 297-304.
- OLIVEIRA, M. G. Albino. (1995). Predicações polissêmicas e metafóricas - uma abordagem semântico-pragmática. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC.
- \_\_\_\_\_ (1989). Dar - o verbo mais polissêmico da Língua Portuguesa, Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC.
- PANTALEÃO, Elisa P. da Costa (1987). A gramática de casos de Fillmore - o modelo de 1971. SériEncontros. Ano II, n. 1. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. São Paulo: UNESP: Campus de Araraquara.
- PERINI, Mário A. (1976). A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. Belo Horizonte: Vigília.
- PONTES, Eunice. (1973). Verbos auxiliares em português. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1990). A metáfora. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP.
- \_\_\_\_\_ (1992). Espaço e tempo na língua portuguesa. Campinas/SP: Pontes (Linguagem-ensino).

- SACCONI, Luiz Antônio (1982). Nossa gramática: teoria e prática. São Paulo: Atual.
- TEIXEIRA, Raquel F. A (1987). Fillmore: a relativização dos casos em cenas. SertEncontros, Ano II, n. 1. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. São Paulo: UNESP: Campus de Araraquara.
- TODOROV, T. e DUCROT, O. (1977). Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. São Paulo: Perspectiva.
- VILELA, M. (1992). Gramática de valências. Coimbra: Almedina.
- ZUCCO, Bemadete (1992). Introdução ao estudo do objeto: uma análise casual. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC.